Protohistória cearense

TH. POMPEU SOBRINHO

TERCEIRO CAPITULO

SUMÁRIO:—*A costa do Ceará na cartografia quinhentista. Classificações dos mapas quinhentistas em que figuram as costas brasileiras. A imprecisão do traçado do meridiano demarcatório de Tordesilha e as suas conseqüências. O primeiro esbôço do traçado das costas nordeste e norte do Brasil. O primeiro mapa da América e o desenho das costas cearenses. O planisfério de Juan de La Cosa. Considerações em tôrno do autor e do seu mapa. A costa do Ceará no mapa de Juan de La Cosa. As caravelas de Diogo Lepe. Identificações toponimicas. O mapa de Alberto Cantino; como se explica a omissão de nomenclatura na costa nordeste do Brasil. O valor técnico e documentário dêste mapa para a protohistória nordestina. Algumas identificações interessantes. Os mapas de Munich. A angra de S. Roque. O artistico mapa de Canério e a falta de inscrições na costa do Ceará. Santa Maria de Gracia e a baia do Retiro. Os cartógrafos do Ginásio dos Voges. Ilacomylus e as cartas da "Cosmographiae Introductio". A carta publicada em 1507 e o ciclo dos mapas lusitano-germânicos. Exame sumário dêste interessante documento. O Ptolomeu de Tesinus e o mapa de Jean Ruysch; os montes de S. Vicente* versus *serranias de Maranguape e Aratanha. O mapa do cronista Pedro Mártir. O mapa de número 2803 do Eggerton e três rios do Ceará. Os mapas do "Almirante" e o de Leonardo de Vinci; a Angla e a enseada do Mucuripe. O Ptolomeu de Sylvanos Ebolensis e o seu planisfério; o curioso mapa polonês de Stobnicza. Outros mapas do tipo luso-germânico. Os artisticos mapas italianos. O mapa do conde Ottomano Freducci e a "Costa de S. Rocco" no Ceará. Paricura. Os Reinel, pai e filho, e os seus belos mapas. Identificações de topónimos cearenses. Indicações de acontecimentos históricos. O mon-*

te Li. As palmeiras do litoral norte do Ceará. O Pernambuco cearense. As curiosas cartas do Maiollo e o discutido mapa de Turim. O "cabo da Monte" e o promontório de Jeriquaquara. Diogo Ribeiro e os seus mapas. Os baixos de João de Braga. Verrazzano e o seu mapa. O interessante mapa português de Gaspar Viegas. Identificações que se referem à costa cearense. O protótipo de Diogo Leite. O Padron Real e os mapas de Alonzo de Santa Cruz e de Alonzo Chaves. Identificações toponímicas. Vários mapas que não interessam à protohistória cearense. O mapa inglês de Jean Rotz e a sua nomenclatura cearense. A carta de Diogo Homem; comparação da sua nomenclatura cearense com as dos mapas franceses; identificações. Mapas de Gutierrez e Bartolomeu Velho; as primeiras representações da geografia do interior do continente sul-americano. As cartas geográficas de Fernão Vaz Dourado; identificações de alguns acidentes costeiros do Ceará. O mapa de Le Testu. O celebre mapa da biblioteca da Ajuda ou o mapa das Capitanias; pela primeira vez aparecem os topónimos indígenas Mucuripe *e* Jaguaribe. *Os últimos mapas do século nada interessam à protohistória cearense. "O Tratado Descritivo do Brasil" e o "Roteiro Geral" de Gabriel Soares; identificações toponímicas no Ceará. Algumas observações sôbre a nomenclatura e inscrições da costa do Ceará nos mapas quinhentistas. Toponímia quinhentista do Ceará.*

É sem dúvida curioso verificar que nos mais antigos mapas da América sempre figura a costa nordeste do Brasil, inclusive a do Ceará, em tôda a sua extensão. Êstes documentos veneráveis de que os primeiros são manuscritos, mas, não obstante, ricamente ornamentados, pitorescamente iluminados. têm sido objeto de exaustivos estudos sob muitos aspectos, No que se refere à costa brasileira indicada, porém, as observações até o presente publicadas se ressentem de algumas lacunas e são muito resumidas. O número relativamente grande de documentos cartográficos quinhentistas permite uma análise profunda de muitas circunstâncias relacionadas com a primeira história daquelas regiões; não é êste o propósito que aqui se desenvolve. Antes, num escôrço ligeiro, se hão de considerar apenas alguns fatos ligados à costa especialmente cearense ou às que lhe são mais próximas.

Os mapas manuscritos que chegaram até nós, provà-

velmente, não excedem meia duzia. São anteriores ao ano de 1507, quando apareceu, num obscuro recanto dos Voges, o célebre mapa de *Waldseemuller* e a famosa «Cosmografiae Introductio» (1), impressos ao jeito da época.

Poucos também são os esboços ou *croquis* daquele tempo que escaparam à usura dos séculos, matéria prima para a confecção dos grandes mapas e planisférios.

Conquanto as cartas geográficas nunca foram abundantes, mercê da enorme quantidade de informações que a sua organização requeria, êsses *croquis* ou «figuras de costas» deviam ser quase tantas quantas foram as explorações que da Ibéria vieram às terras do Novo Mundo para qualquer fim.

É que, como verificou Kohl, nenhuma classe de documentos históricos foi mais atingida pela ação destruidora do tempo que a dos velhos mapas. (2)

***

Stevenson classifica as antigas cartas onde figura o continente ocidental em alguns *tipos*, de acôrdo com certas particularidades comuns. (3) O exame atento dessas categorias mostra que se compõem geralmente de elementos originários da Península Ibérica, uns ali mesmo confeccionados, outros copiados mais ou menos servilmente daqueles ou organizados mediante informes ou *croquis* mais ou menos fiéis, oriundos da Península, com raras originalidades de fundamental importância.

Embora muito interessante para o estudo da cartógrafia primitiva da América, esta classificação não oferece marcado proveito para o caso que aqui se objetiva. É escasso o arrimo que nos dá.

Stevenson distingue um primeiro *tipo* de mapas americanos que se carateriza pela representação das novas regiões como grupo de ilhas.

O caráter insular das terras do Novo Mundo gozou de grande divulgação nos primeiros lustros após o descobrimento e, naturalmente, havia de concretizar-se nos esboços primitivos, que, infelizmente, não escaparam ao desgaste do tempo. Por isso, os mapas dêste tipo são poucos agora; êles, entretanto, se distribuem em duas categorias: — A —e— B—. Em—A—, estão os desenhados *in plano;* os espécimes mais representativos são os de Hamy e as cartas portuguêsas de Munich.—B—compreende os mapas do mesmo tipo desenhados em forma de globo, como o globo de Lenox, o de Winsor, de Jagellonicus, etc.

A origem pronunciadamente lusitana de tais documen-

tos demonstra-se pela rudimentar representação das Antilhas espanholas, contrastando com a dos descobrimentos defendidos pelos portuguêses, que são largamente desenvolvidos.

Outro característico é a deficiência da representação dos territórios situados ao N W das Antilhas e o aspecto mais ou menos continental dado à América do Sul.

Cumpre salientar esta procedência lusitana.

Para o caso muito especial que temos em vista, ao estudo da costa cearense e das suas vizinhas mais próximas, convém outra distribuição mais prática. O exame em conjunto dos mapas quinhentistas, em face destas considerações, autoriza classificá-los em dois grupos principais. O primeiro compreende todos os mapas que representam o gólfão do Maranhão de modo rudimentar, sem as suas características topográficas; o segundo grupo abrange os que apresentam desenho sensìvelmente correto dêste gólfão, definido pelo contôrno quase específico e pela confluência nêle de pelo menos dois grandes rios.

Esta base de classificação é interessante, por que marca um progresso considerável na cartografia das costas brasileiras, indicando que já pouco antes de 1534, quando apareceu o primeiro mapa dêste grupo, as costas nordeste e norte do Brasil tinham sido cuidadosamente observadas; bons esboços delas se divulgaram, servindo de protótipo a numerosos mapas, não só na Pininsula como fora, especialmente na Holanda e Itália.

O mais antigo dos mapas dêste grupo é o de *Gaspar Viégas*, interessante documento cartográfico português circunstância que deixa supor que aquelas observações costeiras, admirávelmente precisas para a sua época, foram feitas por nautas lusitanos. A exploração que permitiu tais melhoramentos nas cartas marinhas, com muita probabilidade de acêrto, pode ser atribuída a Diogo Leite, que, em 1531, a mandado de Martim Afonso de Sousa, percorreu em caráter oficial as costas nordeste do Brasil, de Pernambuco à foz do rio Amazonas.

«Daqui mandou o capitam I. (Irmão) [diz Pero Lopes no seu *Diário da Navegação*], as duas caravelas, para que fossem descobrir o RIO do MARANHAM.»

Dêstes mapas, os mais interessantes são: o de Gaspar Viégas, conservado na Biblioteca Nacional de Paris e cuja precisão causou admiração ao almirante Mouchez, encarregado do levantamento das costas do Brasil; o de Diogo Homem (1558), de Lázaro Luís (1563), de Bartolomeu Velho (1564), os de Fernão Vaz Dourado, confeccionados de 1568 a 1580, e o curioso mapa das Capitanias, existente na Biblioteca da Ajuda;

são portuguêses e em geral serviram de modêlo para os mapas de Alonzo Chaves (1542) e Alonzo de Santa Cruz (1542), confeccionados em Espanha, onde também apareceu o de Diogo Gutierrez; é ainda de origem castelhana o conhecido mapa de Caboto (1544). Ainda pertencem a êste grupo os mapas franceses de Pierre Descaliers (1550), de Nicolas Desliens (1541) e o de Guillaume Le Festu; e muitos holandeses, de que cumpre referir o de Cornelis Jode (1593) e o de Levinum Hulsium (1599).

As cartas anteriores que se não beneficiaram com o modêlo, que supomos provir da expedição de Diogo Leite, são bem mais rudimentares, porém notàvelmente numerosas. Podemos dividi-las em três categorias, de acôrdo com a posição relativa da linha equatorial em face das costas nordestinas do Brasil. Em algumas, o equador passa mais ou menos corretamente pela bôca do rio Amazonas, de modo que as latitudes dos pontos daquelas costas são as mais aproximadas das reais.

Em outras, a linha equatorial passa muito ao norte da foz do grande rio ou muito ao sul, dando lugar, conseqüentemente, a latitudes extravagantes.

Os mapas mais antigos dêste grupo, salvo o de Juan de La Cosa (1500), são oriundos de fontes portuguêsas e os mais perfeitos tiveram como organizadores Alberto Cantino (1502) e os dois Reinel (Pedro e Jorge). Mais tarde, Diogo Ribeiro, português a serviço de Castela, conseguiu reunir grande cópia de informes, que lhe permitiram aperfeiçoar o traçado das costas americanas então conhecidas. Depois de Ribeiro, foram ainda os lusitanos os melhores cartógrafos do tempo.

***

Cêrca de 40% dos velhos mapas quinhentistas, do meio cento que conseguimos consultar, se enquadram na primeira categoria e outro tanto na que tem o equador passando muito ao norte da embocadura do Amazonas, donde apenas 20% têm aquela linha deslocada para o sul.

Torna-se positiva a tendência para deslocar o equador para o norte ou as costas sulamericanas para o sul. Já Teodoro Sampaio havia notado que a tendência de traçar estas costas muito a leste era manifesta nos antigos mapas. (4)

Pretendia-se, ao que parece à primeira vista, aproximar, talvez inconscientemente, as nossas costas da Europa. Entretanto, cumpre lembrar que alguns cartógrafos portuguêses procuravam iludir-se, deslocando, quanto possível, tôdas as suas pretensões de descobrimentos para o oriente da linha demarcatória de 1494; provàvelmente, para que se justificassem

tais empreendimentos no novo continente. Mas, por sua vez, os espanhóis faziam com freqüência o contrário, afastavam para o ocidente os seus pretendidos descobrimentos.

Entretanto, a confusão que se gerou, por se não dispor então de meios técnicos para fixar o meridiano da demarcação, trouxe sérias dificuldades aos navegantes interessados por estas regiões, sobretudo portuguêses. Viram-se êstes obrigados a restringir seus roteiros pelas costas nordestinas até o Amazonas, receosos de transgredir as rigorosas disposições do célebre tratado de Tordesilhas. Em 1494, foi celebrado aquele convênio para definir o limite do mundo, dividido pelo papa entre Portugal e Espanha, e acertou-se ser êsse linde o meridiano que passasse a 370 léguas ao poente das ilhas de Cabo-Verde (e não 100, como anteriormente estipulara a bula de Alexandre VI). Então os portuguêses ainda não sonhavam com o continente americano, que só alguns anos depois se revelou evidente. Para êles, os recentes descobrimentos de Colombo não passavam de simples ilhas que defrontavam as terras asiáticas.

Porém pretendiam a todo custo salvar os seus importantes descobrimentos no Oriente, especialmente as ilhas Molucas. Magalhães, circunavegando o mundo em 1519, chegou à conclusão de que as ilhas Molucas, descobertas pelos portuguêses, pertenciam à Espanha; deviam estar dentro do mundo castelhano. Isto, para Portugal, devia ser um terrível prejuízo, que era mister evitar a todo custo. Aproveitando-se da pasmosa imprecisão do texto do tratado tordesilhano, a diplomacia lusitana, sem meios para verificar e denunciar o êrro de Magalhães, que era realmente considerável (5), pleiteou no Congresso de Saragoça, em 1523, a transferência da origem da medição que devia fixar o meridiano demarcatório da ilha de Santo Antão para a do Sal, que era a mais oriental do arquipélago, ganhando assim cêrca de 2 e meio graus de longitude para leste e perdendo outros tantos no ocidente. (6)

Mas as dificuldades não provinham só da imprecisão referida, provinham igualmente da deficiência dos conhecimentos náuticos da época, ainda muito atrazados para as necessidades então reclamadas. (7) A localização do meridiano definido não podia ser feita com bastante precisão, por se não saber determinar convenientemente as longintudes; faltavam métodos e instrumentos capazes. Além disso, o comprimento do grau terrestre, no equador, era medida muito duvidosa.

***

Os mapas da América organizados em Portugal ou Es-

panha eram desenhados em vista de informações colhidas diretamente, em primeira mão, dos nautas nos portos onde chegavam as expedições ou de esboços rabiscados pelos pilotos e capitães dos navios. Certas circunstâncias revelam que alguns mapas se beneficiaram com elementos hauridos de expedições desconhecidas ou clandestinas, sobretudo lusitanas. (8)

Não se sabe com segurança que alguém da frota de Vicente Pinzón haja desenhado o contôrno das costas percorridas. Mas, na expedição que se lhe seguiu logo depois, aproximadamente um mês, e fêz descobrimentos de muito menor importância nas costas nacionais, porém repetiu todo o itinerário daquela, conforme o depoimento do piloto André de Morales no pleito do Almirante, foi desenhado um *croquis* da costa. Dos descobrimentos realizados por Pinzón e por seu sucessor, «trazó Lepe uma figura ó carta para el obispo Fonseca». (9)

O descobrimento das Indias Ocidentais em 1492 pelos espanhóis e as viagens dos portuguêses ao norte e ao sul do Novo Mundo despertaram grande curiosidade entre os nautas, armadores de navios e soberanos, não sómente na península ibérica, como no mundo ocidental da Europa. As expedições exploradoras semi-mercantis multiplicaram-se, ora com o bafejo oficial, devidamente licenciando-as, ora sem êsse dispositivo legal, mas em geral com o pleno conhecimento das autoridades competentes e até do rei; em breve, as linhas costeiras ocidentais do novo continente, ao norte e ao sul do equador, foram devassadas e reconhecidas. As narrativas dos acontecimentos, algumas vezes deturpadas, eram geralmente impregnadas de episódios fantásticos, onde apareciam as mais incríveis cenas de canibalismo, atribuídas aos indios, e de lendas com o tema invariável de misteriosas e colossais riquezas. Assim davam vivo fulgor à imaginação e despertavam a curiosidade e insopitáveis desejos de aventuras e de enriquecimento. (10)

Os homens cultos já não se podiam alhear, e começaram a fazer indagações teimosas e exaustivas nos velhos e raros arquivos de então, a colher informes, ler e anotar os antigos geógrafos e viajantes afamados. Ptolomeu foi profundamente analizado e explorado, Marco Polo relido, velhos mapas e portulanos examinados com sofreguidão e reproduzidos. Ao mesmo passo, as necessidades técnicas das navegações, cada dia mais ousadas, exigiam observações mais acuradas do céu, dos mares e das terras.

Surgiram então os primeiros mapas característicos da época, manuscritos, ornamentados, onde a tosca figura do continente recém-revelado, ainda mal distinto das terras asiáticas

e não raramente reduzido a simples ilhas, constituía o centro de interêsses superiores.

Ainda vivia Colombo, que 8 anos antes descobrira o Novo Mundo, quando, em Espanha, apareceu o primeiro documento cartográfico da América, e nêle já figura a costa cearense com incríveis detalhes.

De certo, figuras rudimentares e toscas já anteriormente representavam trechos das costas percorridas em largos cruzeiros no momento em que o piloto e cartógrafo biscainho, Juan de La Cosa, desenhou o seu famoso planisfério, resumindo todos os conhecimentos espanhóis da geografia universal.

O mapa, debuxado em pergaminho e iluminado, traz como ornamento algumas figuras de santos, navios, rosáceas complicadas, bandeiras nacionais e caras barbudas soprando ventos. Duas linhas paralelas, o círculo equatorial e o Cancro são cortadas perpendicularmente por outra, que deve representar o meridiano demarcatório de Tordesilhas. Conforme o próprio documento declara em nota destacada, num quadro, por baixo da efígie de S. Cristovão, que, de bastão, atravessa um charco: «Juan de La Cosa la fizo en el puerto de s: mja. en año de 1500.» O pôrto de Santa Maria está situado no estuário do Guadalete, que se abre na baía de Cádis.

La Cosa nasceu em Santander. No ano de 1942 já era marinheiro afamado e proprietário de barco. Colombo contratou os seus serviços como pilôto e a sua caravela, a *Santa-Maria* onde hasteou o pavilhão de comando. O Almirante, certamente satisfeito com a contribuição do hábil pilôto, levou-o na sua segunda viagem (25 set. 493 a 11 jn. 496) como mestre de cartas de marear. Entre os fidalgos que acompanharam o descobridor destacava-se Alonzo de Hojeda, que fêz boa camaradagem com o cartógrafo. La Cosa, que já era perito condutor de navios, tornara-se também exímio na arte de confeccionar mapas. (11) Talvez por esta razão, Hojeda, que lhe testemunhara a perícia, escolheu-o para pilôto chefe da sua frota de descobrimentos pelas costas de Pária, em 1499. (12)

Vê-se que não lhe faltaram boas oportunidades para explorar e estudar largos trechos das costas do continente sul-americano. Desde 200 léguas ao sul do gôlfo de Pária até o cabo de Vela, já na Colômbia, perlongou as costas da terra firme e visitou várias ilhas próximas. Daquele cabo passou à Hispanhola (S. Domingos) e provàvelmente foi às Lucaias, donde retrocedeu com a expedição para a Espanha, aportando na baía de Cádis no meado de junho de 1500 (Navarrete). Dedicou-se então no pôrto de Santa Maria à organização e

desenho do seu planisfério, que concluíu pouco antes de empreender a sua terceira viagem ao Novo Mundo. Como pilôto da expedição de Rodrigo Bastide, deixou o pôrto de S. Maria no dia 5 de outubro de 1500 e, chegando à Venezuela, percorreu as costas da terra firme até o gôlfo de Urubá, onde começa o istmo do Panamá, na Colômbia. (13)

Como se vê, La Cosa, antes de confeccionar o seu planisfério, esteve três vezes no Novo Mundo, onde fêz múltiplas observações pessoais e colheu copiosas informações. Em Espanha, tratoú provàvelmente com Pinzón e especialmente com Lepe, com o bispo Fonseca e com quantos nautas e marinheiros lhe podiam dar indicações úteis à estrutura do seu trabalho. É muito plausível que tenha conseguido o esboço desenhado por Lepe, figurando o contôrno das costas nordeste do Brasil, de um certo ponto ao sul da ponta do Calcanhar, no Rio Grande do Norte, ao cabo Orange, e daí ao gôlfo de Pária. (14)

O mapa, destinado ao bispo Fonseca, presidente do Conselho das Índias Ocidentais, homem de grande influência política, ficou desconhecido durante séculos, até 1832, quando o barão de Walckenaer o descobriu num belchior de Paris. Já estava então com irreparáveis estragos. Dois trechos do pergaminho, inteiramente desaparecidos, infelizmente interessavam as costas brasileiras, atingindo ligeiramente a cearense no seu extremo norte. Grande parte da costa maranhense com o seu gôlfão e tôda a do Piauí não existem, e no Rio Grande do Norte falta parte da nomenclatura.

Submetido o precioso documento à consideração do barão de Humboldt, que o copiou e o fêz publicar no seu «Examen Critique», passou depois por compra ao govêrno espanhol, que por êle pagou 4.020 francos. Está atualmente depositado, como preciosa relíquia, no Museu Naval de Madri.

No primeiro capítulo dêste trabalho, mostrámos que não têm fundamento as alegações, ordinàriamente oriundas de modernos historiadores portuguêses, sôbre as pretendidas alterações, acréscimos que o mapa teria recebido cêrca de dois anos depois de pronto, ou sôbre a sua autenticidade. (15)

A fisionomia do traçado da linha costeira brasileira, ao sul da inflexão do Calcanhar, revela que o cartógrafo não conseguira informações ou dados suficientemente detalhados para dar a êsse contôrno aquela segurança de traço que caracteriza a linha costeira da mencionada inflexão para o norte. O contraste é chocante, e o seu motivo patente.

Até onde chegaram as observações de Lepe, a costa está cheia de inscrições e contém alguns topônimos curiosos;

dali para o sul, ao contrário, sem nomes ou inscrições informativas, foi traçada segundo indicações vagas, provàvelmente originárias de André Gonçalves, portador da notícia do descobrimento de Cabral, em abril de 1500. Esta hipótese é a mais consentânea com os fatos e circunstâncias, e tanto mais verosímil quanto é sabido que em Lisbôa existiam espiões espanhois, acompanhando interessadamente o movimento marítimo dos portuguêses.

A legenda que assinala o descobrimento de um cabo atríbuído a Pinzón não corresponde ao cabo de Santo Agostinho, como se tem pretendido; êste está mais ao sul. Não foi alcançado por Lepe na sua digressão, motivo por que o traçado da linha costeira na região de Santo Agostinho apresenta aquele canhestro aspecto, próprio dos contôrnos litorâneos mal conhecidos, onde a fantasia de desenhista procura preencher as lacunas numerosas. (16)

O aspecto do traçado da linha de costas em alguns trechos da América setentrional, onde não está a bandeira inglêsa assinalando descobrimentos britânicos, também são nus de inscrições e muito uniformes, indicam que o cartógrafo não conseguiu obter dados detalhados.

Curioso é o modo de representar certos rios. Em geral, nas seções onde logrou bons informes, os rios são marcados por dois traços paralelos, que penetram pelo continente, porém curtos, indicando pouco mais que a respectiva barra. Mas alguns cursos dágua em tais trechos e todos os dos trechos frustes figuram como duas linhas curvas ou sinuosas paralelas e interrompidas, que saem de círculos irregulares, como que representando lagos ou lagoas no interior do território, mais ou menos longe do mar. Um dêstes supostos lagos foi desenhado sôbre montanhas (parece tratar-se de um rio que despeja no gôlfo ou laguna de Maracaibo, na Venezuela). Por êsse modo se representam os rios Tucuio, Orenoco, Essequibo, Amazonas, Pará com o Tocantins e outros.

Na costa ao sul da ponta do Calcanhar, só há dois dêstes rios, um parece ser o Beberibe ou mais provàvelmente o Igaraçú, por causa da ilha que lhe fica perto da foz; entretanto, a imprecisão é tal no trecho em aprêço, que também poderia ser o rio São Francisco. O outro abre-se muito mais ao sul e deve ser um qualquer dos que despejam entre Pôrto-Seguro e a baía de Todos os Santos, se não, como pode até ser mais possível, o rio Paraguaçú, sugestão decorrente da existência de uma ilha, cercada de ilhotas, desenhada em frente à foz. Neste caso, a endentadura onde se abre o rio seria a baía de Todos os Santos e a ilha, sem dúvida, a Itaparica.

Tais detalhes só poderiam ter chegado à Europa por intermédio do mensageiro de Cabral.

Na costa do Ceará, um rio dêste tipo desemboca no lugar onde Lepe achou a cruz deixada por Pinzón, por tanto na costa que se segue imediatamente à ponta do Mocuripe, quiçá por ela protegida. Deve ser o riacho Papicu ou o do Pajeú (Marajaitiba) que, pelo fato de serem pequenos para merecer semelhante representação, deixam supor que Lepe colhia dos selvagens informações relativas ao interior das terras. A representação dos rios referidos e lagos ou lagoas, montanhas, aliás, já é uma prova disto. No nosso caso, é evidente que houve confusão; os indígenas provàvelmente se referiam ao rio próximo, o atual rio Ceará, e não ao Pajeú, em cujas praias estava Lepe. O intérprete devia, como é natural, ser pouco experimentado no praticar com os indios e daí, a troca dos rios.

Torna-se interessante consignar aqui êsse caráter do mapa cosiano, que parece indicar uma idéia dominante no cartógrafo, quiçá entre os nautas da época, de que os rios nasciam necessàriamente em grandes lagoas no interior das terras do Novo Mundo. Que tais lagoas deviam ser realmente grandes depreende-se do fato de que tôdas são representadas contendo ilhas.

Outra característica curiosa é que as terras americanas figuram como áreas verdadeiramente continentais, ao contrário do que se observa em muitos mapas antigos, mas posteriores. Cumpre notar, entretanto, que no mapa a abundância de ilhas mais ou menos próximas das costas continentais era já notável; certamente, aí estava uma raiz dos mapas que Stevenson catalogou no seu primeiro tipo.

A costa que particularmente nos interessa no mapa começa num rasgão correspondente à ponta do Calcanhar e estende-se para W., até outro rasgão maior, que fêz desaparecer pequeno trecho do nosso litoral, o do Piauí e grande parte das costas maranhenses. Adiante dêste rasgão, a costa apresenta uma ponta onde se desenha uma bandeira espanhola e marca o início da grande abertura do estuário do rio Pará, relativamente bem figurado; segue-se uma costa que evidentemente não foi reconhecida por Lepe, visto como lhe faltam detalhes e nomenclatura.

Termina em ponta situada sob a linha equatorial, e em frente da qual está a pequena ilha de *Stelmo;* marca o comêço de grande chanfradura representando a embocadura do rio Amazonas. Esta ampla endentação contém muitas ilhas e traz a inscrição descritiva e muito sugestiva de «el macareo» (a

pororoca). Não pode restar dúvida de que esta chanfradura foi traçada para indicar a barra do Amazonas; além da «tierra llana», que deve corresponder pela sua posição e atributo à ilha de Marajó, estão as numerosas ilhas que assinalam a bôca do norte, e, mais expressivamente, o curioso nome de «G° de Stma» (golfo de Santa Maria), lembrando o estuário do rio de «Santa Maria de la Mar Dulce» de Pinzón.

Segue-se uma costa na direção N-N-W. com copiosa nomenclatura a começar da «tierra de S: ambrosio», que parece corresponder à região do cabo Orange. Aí, o contôrno da praia deixa ver bem claramente duas pequenas reintrâncias limitadas a leste por pontas de terras voltadas para o norte, sugerindo, pelas suas posições e aspectos, a identificação respectivamente com o cabo Orange e a ponta de *Behague*.

Voltando à costa cearense, no mapa há que notar a existência de duas caravelas espanholas postadas entre ela e a linha equatorial, das quais uma tem no mastro a cesta da gávea, que falta na outra, despertando a idéia de que estas constituíam a pequena frota com que Lepe fêz os seus descobrimentos em 1500.

Realmente, era êste o número de navios da mencionada expedição. O historiador luso Duarte Leite diz ignorar tal número, mas, ao que parece, não tem razão para isto, pois Alonso Rodrigues, marinheiro da expedição, diz que "fueram... en dos navios" (Probanzas) e Navarrete escreve que "le emprendió (Lepe) y acabó com *dos naves*". (17)

A viagem de descobrimento de Pinzón fôra realizada com quatro embarcações, seguindo-se-lhe a de Lepe com duas; e o fato de figurarem estas no mapa constitue indício valioso, que confirma ter sido êste nauta o principal informador do cartógrafo, no trecho em observação. Conseqüentemente, é de supor lhe pertençam a totalidade ou a maioria das inscrições do trecho de costas do Brasil no documento. (18)

O exame detalhado do mapa revela que, de fato, Lepe abicou num ponto da costa rio-grandense do norte, um pouco ao ocidente da ponta do Calcanhar, e depois de fazer uma breve exploração local navegou para o sul durante algum tempo, mui curto, apenas o suficiente para conhecer a forte inflexão continental. Provàvelmente, percebendo as dificuldades da navegação nesse trecho excepcionalmente perigoso, limitou muito a extensão do seu reconhecimento.

Voltou ao ponto onde aportou e daí, navegando sempre mais ou menos perto de terra, prosseguiu para oeste, aqui e ali desembarcando, para refrescar, fazer aguadas e reconhecimentos locais. Cristobal Garcia, companheiro de Lepe, decla-

rou nas *Probanzas* que o capitão chegara a um rio que chamou de *San Julian* e em sinal de posse fazia cruzes «e las ponya en los arboles...»

No trecho correspondente ao Rio-Grande do Norte, da inflexão do Calcanhar à foz do rio Apodí, estão bem claros no mapa: 1°., a ponta dos *Três Irmãos*, com o nome de «p fermosa», 2°., a foz do rio *Agua-Maré*, sem denominação; 3°., a ponta do *Tubarão*, também sem denominação, mas com a inscrição sugestiva de «plaia de arena»; segue-se, 4°., a foz do rio *Açú* («r° de baziabariles»); 5°., a ponta *Redonda* ou a do *Mel*, sem nome; e finalmente, 6°., a foz do rio *Apodí* ou *Mossoró*, situada a leste das "motas arenosas" que dalí até a ponta *Grossa*, já no Ceará, se elevam na costa com os nomes de *Tibau*, visível a 19 milhas do mar, *Manibu*, *Mutamba*, *Cajuás*, *Picos* e outras elevações, que são dunas de areias brancas ou avermelhadas.

Êste trecho é impressionadoramente fiel; tanto é correto na direção geral da costa como no registo dos principais acidentes que não são outros mais que aquêles que o mapa consigna. Isto sugere a circunstância de ter Lepe percorrido êsse trecho muito acostado às praias, de modo a poder observar bem os seus detalhes.

O trecho seguinte, da barra do rio *Mossoró*, à barra do rio *Parnaíba*, que compreende todo o litoral do Ceará, já não oferece igual esmêro; mas a sua fidelidade relativa é ainda surpreendente, demonstra uma exploração cuidadosa, feita por pessoa competente, é suficientemente exata para permitir a caracterização da costa de modo insofismável.

O mais notável desalinho está no conjunto do contôrno, que, em vez de se encurvar para o norte, se mantém mais ou menos desviado para o oeste, como um arco com a concavidade voltada para cima. Desta maneira, a linha da costa fica recuada para o sul, dando lugar a um natural êrro de latitude, perfeitamente explicável na época e nas circunstâncias das viagens de Pinzón e Lepe.

Sòmente no trecho correspondente ao atual estado do Pará, a leste do estuário do rio, a linha da costa alcança a latitude que realmente devia ter; aquem, todos os pontos da costa têm conseguintemente latitudes exageradas.

A oeste da foz do rio *Mossoró*, como vimos, alteiam-se as «motas arenosas» e adiante se projeta para o mar a ponta *Grossa*, com o nome de «Co de St ma», justamente onde aportou a expedição de Pinzón. O topônimo está incompleto, devia ser «Cabo de Santa Maria de la Consolación»; daí, é possível brotar a suspeita de que o mapa não teve a colaboração direta de Pinzón. Outras circunstâncias reforçam esta pre-

sunção. Entretanto, o cabo fica relativamente bem situado.

Segue-se uma costa reta que termina na «punta del medano», isto é, na ponta do *Iguape*. (19) A distância entre as duas pontas se apresenta muito reduzida.

A costa intermediária, uniforme, sem acidentes e sem inscrições, indica que Lepe não a reconheceu de perto, devendo ter passado muito ao largo ou durante a noite, como parece mais plausível. De uma ponta a outra, diretamente pelo mar, correm cêrca de 20 léguas, espaço que poderia ser coberto por uma noite ou menos de viagem, sobretudo tendo em vista as ações favoráveis das correntes e dos ventos.

A ponta do *Iguape* («punta del medano») acha-se muito bem colocada, a leste da baía do mesmo nome, particularmente bem assinalada.

Adiante desta baía, vê-se uma saliência, que, sem dúvida, é a ponta do *Mucuripe*. Não apresenta inscrição, mas nota-se que abriga uma pequena enseada, imediatamente a oeste, em face da qual está escrito: «r° de se sallo una cruz».

Á esquerda, porém muito próximo da ponta, dentro da enseada, abre-se a embocadura dêsse rio que nasce numa lagoa no interior das terras, o qual se não pode identificar com absoluta segurança, dada a pequena escala do mapa. Se é o *Marajaitiba*, ou *Japeú* do século seguinte (hoje Pajeú), está bem situado; se é o rio *Ceará*, muito mais caudaloso que aquêle, devia abrir-se um pouco adiante, no extremo ocidental da enseada. Mas também pode ser o atual riacho *Papicu*, que despeja imediatamente ao pé da ponta do Mucuripe e realmente *nasce de uma lagoa*, que tem o mesmo nome. Em favor dêste militam a posição e a lagoa que lhe dá origem; em apoio do segundo, invoca-se a sua extensão e capacidade, mais consentâneas com a figura do mapa; finalmente, o primeiro oferece a circunstância favoravel de estar entre os outros dois, no fundo de uma enseada que permitia boa ancoragem. Êste e o Papicu são pequenos cursos d'agua, que, parece, não comportariam a representação do mapa, mais própria para o rio Ceará, a quem desfavorece, entretanto, a posição, fator importante para a interpretação. Pensamos que a identificação recai num daqueles, e houve da parte do observador engano ao informar-se dos nativos (se é que, como parece, Lepe teve entendimento com êles).

No caso de o rio figurado ser o *Pajeú*, teria sido a atual Praia de Iracema o lugar onde Pinzón plantou a cruz que Lepe cêrca de um mês depois ainda achou; mas, se é o *Papicu*, a cruz foi erguida mesmo na ponta do *Mucuripe*, de certo um

pouco dentro da enseada, em lugar abrigado. Esta parece ser a hipótese mais plausível, em vista do desenho do mapa e das circunstâncias fisiográficas da região. (20)

A costa, porém, está bem definida pela disposição dos acidentes que se sucedem para o oeste. Logo adiante, apresentam-se as emparceladas enseadas do *Pecém* e da *Paricura*; a uma delas se refere o mapa com o nome de «G de arecifes». Segue-se, numa posição conveniente, a abertura de um rio, tendo à esquerda uma saliência arredondada da costa, em frente da qual se lê «rº negro». Êste *rio negro* deve ser, necessàriamente, o *Curu*, que os primeiros exploradores chamavam *Parazinho*, por isso que, na sua barra, há «um bom ancoradouro muito abrigado dos ventos de leste até ao sul», conforme Collatino, que logo acrescenta: «Êste lugar fica conhecido por ter *um morro escuro* no fundo da terra alta da costa e pelo *grande areal* que fica ao sul e a sotavento. O rio que fica ao norte chama-se Rio *Curu*».

Confirma esta identificação, não só o monte escuro, como a praia de areia, a que, certamente se refere a seguinte inscrição do mapa, confrontando com o lugar: «plaia», seguida imediatamente por esta outra: «m negro», isto é *monte negro*.

Prosseguindo para o norte, o mapa mostra um trecho uniforme, sem acidentes, no extremo ocidental do qual está o nome «costa pareja» ou *parcela* (21), correspondendo a uma pequena saliência em forma de ponta. Esta não pode ser outra se não a ponta do *Itapagé*, onde de fato já está o célebre e bem conhecido *banco do Acaraú*, que permite dar à respectiva costa o qualificativo de emparcelada, aliás como assinalam muitos outros mapas quinhentistas. O fato de achar-se logo adiante a embocadura de um rio, em seguida da qual a costa se arqueia em projeção para o norte, formando aguda saliência, e a que, logo, sucede a foz de outro rio, deixa de modo muito positivo expresso o contôrno real do trecho correspondente. De fato, trata-se respectivamente do *rio Acaraú*, seguido do *promontório de Jeriquaquara* e *rio Camucim* ou da Cruz.

A propósito da ponta do *Itapagé* diz Collatino Marques (22): «... e é aqui o lugar em que as corôas que começam nos Olhos d'Agua, saem mais ao mar... para o ONO fica um morro de areia branca, que se chama Tuta Branca, e depois está a barra do Acaraú.» (23) A barra do rio a que nos referimos, situada além da saliência que o mapa desenha com notável evidência (Jeriquaquara), embora sem denominação, traz a inscrição «rº de arboledos». Sem contestação possível, é a barra do rio *Camucim* onde ainda hoje existem mangues verdes, outrora

muito mais abundantes. No ângulo oriental do estuário, abre-se uma pequena enseada secularmente denominada *Mangüinho.*

Além da foz do rio que vimos de identificar com o *Camucim*, estende-se uma costa, que o mapa representa mais ou menos uniforme, tendo, porém, a certa distância, uma protuberância arredondada, em frente da qual está escrito: «Costa de arena», que corresponde provàvelmente à *ponta das Almas;* realmente, esta saliência é de areia e se acha situada bem próxima no lugar indicado no mapa.

Logo em continuação, o pergaminho apresenta um enorme e irregular furo, em cujo bordo direito se lê a palavra «praia», podendo ter desaparecido com o rasgão outra palavra que completasse a inscrição. Esta inscrição corresponde aproximadamente ao delta do rio *Parnaíba.*

Percebem-se no mapa trechos de costas sucessivamente desenvolvidos, detalhados e com inscrições mais ou menos numerosas, alternando com trechos uniformes e com desenvolvimento insuficiente, que representam omissões mais ou menos consideráveis de algumas zonas. A disposição dêsses trechos e certas circunstâncias parecem indicar que aquêles correspondem aos em que a expedição de Lepe se aproximou mais da costa, podendo observar eficientemente os seus acidentes; e quando neles os detalhes se multiplicam, é que houve provàvelmente desembarque e mais demorada observação do litoral. Os trechos de incompleto desenvolvimento, ao contrário, explicar-se-iam por derrota mais afastada de terra, se não pela navegação durante a noite.

Entre a ponta *Grossa* («cabo de Santa Maria de la Consolación») ou simplesmente *cabo de Santa Maria* do mapa e a *ponta do Iguape* («punta del medano») há um dêstes espaços de desenvolvimento reduzido e sem nomenclatura. Outro da mesma espécie é o que vai da foz do rio *Curu* («r° negro») ou, melhor, do monte Negro à «costa pareja», isto é, à costa do *Acaraú.* Se fôr possível atribuir o fato à navegação noturna, cumpre concluir que Lepe, navegando, passou duas noites na costa cearense; por tanto, teria partido à tarde de Santa Maria ou de outro lugar mais a leste, para alcançar no dia seguinte a ponta do *Iguape*, e, velejando junto à praia, pela enseada e costa do *Aquiraz* dobrou antes da noite a ponta do *Mucuripe*, indo desembarcar na enseada. Daí, depois de uma demora que se não pode precisar, saíu pouco depois do meio-dia, para, no dia seguinte, aportar em algum ponto da costa do *Acaraú;* muito chegado à terra, prosseguiu, dobrou com dia o promontório de *Jeriquaquara*, reconheceu a barra do *Camucim* e foi pernoitar além da barra do rio *Timonha.* (23)

A solução de continuidade do pergaminho, a que aludimos por último, abre uma importante lacuna na linha da costa que se estende de um pouco aquém da foz do *Parnaiba* à do rio *Gurupi*, compreendendo o gôlfo do Maranhão.

Mas o estuário do rio *Pará*, o rio *Navidad*, de Maggiollo. (24), ou *Maranon*, de Enciso, está figurado com relativa perfeição e bem situado, embora sem inscrições; segue-se costa uniforme, também nua de inscrições, adiante da qual se cava a grande chanfradura representando com segurança a principal bôca do rio Amazonas, o rio «Santa Maria de la Mar Dulce» de Pinzón.

A esta chanfradura, cortada pela linha equatorial, correspondem algumas interessantes inscrições, de que a mais sugestiva é a «el macareo», a pororoca, que por pouco não destroça a frota de Pinzón. Provàvelmente, Lepe também a observou. (25) Os trechos correspondentes à ilha de *Marajó* e à costa sul do *Pará* não tendo inscrições, foram apenas lobrigadas ou simplesmente suspeitadas. (26)

Malgrado a sua antiguidade e o fato de ser o peoneiro da cartografia americana, o mapa de La Cosa é, sob vários aspectos, menos imperfeito do que muitos outros que vieram depois.

Verificada a sua autenticidade inconcussa e que não experimentou acréscimos espúrios (ver I capítulo), apresenta-se como um valioso testemunho das viagens de Pinzón e de Lepe às costas brasileiras antes do descobrimento de Cabral.

No que particularmente interessa ao Ceará, o mapa revela a presença dos nautas espanhóis no *Mucuripe*, onde o descobridor chantou uma cruz e o que lhe sucedeu fêz curiosas explorações geográficas; revela também o minucioso exame de outros trechos das costas, como a do *Rio-Grande do Norte* e *Ceará*, da inflexão continental ao promontório do *Retiro* (ponta *Grossa*), da ponta do *Iguape* até o *Parazinho* e do rio *Açaraú* ao *Parnaiba*.

Em resumo, o mapa cosiano (fig. I) permite um excelente ensaio de topografia histórica, particularmente interessante para o *Ceará* e parte da costa do Rio-Grande do Norte, o qual, a seguir, sumariamos, condensando o que vimos de relatar:

I—Na costa do Rio Grande do Norte:

1)—*p. fermosa*.—Ponta dos *Tres Irmãos*. É a primeira saliência da costa aquem da inflexão continental.

2)—(sem denominação)—A foz do rio *Agua-Maré*.

3)—(sem denominação)—A ponta do *Tubarão*, mas com a inscrição sugestiva de «plaia de arena».
4)—*rº de baziabariles.*—A foz do rio *Açú.*
5)—(sem denominação)—A ponta do *Mel* ou a ponta *Redonda.*
6)—(sem denominação)—A foz do rio *Apodí.*

I I—No Ceará:

1)—*Motas arenosas.*—As dunas e morros de areia, que atualmente se chamam *Tibau, Manibu, Mutamba, Cajuás, Picos*, etc.
2)—*Cº de St mª.*—Ponta *Grossa* ou da *Jabarana*, também chamada do *Retiro.* Aqui aportou Pinzón ao descobrir o Brasil.
3)—*punta del medano.*—Ponta do *Iguape.*
4)—(sem denominação)—A enseada do *Iguape.*
5)—*rº de se sallo una cruz.*—Possivelmente, o riacho *Papicu*, mas pode ser o *Pajeú*, que banha a capital do Estado.
6)—*G de arecfes.*—A enseada do *Pecém*, ou da *Pericuara*, ambas defendidas por arrecifes.
7)—*rº negro.*—Rio *Curu.*
8)—*m negro.*—Serra da *Uruburetama.*
9)—*costa pareia* ou *pareja.*—Costa do *Acaraú.*
10)—(sem denominação)—A ponta do *Itapagé.*
11)—(sem denominação)—A barra do rio *Acaraú.*
12)—(sem denominação)—O promontório de *Jeriquaqüara.*
13)—*rº de arboledos.*—O rio *Camucim.*
14)—*Costa de arena.*—Costa do *Timonha.*
15)—(sem denominação)—A ponta das *Almas.*
16)—... *plaia*—A praia no delta do *Parnaiba.*

***

Depois do planisfério de *Juan de La Cosa* que não pode ser incluído em nenhum dos *tipos* da classificação de mapas americanos de Stevenson, a mais antiga carta geográfica representando as costas orientais do Novo Mundo é a de *Alberto Cantino.* Êste importante documento cartográfico, organizado em Lisboa, no ano de 1502, por artista português, fôra desenhado por encomenda do embaixador italiano Cantino, de que tomou o nome por que é universalmente conhecido, para ser enviado a Hercules d'Este, duque de Ferrara. O planisfério é obra artisticamente debuxada, com iluminuras e ornatos

curiosos, particularmente interessantes no interior das terras brasileiras.

Atualmente, o pergaminho encontra-se na Biblioteca Estense de Modena. O valioso documento foi depois achado casualmente por Guiseppe Boni, diretor desta biblioteca, na loja de um salsicheiro de Modena.

A sua data foi logo razoàvelmente determinada por Boni: «Si puó quindi determinare che questa carta fu fatta dopo il 1501, e prima de 1503.»

Neste mapa o contôrno leste americano, que compreende trechos da região continental ao norte das Antilhas e da América meridional, da Venezuela ao sul do Brasil, foi certamente desenhado com o auxílio dos reconhecimentos geográficos dos exploradores ibéricos G. Côrte-Real e Álvarez, Colombo (3ª. viagem), Hojeda, Alvares Cabral, André Gonçalves e seguramente de nautas em viagens clandestinas, portuguêses que percorreram as costas nordeste e norte do Brasil em 1501, ou mesmo, como é possível, um pouco antes. (27)

As fontes são, pois, principalmente lusitanas. A influência portuguêsa manifesta-se no modo preponderante de figurarem as terras descobertas ou pretendidamente descobertas por nautas de Portugal, ao mesmo tempo que terras das conquistas castelhanas são mal representadas e algumas omitidas.

A linha de demarcação tordesilhana ou o «marco dentre Castella e portugal», deixa a leste parte da costa norte americana, por onde andaram antes navegantes portuguêses. Na América do sul, esta linha passa um pouco a leste do estuário do rio Pará, que traz o nome de «golfo Fermoso». Por aí, naturalmente, admitiam, em geral, os portuguêses devia passar aquêle limite, e até lá se julgavam com o direito de mercadejar com os nativos; mas êste limite não estava oficialmente reconhecido. Para o oeste do estuário, uma bandeira espanhola assinala o domínio castelhano; ao lado, lê-se a inscrição «Canibales».

Cantino, 6 anos antes que o périplo de Cuba fosse publicado, fez desenhar no seu mapa esta colônia espanhola como ilha, tal qual, dois anos antes, fizera La Cosa.

A península da Flórida com a sua nomenclatura constitui prova de que alguém antes de 1502 a tinha reconhecido e, conseqüentemente, também verificado a insularidade de Cuba. Êsse, malgrado as dúvidas que anuviam a primeira viagem de Américo Vespúcio ao Novo Mundo, a bordo de uma expedição não conhecida ou esclarecida, poderia ser o ousado florentino. Não há elementos com que se possa contestar a possibilidade de ter o nauta italiano fornecido indi-

cações sôbre a insularidade cubana e aspecto do contôrno do gôlfo do México a La Cosa, como já sugerimos, e, ainda mais, haja dado informes mais completos e exatos ao cartógrafo que desenhou o mapa para o embaixador, seu compatriota. Resta, entre outros problemas obscuros, relacionados com esta discutida viagem de Vespúcio, saber se ela foi realizada subreptìciamente por inspiração de Espanha ou de Lisboa, como parece mais certo. (28)

Depois do mapa de La Cosa, êste é o mais interessante, razão por que, durante anos, serviu de modêlo para muitos outros, e, para nós, oferece particular importância, por que constitui valioso testemunho de explorações portuguêsas pelas nossas costas, ao norte do cabo de São Roque, antes de 1502.

Efetivamente, de outro modo e por outros meios não se poderia explicar o traçado relativamente correto do contôrno de tais costas, figurado no mapa, uma vez que êste contôrno não oferece característico parentesco com o do mapa de La Cosa. Os aspectos gerais dos dois traçados são diferentes e irredutíveis. (29) A nomenclatura inexistente entre o cabo de S. Jorge, o atual S. Roque, ou provàvelmente a ponta do Calcanhar, a qual também se pode confundir com o cabo de S. Agostinho, e a linha demarcatória, é escassíssima, mesmo além daquela linha, mas tôda ela é portuguêsa; confirma a origem lusitana do documento. A ostensiva omissão de inscrições no trecho mencionado indica que, realmente, havia dúvidas a respeito da posição da linha limítrofe; como já consignámos, ainda por muito tempo andou essa linha a oscilar da foz do rio *Parnaíba* ou melhor da enseada do *Mucúripe* ou *Curúmicuara* à foz do rio Amazonas, bôca do norte, acima da qual alguém chegou a localizar a abra de Diogo Leite. Todo êste trecho de costa sendo de incerta ou duvidosa jurisdição, os nautas portuguêses ou o evitavam ou por êle navegavam muito discretamente, e naturalmente se abstinham de aplicar nomes aos seus acidentes geográficos ou impôr-lhe inscrições que traíssem as suspeitas incursões. O rei de Portugal, então, proibiu ou restringiu a divulgação de documentos cartográficos. Não podiam os mestres de cartas de marear fazê-las completas para qualquer freguês não autorizado, como observa D. Leite.

Conhece-se um alvará de D. Manuel, de 13-11-504, que proíbe, sob pena de perda dos bens, a confecção de pomas.

Sabe-se ainda que Domenico Pisani em carta a Malipiero, relatando a viagem de Cabral, diz: «... a carta desta viagem não é possivel havê-la, porque o rei impôs a pena de

morte a quem a mandar para fora.» (Apud Duarte Leite).

Compreende-se como andaria Cantino cuidadoso na encomenda do mapa e no seu desenho na parte relativa às conquistas ou descobrimentos pretendidos pelos portuguêses.

O historiador luso acima referido não trepida em afirmar «o cuidado dos monarcas portuguêses, mais ainda que o dos espanhóis, em ocultar as façanhas náuticas de seus súditos». (In «Cartografia da Primeira Decada «Século XVI.»)

O valor técnico do traçado da linha de costas no trecho em consideração pode-se aferir verificando que, nêle, estão relativamente bem figurados os mais importantes acidentes geográficos. Efetivamente, a contar do cabo de *São Jorge*, na inflexão continental da costa sul-americana, não obstante a escala do desenho, reconhecem-se as chanfraduras e saliências correspondentes às barras dos rios *Açu* e *Apodi*, no Rio-Grande do Norte; a ponta *Grossa*, a barra do rio *Jaguaribe*, as pontas e as enseadas do *Iguape* e *Mucuripe*, a barra do rio *Curu*, especialmente bem assinalada, o promontório de *Jeriquaquara*; as barras dos rios *Camucim* e *Parnaiba*, no Ceará e Piauí; o gôlfo do *Maranhão* apenas esboçado, mas com duas entradas; as barras dos rios *Turiaçu* e *Gurupi*; o estuário do *Pará* bem desenvolvido, a boca do rio *Amazonas* ou «Rio Grande», em frente da qual se lê: «todo este mar he de agua doce»; as barras do *Essequibo* e do *Orenoco*, etc. (30)

Êstes detalhes perfeitamente reconhecíveis revelam cuidadosa e minuciosa observação das costas, um reconhecimento demorado, isto é, uma exploração ou mais de uma, em que esboços da linha costeira foram feitos, certamente com inscrições que permitissem posteriores reconhecimentos. Todavia, como era comum no tempo, a direção da linha de costas deixa bastante a desejar, por isso que é uniformemente orientada de E-S-E para W-N-W, do cabo de *S. Jorge* à foz do rio *Pará* Daí em diante, forma um amplo seio, que vai terminar na entrada do gôlfo de Pária. A figura mostra frisantemente as identificações acima relacionadas e dá uma idéia de como o desenho se afasta do contôrno real, figurado em linha pontilhada.

***

O mapa de *Cantino* na parte que interessa à América, foi, alguns anos volvidos, imitado e pouco melhorado na Itália; antes, já servira também de modêlo para velhos mapas germânicos. Lograra notável prestígio e influência a cartografia portuguêsa até mesmo fora da Península. Dois curiosos mapas do atlas de Kunstmann, ambos provàvelmente anteriores a 1505 (alguns especialistas atribuem-lhe a data de 1502,

mas outros lhe dão origem menos remota), são claramente de origem lusitana; se não provêm diretamente do de Cantino, foram inspirados nos mesmos modelos que a êste serviram. O de n. II, embora tendo mais rica nomenclatura, parece um pouco anterior ao de n. III. O primeiro, que é bem mais interessante, apresenta uma falha ou interrupção na linha da costa do nordeste brasileiro, interessando parcialmente a costa do Ceará.

Esta falha começa perto da angra de S. Roque, que parece ser a enseada do Mucuripe, e vai além do Maranhão (31), mais ou menos na foz do rio Gurupi.

Tendo como protótipos êstes mapas preservados em Munique, apareceram no primeiro quartel do XVI século algumas cartas-globos de cunho alemão, muito conhecidas. Todos êles, mapas *in plano* e globos, não oferecem apreciável valor para o nosso estudo, com exceção do de Kunstmann II; entretanto, merecem especial atenção a quantos investigam a antiga cartografia americana.

Importa consignar que aquelas cartas (Kunst. II e III) não registam o nome de *São Roque* para o cabo que hoje assim se denomina. Na primeira, figura no ponto angular o nome «Capo de Sancta †» e um pouco ao norte a expressão «S. maria de rabida», acima da qual está escrito «monte de S. Vincenzo». Tudo isto, ao que parece, na atual costa do Rio-Grande do Norte. Como observa o arguto Duarte Leite, o nome SÃO ROQUE, nestes mapas primitivos, serve apenas para designar uma *angra* situada bastante ao norte do cabo (ver fig.). Refere-se também a esta angra o ilustre cosmógrafo quinhentista Duarte Pacheco no seu *Esmeraldo de Sito Orbis*, que é de 1505, e coloca-a na latitude meridional de 3° 30'. Por tanto, qualquer que seja o êrro normal na determinação desta coordenada naquele tempo, ficaria situada na costa cearense. A questão oferece particular importância, por que prova que a expedição de 1501 surgiu a 17 de agôsto, não em qualquer ponto do Rio-Grande do Norte, como se admite geralmente, mas numa angra da costa do Ceará. Dalí costeou para o sul, passando pelo cabo de S. Roque que, entretanto, não batizou, visto como só mais tarde é que êste nome aparece aplicado ao referido acidente.

No trecho que nos interessa, da nomenclatura do Kunstmann II consta apenas: «San Roccho», aplicado à angra ou enseada de Curumicuara ou do Mucuripe; «Sancta maria de agrodia», talvez aguada de S. Maria; «monte de S. Vincenzo» e «Capo de Sancta †». Não parecerá estranho atribuir a origem dêstes nomes à expedição de André Gonçalves, que,

abicando na *angra de S. Roque*, ao norte, velejou para o sul, vindo fazer aguada num lugar que pareceu ao capitão próprio para isto e ao qual deu o nome da Virgem, talvez por ter sido muito bem sucedido. Os nomes de S. Vicente aplicados a um monte que estaria situado um tanto aquém da inflexão continental, então chamada cabo de S. Jorge (32), devia corresponder a alguma serra que por ali se eleva. Pela posição da inscrição no mapa e dada a sua pequena escala, parece, corresponde à serra *Dantas*, visível do mar a cêrca de 40 milhas.

***

Na Itália, em 1505, apareceu um mapa artísticamente desenhado e muito semelhante ao de Cantino. Seu autor Nicolo de Canério Januensis, estudou minuciosamente o exemplar português do duque de Ferrara, porém há no seu trabalho ainda vestígios de outras influências, dentre as quais parece distinguir-se a de Juan de La Cosa. É que o cabo de *Sunta Cruz* (Sta. Croxe), o Santo-Agostinho de alguns mapas posteriores, avança agudamente para leste, oceano a dentro. Por outro lado, com nomenclatura mais desenvolvida, logrou informes que faltaram no de Cantino, relativamente à costa brasileira. Contudo, como êste, a costa que mais de perto nos interessa vem nua de inscrições. (33)

Estranha-se que em alguns detalhes se ofereça inferior; ressalta nele a confusão do cabo de S. Roque (que aliás ainda não teria tal nome), ou ponta do Calcanhar, com o cabo de S. Agostinho. O equívoco abraça também as latitudes. A linha equatorial, correta no velho mapa de La Cosa, emigra para o sul, deixando ao norte dela terras que realmente estão vários graus ao sul.

O defeito, que é comum ao mapa de Cantino, deixa claramente perceber a sua origem. O principal motivo desta defeituosa disposição está naquela confusão entre os cabos mencionados; para fazer dos dois um só, malgrado os três graus que os separam, foi preciso inclinar exageradamente para o sul a linha da costa nordestina, de modo a levar para uma latitude maior a inflexão continental; mas, como isto ainda não fôsse suficiente para harmonizar cousas tão irredutíveis, o recurso que se apresentou ao cartógrafo foi deslocar o equador para o sul ou, melhor, as terras para o norte, no trecho para isso necessário.

Menos adstrito à influência lusa que o de Cantino, a nota que neste assinala as terras mandadas descobrir por Castela não está tôda ao norte do equador; inclina-se para sueste e vai terminar muito abaixo daquela linha, aproxima-

damente na altura da abra de S. Roque, sugerindo que as costas nordestes do Brasil tinham sido descobertas pelos espanhóis. Aliás, isto seria mais um ponto de contacto com o mapa cosiano. Por outro lado, o meridiano demarcatório foi omitido.

No trecho de costa correspondente ao Ceará, o mapa de Canério é bem semelhante ao de Cantino. No vértice da inflexão litorânea, ponta do Calcanhar ou cabo de S. Roque, está a expressão «Cabo de Sta Croxe» e tem a latitude do de Santo Agostinho, por isso que também se confunde com êste. No ponto situado aproximadamente a 4°. de lat. sul, projeta-se para nordeste uma saliência, mas aí não há nenhuma inflexão continental. Ao sul do paralelo de 5.°, abre-se uma ampla enseada com o nome de «Sta Maria de gracia». A oeste do cabo de *S. Croxe*, para o interior, está o topônimo «Monte de Sam Vicente», e entre êste e o cabo, a expressão «Sta Maria de Rabida», que parece aplicar-se ao próprio cabo, mas também pode designar uma pequena saliência que se vê muito perto da aguda ponta.

Para o norte do cabo anônimo, mencionado acima, abre-se uma dupla chanfradura da costa, mais ou menos na altura de 3.° 30', formando uma enseada e um verdadeiro gôlfo. Em frente da enseada, está escrito «San Roccho», mas é possível que o topônimo se aplique ao gôlfo vizinho e não à enseada. Sem muito receio de engano, podemos admitir que êsse gôlfo seja a *angra de S. Roque*, referida por Duarte Pacheco. Ela já figura no mapa de Cantino, mas não tão acentuadamente, e sem nome algum.

Fazendo um traçado moderno da costa nordeste do Brasil coincidir com o correspondente trecho do mapa, ajustando de acôrdo com a orientação dada pela linha equatorial, os pontos extremos, a inflexão continental e a chanfradura amazônica ficam muito bem colocadas e esta angra vai cair aproximadamente na enseada do Mucuripe.

Como ressalta a fig. , dêste confronto se tira fàcilmente a identificação do gôlfo do *Maranhão* e do promontório *Jeriquaquara*, respectivamente, com uma pequena chanfradura e uma saliência do mapa, convenientemente bem dispostas. E daí se conclui que a enseada de «Santa Maria de Gracia» não é outra que a de *Retiro* ou *Jabarana*, situada a sotavento da ponta *Grossa*, bem figurada; e logo se evidenciam no desenho os acidentes que hoje se chamam barra ou enseada do *Mossoró*, ponta *Redonda*, esseada do *Açu* e ponta dos *Três Irmãos*, no Rio Grande do Norte.

Da angra de São Roque para o norte, até o «Golfo

Fermoso» (estuário do rio Pará), não há nenhuma inscrição, mas os detalhes topográficos aparecem no traçado da costa mais ou menos fàcilmente identificaveis.

***

As sensacionais descobertas ibéricas de mundos desconhecidos, mas especialmente as do continente ocidental, despertaram grande curiosidade entre entre os estudiosos do *Ginásio Vogiano* fundado por Gauthier Lud, em Saint-Dié, sob os auspícios do duque René d'Anjou, soberano local. (34) Lud projetara publicar uma nova edição do Ptolomeu, correta e aumentada, contendo todos os conhecimentos geográficos da época. Num pequeno volume impresso em Estrasburgo, o célebre *Speculi orbis* anuncia o breve aparecimento da obra monumental que se vinha apaixonadamente elaborando e a que dedicara grandes energias. O trabalho, confiado aos homens mais capazes que se podiam ali reunir, teve como principais organizadores Martins Waldssemuler e Matias Kingmann. O primeiro, que é o célebre *Ilacomylus* (35), muito conhecido entre os velhos cartógrafos do Novo Mundo, publicara a famosa «Cosmografiae Introductio» em 1507, na qual se contêm, além da introdução à geografia de Ptolomeu, as 4 cartas de Américo Vespúcio. (36) Mas o que nos vale aqui, especialmente, são os mapas representando o mundo então conhecido, anexados à obra. A influência de Vespúcio é patente, no trabalho de Ilacomylus, em tudo quanto se refere ao Novo Mundo; e daí, certamente, saíu o batismo do continente, à revelia do nauta florentino que emprestou seu nome. (37)

As duas cartas do mundo que acompanham a «Cosmografiae Introductio» haviam desaparecido. Mas, em 1900, o padre Fischer as descobriu casualmente na biblioteca do Castelo de Wolfegg (38), dentro de um atlas de Schöner. Êstes documentos foram detalhadamente estudados por especialistas; porém, para o caso vertente, o único interessante é a carta *in plano*, organizada em 1507 por Waldssmuler com o auxilio dos mapas, já estudados, de Cantino e Canério e outros documentos-fontes. Pensa H. Vignaud que grande parte das cartas americanas provém de Vespúcio por intermédio de Canério, que por sua vez, reproduz Cantino. (39)

Algum tempo depois, Stevenson descobriu, num velho exemplar do Ptolomeu de 1513, outra carta de Ilacomylus que, sem dúvida, é anterior a 1507, possivelmente de 1506. Nela aparece pela primeira vez o nome de AMÉRICA aplicado a terras do Novo Mundo. Infelizmente, êste mapa não teve divulgação proporcional à sua importância.

Com a morte do duque René, em 1508, o projeto de publicação do Ptolomeu organizado por Luc transferiu-se para Estrasburgo, onde Jean Schott o editou. (40)

Figura nele uma outra carta do Novo Mundo, algo diferente da que Waldssmuler publicara em 1507. O continente americano já não está separado em duas porções por um estreito, e o nome de América foi omitido. Ainda em 1516, Ilacomylus publica nova carta, também com algumas diferenças e com mais rica nomenclatura. Alguns autores julgam que esta peça cartográfica é apenas a carta de Canério aumentada e melhorada.

Para o caso que versamos, a mais importante de quantas cartas organizou ou publicou Waldssemuler ou, mais geralmente, dos numerosos mapas que acham origem direta ou indiretamente em Saint-Dié, mapas que Stevenson chama lusitano-germânicos, é a primeira, de 1507. Nesse vetusto documento, a costa nordeste do Brasil apresenta-se sensìvelmente como a reprodução dos mapas de Cantino e de Carnério e, por êsse motivo, conquanto não seja despicienda, pouco teremos que apreciar dela.

Uma bandeira espanhola colocada na margem esquerda da boca do rio Pará, aqui também chamado Gôlfo-Formoso *(Gorffo Fremoso)* indica que por alí devia passar o meridiano demarcatório; em relação ao mapa de Cantino, mudou esta linha de margem, passou da direita para a esquerda. Como nos dois mapas que anteriormente examinámos, a bôca principal do Amazonas traz o designativo de «Rio Grande», em português. A inflexão continental apresenta o mesmo defeito que apontamos em Canério, porém é menos aguda e nela está também a bandeira lusa. Daí para o sul, o contôrno costeiro aproxima-se mais do de Cantino, mas a nomenclatura é copiada do de Canério, com alguns nomes vertidos para o latim. Do cabo «Sancte cruas» para o norte, a linha da costa, uniformemente desviada para o N-W até a foz do rio Pará, é menos rica de acidentes. O gôlfo do Maranhão, porém, é bem mais amplo. Dois rios estão figurados neste trecho: o menor despeja na enseada de «S. Maria de Gracia», e o maior na abra de S. Roque (Mucuripe), pelo que deve ser o mesmo rio figurado por La Cosa; mas, em vista da extensão, podemos identificá-lo com o rio Ceará, outrora suposto de curso muito maior do que realmente tem e algumas vezes, em mapas seiscentistas, confundido com o atual rio S. Gonçalo ou «Cioppe». A Ponta Grossa está figurada com grande evidência, mas sem inscrição alguma.

Toda a costa nordeste do Brasil, desde um pouco aci-

ma da bandeira portuguêsa da inflexão continental até a da foz do Pará, está sôbre uma inscrição, que diz ter sido ela descoberta «per mandatum regis Castellae», lançada em cima do paralelo de 5° de lat. sul. Isto significa que, em S. Dié, admitia-se, ainda em 1507, que Pinzón havia descoberto aquela costa para a coroa de Castela, que continuava sôbre ela exercendo plena jurisdição.

***

Em 1508, Evangelista Tosinus deu uma edição nova do Ptolomeu com adendos relativos às descobertas do Novo Mundo. Um mapa-mundo, compreendendo o velho e o novo continente, figura nessa obra como sendo de autoria do germânico Jean Ruysch; é o documento cartográfico contendo a América que sucede imediatamente à carta de Waldssmuler (1507). Revela discreto parentesco com o mapa de La Cosa, mas torna-se evidente a sua filiação à cartografia portuguêsa, a começar pelas velhas cartas preservadas em Manique. A parte meridional do continente está separada da do norte, reduzida a muito pouca cousa, porém o que existe se liga com a Ásia. A costa nordeste da América do Sul, começando do «Caput S. Crucis», que ainda se confunde com o de S. Agostinho, acaba em frente da ilha de Tumaraguá, exatamente como no mapa de Cantino, e no de Canério, sendo o traçado da linha de costas mais bem feito.

Relativamente à costa cearense ou, melhor à costa nordeste do Brasil, nota-se: 1.°, o trecho nordeste começa no vértice da inflexão continental, mas, em vez de voltar-se para N-W, segue para W, formando um amplo seio como no mapa de La Cosa; 2.°, a confusão dos cabos referidos arrasta o desvio do Equador, que corta a linha da costa aproximadamente no meio do trecho entre S. Roque e o estuário do rio Pará, como no mapa de Cantino; 3.°, o gôlfo do Maranhão e a baia de S. José, mal esboçados, aparecem acima do Equador, e abaixo, a certa distância dêle, uma chanfradura representondo uma enseada abrigada por uma ponta a leste, parece ser a *abra de S. Roque*, aqui rodeada do lado de terra pelos montes de São Vicente. Esta disposição dos acidentes geográficos concorre para confirmar a identificação daquela abra com a enseada do Mucuripe. Neste caso, os montes S. Vicente seriam as montanhas que de fato circundam a região do *Mucuripe*, antigamente derignadas pelos tapuias por serras de *Deaquemamume* (atualmente Maranguape, Aratanha, Juá, Camará, Guaiuba.); 4.°, a leste desta enseada e respectiva ponta (Mucuripe), há outra chanfradura, que se deve identificar com a enseada do *Iguape* 5.°, o trecho nordeste da costa acaba ao norte numa

aguda ponta, ao oeste da qual se abre grande e profunda chanfradura representando o estuário do rio *Parà*, porém sem nenhuma inscrição; mais adiante, vem o «Rio Grande» com as suas ilhas, indicando a bôca do norte do rio Amazonas; e, finalmente, 6.°, outro grande seio do contôrno costeiro vai terminar na entrada oriental do gôlfo de Pária.

***

O cronista Pedro Mártir d'Aghiera, que registou a viagem de descobrimento de Pinzón em 1500, também aparece como autor de um mapa interessando grande parte da América, inclusive a costa nordeste do Brasil. Neste documento, que é de 1511, o contôrno das N-E da Sul-América se apresenta orientado na direção quase de leste a oeste, a contar do cabo de S. Cruz, na inflexão continental ao ístimo do Paraná, salvo pequenos trechos. A costa brasileira, oferecendo aquela direção até o «r grande» (Amazonas), mostra alguma semelhança com a do mapa de La Cosa, porém o seu traçado é muito inferior. Nos trechos correspondentes às possessões espanholas, revela-se mais cuidada e detalhada. Nada adianta ao estudo das costas brasileiras.

Um pouco mais interessante do que êste é o mapa n. 2803 do «atlas de Eggerton», que deve ser de 1509 ou 1510. Nesse antigo documento, as nossas costas nordestinas, da inflexão litorânea, junto à qual estão os dois nomes «S. Maria» e «S. Maria de Colon», para oeste, cortada de fundas reintrâncias, apresentam várias e novas inscrições. A delimitação do trecho correspondente ao Ceará é difícil; mas, como a leste de uma grande chanfradura, que bem pode ser o gôlfo do Maranhão, estão as barras de três rios, «R. o Nigro», «R. de Croce» e «R. de Vazabariles», podemos admitir que os dois últimos fiquem situados na nossa costa. Os seus nomes já são sugestivos. O «R. de Croce» deve ser o rio *Camucim*, e «Vaza barriles», muito próximo daquele, o rio *Acaraú*. Esta hipótese levaria ainda a identificar o «r de luz», junto ao qual, para o lado de terra, está a «montena verde» e a leste um cabo ou ponta encimado com a inscrição «Monte de arena», com o rio *Ceará*; a «montena» com as serras do Juá, Maranguape, Aratanha, etc., e o cabo com a ponta do *Mucuripe* com as suas dunas de brancas areias. Tudo isto é perfeitamente razoável, mas também é possível supor, com menos verossimilhança embora, que a grande chanfradura acima referida seja o estuário do rio Pará e não gôlfão do Maranhão. Neste caso, a interpretação da costa cearense teria de ser diferente, sem contestação bem inferior àquela. (41) No mapa de Eggerton, já

se não confunde de todo a inflexão continental com o cabo de Santo Agostinho, conquanto os dois acidentes muito se avizinhem. É interessante observar neste documento os numerosos pontos, que formam uma cinta acompanhando as costas nordestinas para representar os muitos baixos que por elas se encontram. A representação é, sem dúvida, exergerada. Os recifes de S. Roque e do golfão do Maranhão aparecem como pequenas cruzes.

Talvez seja interessante fazer breve referência ao conhecido «mapa do Almirante», possìvelmente de 1507, mas certamente anterior a 1513. Éste, como o que se atribui um tanto arbitràriamente a Leonardo de Vinci, onde, ao contrário dêle, a América do Sul figura como uma ilha cortada pelo círculo equatorial, não obstante a canhestra representação das nossas costas e pobreza de nomenclatura, traz uma inscrição significativa, ANGLA, confrontando com uma pequena chanfradura da linha costeira, aproximadamente situada onde divia estar a enseada do Mucuripe. No de Vince, que é de 1515, a leste deste acidente aparece uma ponta de terra muito evidente, que pode ser identificada com a do Mucuripe.

***

No mesmo ano em que apareceu o mapa de Mártir, veio a público o Ptolomeu de Bernardus Sylvanus Ebolensis, em Veneza. No belo planisfério, onde figuram com certo desenvolvimento as costas orientais da América meridional, a confusão entre os cabos de S. Roque e de S. Agostinho continua, deslocando a linha equatorial para o sul como nos mapas de Cantino, Canério, Ruysch, etc. No ano seguinte, 1512, foi publicado em Cracóvia, na Polônia, por Stobnicza, um dos mais interessantes mapas do primeiro quartel do século. Embora filiado ao tipo português-germânico de Stevenson, apresenta interessantes divergencias, de que cumpre ressaltar a conexão das terras do sul e do norte do Novo Mundo, por meio de um ístimo. A América desde então começa a ser figurada com aspecto realmente continental. No que se refere ás costas brasileiras, nada oferece de particular, salvo que erradamente tôdas as costas nordestinas ficam ao sul do Equador.

Como os precedentes, outros documentos cartográficos mais ou menos relacionados com o tipo luso-germânico, tais os globos de Johann Schöner (1515/20/23), o de Tross (1517), o conhecido globo de Nordenskiöld (1515), o de Hauslab (?), o de Apianus (1520), o de Lenox, em que a costa nordestina apresenta contôrno quase igual ao do mapa de Eggerton, o de

Jagellonicus, o de Friess (Frisius) do Ptolomeu de 1522, e outros em que ainda as duas Américas vêm separadas, nada adiantam sôbre os que temos minuciosamente examinado.

O mesmo desinterêsse há que atribuir a outro grupo de mapas antigos, também dasenhados, direta ou indiretamente, à vista de modelos portuguêses. Êstes mapas, embora já tragam as duas Américas ligadas, como no de Stobnicza, nenhum contigente novo de conhecimentos revelam que mereça referência especial. Por isso, passaremos por êles simplismente mencionando pouco mais que a autoria e a data em que surgiram. De todos são os mais notaveis: o de Reisch (1515), de Schöner (1515 e 1520), de Roberto Thorne (1527), de Bordone (1528), de Orontius Finaeus (1531/32), o de Mercartor (1538/41), o de Munster (1540), o de Nancy (1540), etc. O globo de Hauslab representa a América do Sul como uma grande ilha, mas as costas orientais apresentam uma nomenclatura relativamente abundante e traçado não muito defeituoso: as costas nordestinas estão bem situadas em relação à linha equatorial. Ao norte do cabo de «S. Crucis». que, como em muitos outros mapas, vem confundido com o de S. Agostinho, estão os montes de S. Vicente, no fundo de uma profunda baía; adiante, sucessivamente, lê-se o nome de S. Maria de Gracia e o de S. Roque, ao que parece. designando rios ou acidentes costeiros onde despejam rios. No de Thorne, ao contrário do que acontece na maioria, não se assinala o cabo de S. Cruz, mas, em compensação, indica-se o cabo de S. Agostinho, localizado perto do trópico! O de Nancy regista o antiguíssimo topônimo cearense do rio ou monte Negro (*nigro*). No do Finaeas, vê-se um *S. Roque*, correspondendo ao meio das nossas costas, logo abaixo da linha equatorial. No de Apianus (Pedro Benewitz) do Ptolomeu de 1525, a linha do Equador vem corretamente traçada e, sensivelmente, nas nossas costas, dois nomes constituem tôda a nomenclatura, *S. Maria* e *Monte S. Vicente.*

***

Na primeira metade do XVI século, artistas e geografos italianos sentiram decidida inclinação pela cartografia do mundo. A América não podia ser esquecida nos magníficos mapas italianos, inspirados geralmente nos lusos-germânicos e algumas vezes nos espanhóis. A maioria dos que chegaram até nós primam pelo seu aspecto artístico, que, muitas vezes, implica uma certa deficiéncia ou descuido técnico e sacrifício da precisão. Sob esta fácies, são inferiores aos mapas íbéricos, especialmente portuguêses.

A contribuição francêsa à cartografia americana e par-

ticularmente brasileira quinhentista é pobre. Mas há que ressaltar os mapas excelentes de Desliens, Descaliers e poucos outros. Menos valiosa, mas não desinteressante é a inglêsa, de que cumpre sublinhar os mapas de J. Rotz.

De acôrdo com o critério cronológico a que nos impusemos no exame dos mapas capazes de dilucidar questões ligadas ao objetivo dêste trabalho, passamos à observação de uma série de dócumentos de alta importância, oriundos, uns, da Itália, outros da França e, vários, de Portugal e Espanha.

***

O conhecido *Mapa de Freducci*, aparecido em 1514 ou 1515. oferece informes curiosas e inéditos. O traçado da costa nordestina aproxima-se do de Cantino e Canério. O Equador, conquanto não tanto deslocado para o sul em relação àquelas costas, está com apreciável desvio; corta a foz do rio Pará e não a do Amazonas pròpriamente dito. A confusão entre o cabo de *S. Roque*, que aliás não tem inscrição nem positiva indicação, e o de *S. Agostinho*, já não se apresenta tão inconvenientemente acentuada como nos referidos mapas; êste cabo figura numa posição relativamente correta. Muito a oeste da inflexão continental (Calcanhar ou S. Roque), um pouco menos da metade da distância desta referência ao gôlfo do *Maranhão*, está a «Costa de S. Rocco», em pleno litoral cearense. Por analogia, deve esta costa corresponder à do *Mucuripe*, que realmente também está numa posição análoga à indicada. Adiante, o «C. Negro» completa a magra lista de inscrições da costa do Ceará e parece corresponder ao promontório de *Jeriquaquara*.

O documento requer exame mais detido. Na foz do Amazonas, uma grande ilha tem o nome de *Paricura*, denominação também dada à costa que fica imediatamente ao norte, na região do *Amapá*. Um estuário de vulto, onde entra um rio denominado «Rio fresco», deve ser o do *Pará*, pois, a certa distância para leste, outro estuário e um rio «Maranon» ocupam posição que sugere essa identificação, conquanto a distância entre os dois estuários devesse ser maior.

O protótipo do mapa é certamente lusitano, como se depreende da nomenclatura em português, tão abundante quanto a italiana: *costa*, *negro*, *rio*, *fresco*, etc.

Como esta nomenclatura difere da de outros mapas precedentemente estudados, que lhe são anteriores, cumpre admitir que, depois de 1501 e antes de 1514, expedição ou expedições portuguêsas percorreram as costas nordestinas do Brasil. Tal circunstância pode confirmar a viagem de uma das

caravelas de Cristóvão Haro, em 1513 (ver primeiro capítulo). Mas em vista do pouco tempo que medeia entre esta viagem e a publicação do mapa na Itália, parece mais prudente supor que, antes de 1513, a outra expedição clandestina se devem os nomes novos. Por outro lado, a ausência de expresões como *rio grande* para o Amazonas, *golfo fermoso* para o estuario do Pará, *cabo de Sauta Cruz*, *Santa maria de rabida*, *monte de S. Vicente*—parece indicar que Freducci não compulsou os mapas então já divulgados. Todavia, os topônimos «C. Negro» e «San Rocco» podem sugerir que conhecesse o mapa de La Cosa, onde existe o nome *negro*, aplicado a dois acidentes, e algum antigo esbôço portuguêses, possìvelmente da expedição de André Gonçalves, onde devia figurar o nome de *S. Roque* ajustado à abra onde se abrigou a frota de 1501, hipótese que também encontra esteio no nome de *S. Agostinho*, corretamente aplicado ao cabo pernambucano. Não seria de estranhar a interferência de Vespúcio na confecção do mapa.

É ainda interessante anotar que se trata do primeiro documento cortográfico em que aparace a expressão indígena PARICURA, fornecida por Pinzón ao cronista Pedro Mártir. Igualmente novo é o apelido «Marañon» de um rio, a que êste ilustre cronista já se referira sob a forma de *Maragnonus*.

Convém lembrar que o vocábulo, de acôrdo com o que se lê nas *Probanzas* do Almirante, deve provir de Diogo Lepe. (42) Tais circunstâncias, parece, sugerem que o autor do mapa tivesse visto algum dos esboços com que La Cosa construiu o seu planisfério.

***

Logo no ano seguinte, circula o excelente mapa de Pedro Reinel, profusamente ornamentado, trazendo notáveis melhoramentos na representação de toda a costa brasileira. Pedro Reinel e um filho seu, também cartógrafo, trabalhavam então em Lisboa, onde permaneceram até o ano de 1519, quando se transferiram para Sevilha. Alí colaboraram na preparação de cartas destinadas à Fernandes de Magalhães. Mais tarde, contratados por Carlos V, serviram por muitos anos na *Casa de la Contratacion*. Não foram sòmente êstes os cartógrafos que levaram de Portugal para a Espanha boa dose da ciência cosmográfica lusitana, que tão útil se tornou aos castelhanos nas suas ousadas empresas de descobrimentos.

O Reinel pai e o filho desenharam dois mapas muito semelhantes, um publicado em Paris e outro na Itália. Desde então passaram a influir sensìvelmente na organização dos principais mapas que se lhes seguiram, a começar, diz Hafkemeyer, do mapa de um português anônimo, de 1520, pu-

blicado sob o n. IV, no atlas de Kunstmann. Acha êste autor que o célebre «Padron Real» de 1536, composto por Alonso de Chavés para a Espanha, é quase uma reprodução dos mapas de Reinel. Já nestas cartas não há confusão entre os cabos de S. Roque e S. Agostinho, ambos estão regularmente colocados, aproximadamente nas suas verdadeiras posições. Em conseqüência, a disposição relativa do Equador e pontos do contôrno costeiro do litoral nordeste do Brasil estão muito melhor do que nos mapas anteriores; por tanto, as respectivas latitudes são mais aproximadas.

É de interêsse notar que a linha da costa, cortada de reintrâncias com copiosa nomenclatura, tendo numerosos topônimos novos e inscrições inéditas entre o gôlfo de Maranhão e o estuário do rio da Prata, indica que explorações várias perlongaram as nossas ribas oceânicas, inclusive o trecho nordestino, entre 1501 e 1516. Menos explicitamente já se tirara esta conclusão, no que se refere a êsse trecho, do mapa do Conde Ottomano Freducci; mas, aqui, ela assume um caráter de grande valor, por que mostra que tais explorações eram de fato portuguêsas, uma vez que todos os vocábulos novamente introduzidos são escritos em vernáculo coevo. Pode-se afirmar que o novo traçado e a respectiva nomenclatura são produtos de observadores portuguêses. Outra conclusão interessante que se pode sacar do mapa é que, ainda naquele tempo, perdurava para os nautas lusitanos a interdição oficial de explorar a seção extrema do litoral brasileiro, além do Maranhão. Efetivamente, dalí à bôca do Amazonas, o contôrno, malgrado a sua representação, mais correta que a dos mapas anteriores, está nu de inscrições. Que mesmo êste trecho fôra reconhecido e estudado, não há dúvida, em vista do melhoramento do traçado; que ainda continuava sendo objeto de incerta jurisdição política, prova-o a ausência de nomes numa carta radicalmente portuguêsa.

As explorações feitas entre 1504 ou 1505 e 1515, na região da foz do rio Amazonas, penetraram pela bôca do norte e por pouco não retornaram pelo estuário do Pará, determinando definitivamente a insularidade de Marajó. Há nessa região, entre os mapas de Freducci e os dos Reinel, grandes diferenças que induzem à crença de que o autor italiano só conseguiu informes muito deficientes. Os Reinel, no pôrto de Lisboa, certamente em contacto com todas as expedições que regressavam do Novo Mundo, tinham oportunidades excelentes para colher em primeira mão muito bons dados geográficos.

A seção de costa entre o gôlfo do *Maranhão*, inclusive,

e o cabo de *S. Roque*, se tornara indubitàvelmente portuguêsa e livre à navegação; podia agora ser miudamente discrimiminada. Não se conhece a nomenclatura dos esboços que serviram ao organizador do mapa de Cantino; mas, com segurança, não seria tão abundante e demonstrativa como a do mapa que consideramos. Com isto, queremos significar que se não deve explicar esta nomenclatura pela expedição de 1501. Tanto mais, quanto há uma divergência enorme entre o traçado da linha de costas do mapa de Cantino ou dos seus imitadores e o dos mapas dos Reinel; tais diferenças tornam os dois traçados costeiros absolutamente irredutíveis. O do mapa de Freducci entretanto se ressente da influência do de Cantino; os dos Reinel, porém, absolutamente não. Conclusão: explorações lusitanas na costa do nordeste do Brasil, entre 1505 e 1515, são necessárias para explicar tais detalhes e circunstâncias.

Muitas identificações toponímicas permitem os mapas dos Reinel na nossa costa. Na costa do Ceará, 17 inscrições novas, e 18 sòmente no trecho que mais tarde foi destinado ao primeiro lote da capitania de João de Barros, trazem um aspecto original e extremamente curioso à cartografia nordestina. Novo período certamente se inicia com o aparecimento dos mapas em estudo.

Para facilitar a apreciação da correspondência dos nomes nos dois mapas de Pedro e Jorge Reinel com os atuais, vamos dispô-los em três colunas, como se segue:

Reinel pai	**Reinel filho**	**Topônimos atuais correspondentes**
Falta	falta	Rio Parnaíba
terra de sam vicente	terra de sam vte	É a praia entre as barras dos rios Parnaíba e Timonha.
terra dos fumos	terra dos fumos	Praia entre as barras dos rios Timonha e Acarau.
b dos praces	pomta dos parceis	Barra do rio Acarau
C do palmar	C do palmar	Ponta do Itapagé ou a dos Patos.
terra da pescarya	. . . . .	Costa da ponta do Itapagé ao Pernambuquinho.

ponta dos praces	punta dos parceis	Ponta do Mundaú ou a do Parázinho
G. dos negros (43)	G. dos negros	Enseada da Curumicuara.
momte ely	momte deli	Cadeia de montanha da serra do Juá à da Guaiuba.
ponta preta	pomta preta	Ponta da Paracambuca (?).
aguada	. . . . .	Barra do Pacoti.
G de Sam Lucas	. . . . .	Enseada do Iguape
C branco	C branco	Ponta do morro do Iguape.
ponta dos fumos	pomta dos fumos	Ponta do Maceió, na barra do rio Jaguaribe.
baia dos arafes	baia dos arecifes	Enseada do Retiro
C corco	C corco	Cabo Corso, ponta Grossa.
as serras	as serras sam miguel	Serras Dantas (44)
R de Sam myguell	. . . . .	Rio Apodi
baia das tarrugas	baia das tartarugas	Barra do rio Açu.
ponta p'mra	pomta primeira	Ponta do Tubarão ou a dos Três Irmãos.
Sam Roque	sam Roque	Parece ser a ponta do Calcanhar
C do pracer	. . . . .	Cabo de São Roque
Oratapipy	Ora tapia	Ponta da Pipa.
Ora pinhom	. . . . .	Ponta do Pacopari
baia de pitiçiacua de treycam (45)	baia de treicam	baía da Traição

Estas identificações, que nem em todos os casos poderam ser rigorosas, resultam de exaustivo trabalho de comparação entre vários mapas antigos, velhos roteiros e cartas marinhas modernas. Sugerem fatos de indiscutível valor histórico, que cumpre respigar.

O topônimo «pitiçiua de treycam», reproduzido detur-

padamente em outros mapas posteriores, aplicado sem contestação à atual *baia da Traição*, na costa da Paraíba, evidentemente lembra um acontecimento, por ventura violento ou trágico, ocorrido naquele lugar, antes de 1516. Certamente, decorreu de relações entre os índios potiguaras ou pitiguaras, cujo nome parece ser o primeiro da expressão toponímica, com aventureiros portuguêses. É de crer que já naquele tempo, quando ainda se não iniciara o «drama e a tragédia das capitanias», êstes traficantes tentavam escravisar os nativos daquelas paragens, indispondo-os contra os colonizadores. Sabe-se o que, alguns anos depois, a respeito dos assaltos e roubos cometidos por tais aventureiros, que iam do reino àquelas empresas e a que atribui o mau êxito das suas tentativas de colonização, disse o célebre cronista João de Barros.

A circunstância de Reinel ter então registado dois topônimos indígenas na mesma zona parece indicar que, antes do acontecimento referido, existia já algumas relações amistosas, ou mais ou menos amistosas, entre potiguaras e portuguêses, provàvelmente quebrada desde então. E assim se abria o caminho fácil para a ínfluência francêsa na região, a qual não tardou a se firmar.

A terra de «Sam Vicente», localizada, como se vê nestes mapas, parece não ter relação com o monte de S. Vicente de mapas anteriores, situados muito ao sul, mas provàvelmente com o «R. de Uicente Pison» do mapa de Diogo Ribeiro, uma dúzia de anos mais recente.

O nome *eli* ou *deli* de um monte, que aparece pela primeira vez, e se reproduz, com grande insistência, na maioria dos mapas quinhentistas, ora com as grafias acima, ora sòmente *Li* ou escrito *delli* e *delly*, revela que foi aplicado às serras que circundam esta capital por um nauta que já antes de 1516 perlongara as costas cearenses e precedentemente, ao que parece, visitara a costa ocidental da Índia, provàvelmente como elemento da expedição de João da Nova, em 1501. Esta suposição decorre do que informa João de Barros (Dec. I, Liv. V, Cap. X): Nova, ao passar em frente ao *monte de Lim*, na costa da península asiática, topou com duas naus inimigas, de uma das quais, após violenta peleja, se apoderou; matou todos os tripulantes e incendiou a embarcação, depois de esbulhada. É possível que cena de tal violência e o rico butim tivessem gravado persistentemente na mente do marinheiro as diversas circunstâncias do caso, inclusive a da posição da frota, referida ao monte de *Lim*. O nauta, anos depois, ao passar pelo Ceará, teria reavivado o dra-

ma asiático, que talvez lhe houvesse dado fortuna, à vista do monte ou serra de *Maranguape*, por ventura de aspecto semelhante ao outro. Nestas condições, as serranias que circundam o trecho litorâneo, entre Paracambuca e Iguape, evocativas do monte indu, receberam o seu nome, transformado em *Li* ou *de Li*. (46)

A expressão «terra de pescarya», correspondendo sensìvelmente às praias do Acaraú que se defrontam com o conhecido banco do mesmo nome, mostra que, já nos três primeiros lustros depois do descobrimento, marinheiros lusitanos haviam descoberto a extraordinária piscosidade daquela costa e nela deaembarcaram e estacionaram para fazer pescaria. Ainda hoje, a pesca é ali farta e muito lucrativa. (47)

O nome *Corso*, dado ao cabo ou ponta *Grossa*, parece confirmar o juízo que se tem aqui aventado de que ali estiveram os irmãos Francisco e Pero Corso, a que se refere Estêvão Fróis, na sua famosa carta ao rei D. Manuel, em 1514.

O «cabo de Palmar», novo e expressivo topônimo que atravessou todo o século através de numerosos mapas, aplica-se a uma saliência de terra situada numa região que se distingue por ser a única na extensa costa cearense onde vicejavam palmeiras com certa abundância. É exatamente a costa situada entre a barra do rio *Mundaú* e a do *Aracatiaçu*, perto da qual se projeta para o mar a ponta dos *Patos*. Estas palmeiras, hoje desaparecidas ou em parte substituídas por alguns coqueiros da Baía, despertaram outrora a atenção dos navegantes. Ainda no tempo do «Regimento de Pilôtos e Roteiros da Navegação e Conquistas do Brasil», etc., que é de 1655, elas serviram para assinalar o lugar. Diz o cosmógrafo Antônio Mariz Carneiro, referindo-se à região : « . . . , e dobrando em outra ponta verás huns arrecifes e huas palmeiras da banda Leste ao longo da praya e outras da banda do Sudoeste, e mato preto ao longo da praya hum tiro de peça: se chama este porto *Pernambuco.*» É o atual *Pernambuquinho*. No interessante mapa de Joannes van Keulen (1682), está bem assinalada a ponta das *Palmeiras*, a leste da barra do rio «Aracat» (Aracatiaçu), projetando-se de uma parte do litoral, no fundo do qual estão árvores desenhadas.

Nas proximidades desta capital, no fundo de uma baía, abre-se a foz de um rio, parecendo que corresponde ao *Pacoti*, pois vem da zona que outros mapas posteriores chamam de *S. Lucas*, e a própria baía que vimos de mencionar traz êste nome. Pela sua posição e outras características, identificamos esta com a enseada do *Iguape*. Na enseada ou nas praias perto do rio, o nome *aguada* indica que aí costuma-

vam os nautas, frequentadores de tais paragens, fazer aguada, o que quer dizer, desembarcar, tratar amistosamente com os nativos ou afastá-los a tiros. Ora, a inscrição corresponde sensìvelmente ao lugar que no mapa de Waldsemuler está assinalado com a expressão «Santa maria de gracia»; no de Canério com os mesmos dizeres, e finalmente no n. II de Kunstmann com o topônimo «Sancta maria de agrodia», que as interpretações mais autorizadas dizem ser «Santa Maria de Aguada» ou *aguada de S. Maria*. Deduz-se então que o lugar era desde 1501 frequentado pelos navegantes, pois o último mapa referido é de 1502 ou de 1503.

***

Após os mapas dos Reinel, há que referir o primeiro de Maiollo, aparecido em 1519. Muito inferior a qualquer dos dois precedentes, tanto no traçado das linhas de costas como na nomenclatura, trai, pelos vocábulos em língua portuguêsa, um protótipo lusitano e outro, provàvelmente em segunda mão, italiano. Parece que mais tarde o autor conseguiu examinar o mapa do seu compatriota Freducci, e deu nova edição em 1527, com nomenclatura nele inspirada. Em ambos a posição relativa do Equador está correta e há perfeita distinção entre os cabos de S. Roque e S. Agostinho, mas o primeiro tem o nome de «Spisell». A costa nordeste do Brasil, dêste cabo para o norte, é muito defeituosa. A foz do Amazonas, «la mare dolce», está muito próxima do gôlfo do Maranhão, e o espaço intermediário, repleto de nomenclatura transplantada da costa cearense. Em compensação, traz para esta um «maralion», que coloca entre o «M de ellí» e o «C. de nigri». Êste cabo, ponto mais setentrional da costa, desde o Amazonas, deve corresponder ao promontório de *Jericuacua*; é o mesmo «C. Negro» de Freducci. Ao lado do monte *Deli*, vê-se uma profunda chanfradura, dentro da qual, como no mapa de Reinel, despeja um rio, e traz o nome de «G. de S. Lucas». Mais a leste, uma saliência tem o nome de «p. de fumos» e adiante, outra, menos acentuada, o de «Cauo corso», vindo em seguida a barra de um rio que deve ser o *Apodi*, ou S. Miguel das velhas cartas. Aquela, sem dúvida, é a ponta do *Maceió*, na barra do Jaguaribe, que, entretanto, nãc figura, e o *Cauo* é indiscutìvelmente a ponta *Grossa*.

No desarranjo do conjunto, contudo, o traçado da costa nordestina do Brasil, como se vê no mapa italiano, apresenta trechos corretos, pequenas seções, umas das outras separadas por espaços pèssimamente representados. Na costa do Ceará, êsses trechos são apenas dois e bem pequenos: a região des-

ta capital, dominada pelos montes *Deli*, e a do Aracati, entre a foz de Jaguaribe e a do Apodi.

***

O muito conhecido e discutido mapa de Turim, também italiano, segundo H. Harrisse, de 1523, conquanto apresente uma defeituosa feição da linha de costas nordestinas, merece aprêço pela sua rica nomenclatura. Esta, particularmente em língua portuguêsa, trai protótipo lusitano e não se coaduna com o traçado costeiro muito mais vetusto e como que contemporâneo das cartas do primeiro lustro. A embocadura do rio Amazonas, sem ilhas, mas situada ao lado da «Costa de paricura», não oferece expressão característica; para leste, uma pequena chanfradura com o nome de «Golfo Claro» parece, como sugere Orville Derby, representar o gólfão do Maranhão, embora mal colocado e com fisionomia topográfica inferior a de mapas mais antigos. A inflexão continental apresenta esquesita e aguda saliência, que lembra a do mapa de Canério; mas, como no de Maiollo, tem o nome de «ponta des pichel».

Na costa do Ceará, contida entre as duas referências indicadas, identifica-se fàcilmente o promontório de *Jeriquaquara* com o «Cabo do monte», ponto mais setentrional do litoral, tendo a leste uma funda enseada, que deve ser a dos *Patos*, com o nome de «G° do Palmar». A distância entre o «Golfo Claro» e «Cabo do monte» é muito pequena, sem nenhuma proporção com a real, se de fato aquêle gôlfo é o do Maranhão. Uma outra chanfradura situada a leste do gôlfo, embora menor, trazendo a indicação de «hallegada» (*alagada*), poderia talvez representar o *Maranhão*; tanto mais plausivelmente, quanto à sua direita está a embocadura de um rio, e mais aquém o «C° de loeste», que mapas posteriores, em geral, colocam perto do delta do rio Parnaíba, e os dos Reinel, ao que parece, põem nesse mesmo delta. Neste caso, o «Golfo Claro» seria a profunda baía de Tutóia. Esta interpretação parece ser melhor que a de Derby.

Ao gôlfo do Palmar, no mapa, segue-se a «pa de aricefe» *(ponta de arrecifes)* e, mais adiante, o «Monte redondo», que, mercê da posição de cada um e de certas características, são respectivamente a ponta dos *Patos* e o morro das *Melancias*, perto do Mundaú. Continuando para leste, está a inscrição «terra deserta» onde se abre a foz de um grande rio; pode corresponder às praias entre o rio *Mundaú* e o rio *Curu*, e seria êste aquêle cuja embocadura o mapa figura exageradamente. Mais adiante, depois de passar uma rasa chanfra-

dura anônima, uma pequena saliência tem o nome de «C° negro»; aquela pode ser a enseada de *Curumicuara*, que noutros mapas antigos se chama comumente *gôlfo dos negros*, e esta, a ponta do mesmo nome. O monte de *Li* foi omitido, mas a «Baya de prazel», que se abre logo adiante, para representar a enseada do *Pecém*, junto da qual vem a inscrição, que substitui aquela omissão do monte, «terra fragosa», confirma as identificações. Tanto mais certas, quanto, na mesma zona fragosa, mas no mar, se projeta uma «pa delgada», que é sem dúvida a do Mucuripe. Para leste, cava-se uma ampla e rasa chanfradura, terminada por uma ponta com o nome de «C° de guada» *cabo de aguada*, a velha aguada a que nos temos referido. O cabo corresponde à ponta do *Iguape*, logo adiante por um «C° branco» seguida, como que na margem esquerda de amplo estuário, em cujo fundo está escrito «Rio allaguado». Não é possível ter segurança identificando o cabo com a ponta do *Maceió* e o rio com o *Jaguaribe*; mas, se não é assim, falta cousa mais razoável para acomodar às imperfeições no mapa. Continuando sempre para leste, vêm sucessivamente as inscrições «baya formosa», «Rio de S. Agustin», «baya primeira», «terra de praira», «terra de prazel», «pa dos baxos», finalmente, no vértice agudo da inflexão litorânea, a «Ponta des pichel».

A embocadura de um rio, colocada entre a foz do «Rio allaguado» (Jaguaribe) e a «baya formosa», pode ser a barra do rio *Apodi*; então, essa *baya* seria a enseada do *Açu*. Mas, evidentemente, há um engano aí, pois, em vista dos detalhes desenhados para diante, a «baya formosa» é que deve corresponder à barra do *Apodi* e o «Rio de S. Agustin» ao *Açu*. Neste caso, aquela abertura na linha da costa leste do «Rio allaguado», seria a baía do *Retiro*, abrigada pela ponta *Grossa*, saliência que se vê à direita. A «baya primeira» indubitàvelmente se ajusta à de *Agua Maré*, com a sua *terra de praira (terra de praias?)* seguida da «terra de prazel», onde a ponta dos *Três Irmãos*, com os seus numerosos arrecifes (da Lavandeira, da Conceição, do Minhoto, do Oliveira, da Cotia, etc.), justifica a denominação. Adiante, a «ponta dos baxos» deve ser a do *Calcanhar*, por isso que a entrada do canal de S. Roque, com os baixos respectivos, se acomoda à inscrição.

A copiosa nomenclatura dêste mapa indica seguramente um regular conhecimento da costa nordestina do Brasil, e, conseqüentemente, implica desconhecidas expedições que a percorreram anteriormente. Poderiam ser as que temos sugerido atrás e deram abundantes elementos aos Reinel para a confecção das suas cartas, mas algumas objeções se podem

interpor a esta solução. A principal consiste na flagrante diferença de nomenclatura e irredutibilidade dos respectivos traçados das linhas de costa. Esta última objeção parece tão forte, que se pode ter como decisiva; então, somos forçados a admitir que o autor do mapa de Turim teve à sua disposição esboços e informações diferentes dos que serviram aos Reinel e seus predecessores, isto é, oriundos de expedições exploradoras que êstes cartógrafos não tinham conhecido, pelo menos antes do desenho dos seus mapas. Mas, se é assim, dada a circunstância de que êles viviam em Lisboa em íntimas relações com os navegantes portuguêses que visitavam o novo Mundo, como demonstra o trabalho que fizeram, importa reconhecer que o autor do mapa que vimos considerando auriu dados de expedições de que se não tem notícia, mas que perlustraram as nossas costas entre 1516 ou 1515 e 1523 ou 1522. Tais expedições eram necessàriamente portuguêsas e deviam ser clandestinas, ou por que se destinavam a trechos da costa ainda de incerta jurisdição política ou por que traziam desígnios proibidos ou inconfessáveis, quiçá o de prear índios incautos para reduzir à escravidão. Delas ainda não se acharam registos e melhores referências. (48)

***

Devemos agora analisar o mapa do cartógrafo português Diogo Ribeiro, organizado em 1529 na «Casa de la Contratación», em Sevilha, na Espanha. Ribeiro servia então como cosmógrafo real, da coroa castelhana.

As criteriosas observações de Orville Derby a propósito dêste notável documento são ainda consentâneas. Anota o ilustre geólogo que o mapa traz a declaração expressa de que a costa entre o «Rio Dulce» (Orenoco) e cabo de *São Roque* nada tem de proveitoso e que, tendo sido perlongada uma ou duas vezes, logo depois do descobrimento das Índias (América), não se voltou a ela. Certamente, refere-se a Pinzón e a Lepe.

Deduz-se daí que, na Espanha, pelo menos oficialmente:

1.º) Não se ligou grande ou mesmo qualquer importância aos descobrimentos de Pinzón e de Lepe, em face do desvalor da terra desvendada, que não dava mostras de possuir *oro* e *perlas*, contrastando assim com a da Venezuela, o que, bem como o reconhecimento de que grande trecho dessas costas podia ou devia ficar a leste do meridiano divisório, foi a circunstância que especialmente concorreu para o abandono completo de tais descobrimentos.

2.º) Parece que na Espanha não se conheciam alguns interessantes detalhes dessas costas, que na Itália já tinham servido à organização dos mapas de Freducci, de Maiollo, e de Turim. Pelo menos, tais detalhes deviam ser ignorados na «Casa de la Contratación» de Sevilha. (49). Todavia, cumpre reconhecer que, dos mapas antigos, anteriores a 1530, é o que apresenta o mais correto contôrno geral das costas brasileiras e encerra o resumo dos conhecimentos geográficos, oficiais na Espanha. A linha demarcatória entre o mundo português e o castelhano passa pela «Furna Grande», chanfradura semeada de pequenas ilhas e que corresponde à bôca norte do rio Amazonas; o amplo estuário que traz a denominação de «Maranon» deve representar a embocadura do rio Pará; para confirmar a identificação, repare-se na «Costa de paricura», que contitui a sua riba esquerda. O gôlfo do Maranhão está mal representado numa das duas edições do mapa, a que se caracteriza pelas numerosas legendas histórico-informativas. Mas, na outra edição, que, aliás, é do mesmo ano de 1529, a feição topográfica do gólfão já apresenta em estado rudimentar os seus sinais específicos, uma chanfradura com pequenas ilhas onde despejam dois rios caudalosos. Tem nos dois mapas simplesmente o nome de «Furna».

Certos detalhes induzem à suposição de que o autor, entre outros protótipos, utilizou o mapa de La Cosa, sem, entretanto, aproveitar a sua nomenclatura, salvo apenas quanto ao «C. de negro», que parece corresponder ao nosso promontório de *Jeriquaquara*, nome que tambêm figura persistentemente, como vimos, em Freducci, Reinel, Maiollo, Turim, e em outros menos antigos, embora algumas vezes para designar acidentes diferentes, porém sempre da mesma região.

Um rio que despeja imediatamente a oeste do «C negro» se chama no mapa «R de Uicente Pison», deve ser o *Camucim*, ou talvez, com menos verosimilhança, o rio Parnaíba. Piedosa lembrança do descobridor, sugere Derby, que outros cartógrafos anteriormente também tiveram, a começar de Freducci; mas êstes, acrescenta, escolheram rio diverso, no trecho ao norte do Amazonas, uso que «prevaleceu dando em resultado o bem conhecido · embrulho da questão do Oiapoque», e que nos ia sendo funesto.

Na costa do Ceará e nas vizinhas, podemos fazer algumas identificações. Ja vimos que o «R. de Uicente Pison» deve corresponder ao *Camucim* , ou rio da *Cruz* dos mapas seiscentistas. A sua proximidade do «C de Negro», que indubitàvelmente é o cabo de *Jeriquaquara*, repele de alguma forma a identificação com o *Parnaíba*, cuja embocadura seria

então representada por uma das duas ou mesmo pelas duas pequenas chanfraduras que existem entre êsse rio e a «Furna». (50)

A enseada, assinalada pela inscrição «b apracelada», numa edição, e «b aparcelada», na outra, corresponde à «Baya de prazel», do mapa de Turim, e deve ser a do *Paramirim*, se não, mais provàvelmente, a sua vizinha e mais profunda da *Curumicuara*. Adiante, para leste, o contôrno costeiro apresenta uma outra enseada, que poderia ser a do *Mucuripe* com a sua ponta, seguida do «G del aguado», inscrição que no mapa de Turim é «C° de guada». Esta última seria, pois, a enseada do *Iguape*. Daí, passa para a «b. hmosa» (*baia formosa*), que tambem está no mapa de Turim, um pouco mais para leste. Não obstante isso, a identificação é a mesma, isto é, a barra do rio *Apodi*. Uma outra chanfradura mais ampla, logo adiante aberta, mas anônima, corresponde seguramente à enseada do *Açu*; e duas barras de rios que se seguem à embocadura do rio *Agua Maré*, com a sua «tierra de paizo» ou «pairo», a terra das praias, ao lado da qual se estende ainda a «playa del pêêl» (ou, como está escrito na outra edição, «p del pracel»). Isto se ajusta muito bem, como na carta de Turim, à região do cabo dos Três Irmãos, com os seus arrecifes e parcéis. Finalmente, antes da inflexão continental, só há a inscrição «arboledos», na edição das legendas; mas na que em original se conserva na Biblioteca Vaticana, há ainda outra, «arecifes», ao que parece indicando a entrada do canal de S. Roque; por tanto, uma pequena saliência que ali se nota deve ser a ponta do *Calcanhar*. Efetivamente, neste mapa, é aí o lugar em que começa a base de um triângulo finamente pontilhado, debuxado para representar a zona emparcelada que naquela região por vários quilômetros protege a costa da erosão marinha. Sensìvelmente no meio desta base, se acha o «C de S. Roq» ou «C. de S. roque». Isto está razeàvelmente correto.

Pelas coincidências com o mapa de Turim, acima apontadas, vê-se que Diogo Ribeiro devia ter em mãos pelo menos um dos protótipos que serviram ao autor anônimo daquela carta.

O triângulo pontilhado de que fizemos menção termina em ponta aguda nos «baxos de Juã de braga», situados entre o litoral e as ilhas de «fernã de loroña». Na edição das legendas, figuram os *baxos* referidos, mas falta o triângulo em pontilhado, ligando-os à terra firme. (51)

Mais do que em qualquer dos mapas anteriores, as latitudes se aproximam dos valores verdadeiros. O cabo de *S.*

Roque, por exemplo, está a 5° e cêrca do 10'; a saliência que deve corresponder à ponta do *Mucuripe* está a 3°, e o promontório de *Jeriquaquara* (C° Negro), a 2° 10'; neste último, o êrro é apenas superior a meio grau, no Mucuripe de cêrca de três quartos de grau, e no cabo de S. Roque é aproximadamente de 30 minutos.

Atribui-se a Ribeiro a autoria de três mapas. O primeiro, que não tem declaração de organizador, é de 1527. Geralmente conhecido por mapa de *Weimar*, por ter sido conservado na biblioteca do grão-ducado dêsse nome; difere sensìvelmente dos dois outros, que trazem o nome do autor, confeccionados dois anos mais tarde. Dêstes últimos, o mais divulgado contém legendas descritivas, faltosas no outro, que foi descoberto nos arquivos do «Colégio de Propaganda Fide», em Roma. Mas, em compensação, apresenta ornamentação constante de ingênuas figuras de índios mais ou menos vestidos, árvores e arbustos de vários formatos, quadrúpedes alados e de adunco bico, aves, etc., preenchendo o espaço vago no interior do continente.

Já referimos que o nome de João de Braga, lembrado nestes mapas, onde se aplica a uns perigosos *baxos*, os baixos e arrecifes de *S. Roque*, sugere a hipótese de tratar-se de uma expedição, talvez a êsse Braga confiada e que, ao passar por aqueles *baxos*, foi vítima de algum acidente; mas, se não foi por lá perdida de todo, teria vindo às costas da terra firme, e, arrastada necessàriamente para o norte pelas correntes e ventos, passaria pelas nossas ribas.

***

É do mesmo ano (1529) o mapa do italiano Gerolano de Verrazzano, cartógrafo florentino, irmão do famoso Giovanni Verrazzano que se tornou célebre como irrequieto navegante e descobridor e que, acusado de pirataria, foi enforcado por ordem de Carlos V. Certa semelhança do mapa de Gerolano com o de Maiollo levou Harrisse a supor que fôra confeccionado tendo como modêlo o protótipo que o Visconde utilizara. O traçado da costa do Brasil, porém, é muito mais correto neste que no de Maiollo; aproxima-se do de Diogo Ribeiro.

Na costa do Ceará, há interêsse em assinalar apenas os topônimos «C basso», perto do «C branco», que está sensìvelmente na altura da ponta do *Mucuripe*, e, neste caso, o primeiro seria a ponta do *Pecém*. Mas, dada a escala muita reduzida do desenho, também podemos supor que êste último (C branco) é que corresponde ao do *Mucuripe*; aquêle seria a

ponta do *Iguape*, que, como vimos, já foi assim denominada noutro mapa (Reinel). A barra do rio *Açu* está muito evidente; segue-se o «C. Santo Rocco», numa latitude muito aproximada da real.

Inferior ao mapa de Verrazzano é o que se atribui ao cartógrafo genovês Battista Agnese, publicado em 1536. O seu original, como o do precedente, pertence ao «Colégio de Propaganda Fide». Para o nosso caso, é ainda de menor interêsse; entretanto, deve oferecer bastante valor aos que estudam de modo geral a cartografia quinhentista.

***

Anterior ao precedente, e muito mais valioso, é o mapa português de *Gaspar Viegas*, altamente significativo para o caso que nos ocupa.

Conservado na Biblioteca Nacional de Paris, oferece um grau de exatidão relativamente grande. Para as costas brasileiras, êste fato causou admiração ao capitão de fragata Mouchez, autor de muitas cartas náuticas do Brasil.

Apareceu em 1534 e, como observa Derby, parece que foi organizado segundo um novo protótipo, sem dúvida oriundo duma exploração portuguêsa efetuada entre os anos de 1529 e 1534. (52)

A característica dêste protótipo, que depois serviu à confecção de muitos outros mapas, observa ainda o ilustre geólogo americano, é o desenho topográfico do golfo do Maranhão e dos rios que nêle desaguam. Prosseguindo, diz ainda que a nomenclatura é igualmente característica pela conservação de uma boa parte dos nomes do mapa de Maiollo (indicando provàvelmente que o explorador luso correu a costa com êste documento ou um derivado dêle em mão) e pela introdução de muitos vocábulos portuguêses novos, entre os quais é especialmente significativo o de «Diogo Leite».

Pode presumir-se fôsse o nauta dêste nome o próprio explorador.

Esta presunção tem considerável probabilidade de certeza, visto como, realmente, em 1531, Diogo Leite, com as duas únicas caravelas (a *Princeza* e a *Rosa*) da armada do capitão Martim Afonso de Sousa, fêz o reconhecimento oficial das costas nordeste e norte do Brasil.

Infelizmente, Derby não conseguiu consultar o mapa de Viegas, certamente o mais antigo dos que se beneficiaram com os conhecimentos da expedição de Leite.

No trecho de costas que estamos a estudar, o mapa português oferece um contôrno litorâneo mais correto que o

de Ribeiro, nomenclatura mais rica, indicações de baixios e arrecifes bem mais completa.

A começar do norte, é fácil obter as seguintes identificações:

«R. Grãnd» (rio grande)—Rio Parnaíba de certo, a bôca mais importante, talvez a baía da Tutóia.

«rios» — Provàvelmente algumas das bôcas do delta parnaibano.

«R. da Cruz» — Rio Camucim. Pela primeira vez traz êste nome, que conservou durante todo o século seguinte.

«tra da pescaria» (terra da pescaria)— Costa do Acaraú. Uma barra de rio que se vê nesta costa deve corresponder à foz do rio Acaraú. Esta costa ou terra termina onde se abre a barra de outro rio.

«r do pcel» (rio do parcel) — Rio Aracatiaçu.

«G de negro» — Enseada do Parazinho ou da Curumicuara. A proximidade das duas enseadas, num mapa de escala tão reduzida, não permite distinção. Na primeira despeja o rio Curu, antigo rio Pará ou Parazinho; na segunda, o rio S. Gonçalo, antigo Ciupé. Mesmo em mapas bem mais modernos, êstes dois cursos d'água são freqüentemente confundidos.

«m delly» — As serras que circundam o Mucuripe: Camará, Juá, Aratanha, Maranguape, Guaiuba. Estas serras, conquanto separadas umas das outras, formam uma cadeia que começa perto do mar, sensìvelmente no lugar que o mapa assinala, circunscreve certo espaço, como um semi-círculo, com centro no Mucuripe aproximadamente, e vai terminar quase em frente da ponta do Iguape, ou um pouco mais a leste. Constitue a famosa serra de *Dequeamamune*, dos roteiros do XVII século.

«m fremoso» — Como está muito perto do precedente, deve ser um dos da série mencionada; por ventura, o mais elevado e de aparência mais interessante, que é o de Maranguape.

«pta preta» — Parece ser a ponta do Iguape, mas também poderá ser a do Mucuripe.

«tera de S. lucas» — Costa entre a ponta do Mucuripe e a do Iguape.

«G de arrecifes» — Enseada do Retiro. No mapa, figura uma chanfradura bem acentuada, tendo a leste uma ponta saliente, com o nome de *C. Corso.*

«C Corco» *(Cabo Corso)* — Ponta Grossa. É interessante anotar que, desde o mapa de La Cosa, o trecho de costa entre o Mucuripe ou o Iguape e esta ponta vem mais ou menos reduzido, contraído, evidentemente fora da escala normal do desenho. Possìvelmente, um dos responsáveis por esta anomalia deve ser a ação combinada das correntes marinhas e ventos reinantes alí, que, imprimindo maior velocidade aos barcos, prejudica a estimativa das léguas percorridas, encurtando aparentemente a derrota, de que resulta naturalmente o retraimento da linha de costas.

«serras de S migel» — As serras Dantas. Não pode haver a mínima dúvida a respeito, dada a posição característica da inscrição e a barra de um rio sem nome, mas que é o Apodi. Adiante se vê uma enseada ampla com o nome de:

«b das tartarugas» — Enseada do Açu. A barra do rio das Piranhas abre-se no fundo da chanfradura.

«pta pima» *(ponta primeira)* — Ponta do Tubarão. Logo em seguida se encurva a :

«Grã baia» — Chanfradura maior que as demais nessas costas, situada logo aquém dos baixos e arrecifes que vão findar em frente do cabo de São Roque. É a enseada de Agua Maré, que, aliás, não é grande.

«p do percel» — Ponta dos Três Irmãos. Aí começa o triângulo pontilhado que representa os baixos e arrecifes de S. Roque.

«C de S. Roque» — Cabo de São Roque, situado no extremo sul da base daquele triângulo.

***

O protótipo que julgamos, acompanhando Derby, originário da expedição de Diogo Leite, durante muito tempo serviu a numerosos cartógrafos, que se ocuparam das costas norte e nordeste do Brasil, tanto em Portugal, como na Espanha e até na Holanda.

Dos mapas espanhóis que o aproveitaram, convém referir os de Alonzo Chaves («Padrão Real» de 1536) e o de Alonzo Santa Cruz (1542).

O *Padron Real* fôra encomendado desde 1508, segundo Stevenson; mais tarde, por ordem de Carlos V, o foi novamente a Diogo Ribeiro, por intermédio de Fernando Colombo. Só apareceu, pelo menos definitivamente, 28 anos de-

pois, confeccionado pelo piloto-mór Chaves, homem engenhoso e a quem se deve o invento das bombas de metal para o esgotamento de navios (1526).

Na parte que compreende a costa cearense, o mapa de Alonzo Chaves, que, segundo Hafkemeyer, experimentou também a influência dos mapas de Reinel, traz 14 inscrições. Uma «baia de S. Vicente» nas praias da «terra de S. Vicente» de outros mapas antigos, que deve ser o estuário do *rio Timonha;* vem em seguida, sucessivamente, a «terra de Humos», o «rio de Placel», a «p del Pamar», a «plaia de las Pesqueria», a «plaia del Placel» e o «G. de Negros», que evidentemente, um a um, correspondem às praias entre as *barras do Timonha* e *Acaraú*, *rio Acaraú*, *Itapagé*, ou a *Ponta dos Patos*, *praias de Pernambuquinho* e *Sabiaguaba*, *enseada do Paràzinho* ou da *Curumicuara*. Para leste desta, aparecem a «ponta primeira», que deve ser a do *Mucuripe*; «el Aguada»,. perto da barra do rio Pacoti ou do rio Catu; a «angla de San Lucas» que aqui é a *enseada do Iguape;* o «C Blanco», *morro do Iguape* ou talvez o morro que tem ainda êsse nome e fica um pouco a leste daquele na costa do municipio de Cascavel. Finalmente temos em seguida: a «B. de Arrecifes», o «C Corço» e «C de S. Miguel» que são, respectivamente, sem duvida alguma, a *enseada do Retiro*, a *ponta Grossa* e a *ponta dos Cajuás*. Continuando, vem o «R de S. Miguel», *barra do Apodi* ou *Mossoró*; «B de S. Rafael», que parece ser a baía das Tartarugas de outros mapas, portanto a *enseada do Açu*; daí salta para o «C. del Placel», provàvelmente o *cabo de S. Roque*, deixando sem referência a *ponta do Calcanhar*. (53)

O outro mapa espanhol acima mencionado, o de Alonzo de Santa-Cruz, é em geral considerado como uma reprodução do *Padron Real*. Foi desenhado em 1542, mas sòmente há poucos anos impresso na Suécia. O exame perfuntório mostra que se baseia no protótipo português, visto como o gôlfo do Maranhão apresenta os dispositivos característicos dêsse modêlo.

A embocadura do rio Amazonas, como no mapa de Chaves, ainda não figura. No seu lugar continua uma ampla chanfradura, cheia de ilhas, na altura da linha equatorial. Certamente, a então recente viagem de Orelana, do Peru ao Pará (1541), ainda se não tinha divulgado. O Amazonas, para os espanhóis, permanecia sendo o *Mar Dulce*, que êles confundiam com o Maranhão, apelido que os italianos coevos aplicavam mais ou menos corretamente ao gôlfo e rios tributários.

No mapa de Santa-Cruz, na parte referente ao Ceará,

podemos fazer as seguintes identificações, comparando-as com as correspondentes do mapa de Chaves:

Santa-Cruz	Chaves (Hafk.)	Nomes atuais
1) tierra de S. Vicente		Terra ou costas entre as barras do rio Parnaíba e Camucim.
2).	baia de S. Vicente	Barra do rio Timonha.
3) tierra de humos	terra de humos	Costa entre as barras dos rios Timonha e Acaraú.
4) b del prazel	r del Placel	Barra do Acaraú.
5).	plaia de las pescarias	Praias e bancos do Acaraú.
6).	plaia del Placel	Praias do Itapagé.
7) c del palmas	p. del Palmar	Ponta dos Patos.
8).	G de Negros	Paràzinho ou Curumicuara.
9) p. primeira	pa. primeira	Mucuripe (?).
10)	el Aguada	Pacoti ou Catu.
11)	Angla de S. Lucas	Enseada do Iguape
12) C. Blanco	C Blanco	Ponta e morro do Iguape.
13)	B de Arrecifes	Enseada do Retiro.
14)	C Corço	Ponta Grossa.
15)	C. S. Miguel	Ponta dos Cajuás.
16)	R. S. Miguel	Rio Apodi.
17) C. de S. Roque		Ponta do Calcanhar (?).
18) plazel		Baixos e arrecifes de S. Roque.
19) C. del pickel	C del Placel	Cabo de S. Roque.

* * *

Devemos agora examinar o mapa francês de Descaliers (1550), deixando à margem, por nada ou quase nada

adiantar, a maioria dos que surgiram no período de 1538 a 1560 fora da Península, como os mapas de Mercator (1538, 1541 e 1569), o de Rosenthal (1540), o de Nancy (1540), os diversos de Pedro Medina (1545-52-54-69), o de Hunster, na sua «Rudimenta Cosmographica» (1546), a carta Marina de 1548, o mapa de Woodcut (1552), o de Darinel, o de «La Sphere des Deux Mondes» (1555), o de Apianus e alguns outros.

Todavia, vale a pena umas poucas referências ao mapa inglês de Jean Rotz, que é de 1542. Rotz, autor do célebre «Boke of Idiography», desenhou o seu mapa em modêlo português, provàvelmente num protótipo aparentado daquele que supomos provir da expedição de Diogo Leite. Apresenta, entretanto, certas particularidades, evidentemente de orígem diversa. A costa, desde o «Capt de Loneste», ao ocidente do delta parnaibano, até a «ponto de Praces», confronta com mar emparcelado, e nela distinguimos: a «bar de pees», correspondendo a um largo estuário, que pode ser o do rio *Camucim*, a leste do qual se estende a «terra de pescaria» (inscrição portuguêsa), evidentemente as *costas do Acaraú*, que findam no «Capt de pallmos», provàvelmente a *ponta dos Patos*. Segue-se o «porto de Praces», que julgamos ser o *Parnamirim* ou *Paràzinho*, ao nascente do qual se abre uma chanfradura com o nome de «G. de Negros», correspondendo à enseada de *Curumicuara*, limitada a leste por uma «p preta», que se enquadra bem com a *ponta da Paracambuca*. Abre-se em seguida uma baía, tendo no fundo a foz de um rio, batizada com o nome de «G. Sam Iucos» (S. Lucas). De um lado, está o «C Branco» e, do outro, a «P. dos Fumos». Tudo isto lembra grosseiramente a costa que, compreendendo a desta capital, vai da ponta do *Pecém* à barra do rio *Jaguaribe*. Realmente, logo adiante da «P dos Fumos», a característica «B dos arrecifes» diz claramente estarmos na *enseada do Retiro*, a qual, por sua vez, é seguida pela barra do «R. S. Miquel», que, sem dúvida, é o rio Apodi. Ainda um pouco adiante, no ponto correspondente à ponta dos *Tres Irmãos* ou à do *Calcanhar*, por isto que aí o desenho faz a costa voltar-se para o sul, está o «Q. de S. Roque», no início da base de um triângulo pontilhado indicando a região dos baixos e arrecifes de S. Roque. No lugar onde êste cabo devia figurar, coloca Rotz o «C parcel», justamente ao contrário do que se vê no mapa de *Viegas*. Esta ordem dos topônimos é tambem o inverso do que está no mapa de *Diogo Ribeiro* (1529). O topônimo indígena de «Oratapic» indica um certo parentesco com o antigo mapa de *Pedro Reinel*.

***

A interessante carta portuguêsa de Diogo Homem, que, como os últimos mapas examinados, se inspirou no protótipo atribuído à expedição de Diogo Leite, oferece nomenclatura assaz copiosa e curiosos elementos para identificações dignas da nossa atenção. Êste documento, que é de 1558, apresenta ainda evidentes pontos de contacto com os mapas franceses de *Desliens* (1543) e de *Descaliers* (1550).

Por serem êstes mais antigos, cumpre considerá-los prèviamente.

O exame sumário do último, no trecho que interessa às nossas costas, mostra que é muito semelhante ao primeiro e nos dispensa de tratar de ambos.

O mapa de *Descaliers* inscreve alguns têrmos indígenas na região do Maranhão, novidade que o distingue do de Diogo Homem. Os nomes indígenas do Maranhão, sugerem a circunstância de ter alguém por ali andado em contacto mais ou menos demorado com os nativos, alguém que proporcionou ao cartógrafo gaulês, direta ou indiretamente, informações relativas à toponímia dos nativos.

Não poderiam ser oriundas tais informações da segunda expedição colonizadora de João de Barros, nem de Luiz de Melo, mas poderiam provir da malograda emprêsa de Aires da Cunha, em 1536, ou de alguma outra que clandestinamente passasse por alí resgatando com os índios, possìvelmente entre 1540 e 1549, talvez mesmo de nacionalidade francesa. A expressão «Abat mirim» parece confirmar esta hipótese.

Não são sòmente os topônimos ameríncolas que tornam para nós interessante o mapa francês. A disposição das inscrições permite fazer identificações mais seguras e facilita sobremodo precisar outras de mapas anteriores. Algumas expressões novas tomam caráter de grande persistência nas cartas subseqüentes e vêm até quase os nossos dias.

***

A semelhança, sobretudo no traçado do contôrno costeiro, entre os mapas de *Descaliers* e de *Homem* é realmente de impressionar. Afora o desenho topográfico do gôlfo do Maranhão, no último bem mais detalhado e mais correto, as diferenças a assinalar são de pequena monta, com vantagens para o lado do cartógrafo português, cuja nomenclatura é mais rica.

A confrontação das nomenclaturas entre si e com a atual permite melhor apreciar a importância relativa dêstes documentos sob o ponto de vista que adotámos:

Mapa de Descaliers (1550)	D. Homem (1558)	Correspondência atual
R. Grande	R. Grande	Rio Parnaíba
R de Parcel	. . . . .	Rio Timonha.
. . . . .	tierra de S. Vte.	Praias entre os rios Parnaíba e Timonha
. . . . .	C da loeste (54)	Ponta das Almas.
. . . . .	tierra dos fumos	Praias entre os rios Timonha e Camucim.
R. de 3 Bras	R. da Cruz (55)	Rio Camucim.
. . . . .	R. do pracell (56)	Rio Acaraú
Tierre de pescherie	tierra da pescaria	Costa do Acaraú.
. . . . .	C do Palmar	Ponta do Itapagé.
. . . . .	pa. dos prazeres (57)	Ponta dos Patos.
Ansse das negros	G. dos negros	Paràzinho ou Curumicuara.
m dely	m. delli	Serras do Juá a Guaiuba.
m formoso	M. fermoso	Deve ser um da serrania acima, ou talvez o Mataquiri.
p.ª preta (58)	. , ...	?
tierra de St. Lucas	tierra de S. Lucas	Costa da Fortaleza a Iguape.
. . . . .	C branco	Morro Branco (?)
. . . . .	p dos fumos	Ponta do Maceió, na barra do rio Jaguaribe.
G dos arecifes	b dos arecifes	Enseada do Retiro.
. . . . .	C Corco	Ponta Grossa.
. . . . .	R dangra	Barra do rio Apodi.
Serra de S. Michael	. . . . .	Serras Dantas.
. . , ...	R de S. Domingos (59)	Rio Açu
P das tartarugas	b de tartarugas	Enseada do Açu.
p prim^{a}	p^{a} primeira	Ponta do Tubarão.

grande baya	b. apralada	Enseada de Água Maré.
Pracel (60)	C. de pracell	Ponta do Calcanhar
Rock	tierra de S. Roque	Trecho de costa entre a ponta do Calcanhar e o cabo de São Roque.
C du Parcel	. . . . .	Cabo de S. Roque.
. . . . .	Orapi	Ponta da Pipa.
Oracapica	Oratapica	Ponta do Bacupari.
B. de traiçan	b de pitiacuá de treiçam	Baía da Traição.

Por êstes dois últimos topônimos indígenas, vê-se nos dois mapas a influência provável dos mapas de Reinel, desenhados cêrca de 20 anos antes.

***

De 1560 em diante, depois de divulgada a sensacional viagem de Orelana através da América meridional, os cartógrafos aventuraram-se a debuxar acidentes do interior desta América. A insuficiência de informações foi suprida com incriveis fantasias geográficas, baseadas em lendas extravagantes. Parece que o primeiro dos mapas que tentaram uma ousada representação geográfica do centro do continente foi o de *Diogo Gutierrez;* mas, muito de perto, foi seguido pelos cartógrafos portuguêses *Bartolomeu Olives* (1562) e *Bartolomeu Velho* (1564). Êste fêz figurar no meio do continente sul-americano o grande lago *Eupana*, fonte comum de águas para a alimentação dos rios Amozonas (Pará), S. Francisco e Paraguai. Anteriormente, porém, já *Darinel* (1555), numa carta de «La Sphere des Deux Mondes», colocara as cabeceiras do rio Amazonas no sul do continente, em terras patagônicas. (61) O mapa de *Gutierrez* despertou curiosidade e passou a servir de modêlo mais ou menos fiel a muitos outros, principalmente na Holanda.

A fantasia chegou ao ponto de fazer-se desenhar o nosso rio *Siará*, comumente confundido com o rio *Siopé*, o atual *São Gonçalo*, de tal modo, que se ia ligar ao rio *Parnaíba*, ficando a fonte comum dos dois muito longe, no centro do Brasil, em Goiás ou Mato-Grosso (Seutterum).

***

Fernão Vaz Dourado, que organizou vários mapas do Brasil e também se deixou dominar pelas fantasias hidrográficas de *Bartolomeu Velho*, é de algum interesse para êste estudo. Na costa nordeste do Brasil a sua cartografia ainda se estriba no velho modêlo que vimos atribuindo à expedição Leite, mas o traçado das costas se apresenta bem melhorado, e a nomenclatura abundante lhe dá real destaque. O mais antigo dos mapas de *Vaz Dourado* é de 1568 e o mais moderno de 1580.

No que se refere à costa cearense e suas vizinhas, a começar do rio Parnaíba, ao norte, podemos fazer com relativa facilidade as seguintes identificações: «R.: Grande», ou *Parnaiba* seguido da «Terra de S. Vte», que se estende até o estuário de um rio anônimo, mas que deve ser o *Timonha*. Entre êste e o «R.: dos 3 braços», sem nenhuma dúvida o rio da *Cruz* ou *Camucim*, está a «Terra dos Fumos». O estuário do «rio dos três braços» é realmente formado pelo leito do curso principal, para onde convergem, na mesma direção, mas em sentidos contrários, dois tributários, formando a famosa cruz que logo depois deu nome ao rio. Seguem-se sucessivamente: o barra do rio *Acaraú*, tão caudaloso quanto o precedente, com o nome de «R.: das baixas», certamente tirado dos conhecidos bancos da costa; a velha «terra de pescaria», que é ainda uma conseqüência daqueles mesmos bancos; e o «G dos praceis», que, pela posição relativa e denominação indicativa da existência de parcéis, tanto pode ser a enseada do *Mundaú* como a sua vizinha das *Flecheiras*. Continuando para leste, o mapa regista: o «G dos negros», que deve ser a enseada do *Paràzinho* ou, melhor, a *Curumicuara*; o «monte delli», logo seguido do «m Formoso» e «P. Pretà», situada ao oriente de uma enseada onde há uma ilha. O primeiro monte parece referir-se ao grupo de serras, próximas do mar, que ficam ao poente desta capital (Camará, Juá, etc.); o segundo deve então indicar o de Maranguape ou da Aratanha, efetivamente mais que aquêles merecedores do qualificativo formoso. A ponta referida é de difícil identificação; pelo lugar que ocupa no mapa, tanto pode ser a do *Mucuripe* como a do *Iguape*, mas a ambas não se ajusta muito bem o atributo que o nome indica. Um pouco adiante, está a «p dos fumos», seguida de um estuário bem caracterizado — ponta do *Maceió* e barra do *Jaguaribe*. O «C blanquo» que se vê entre a «p. preta» e a «p dos fumos», se não é a ponta do *Iguape*, poderá ser alguma pequena saliência nas proximidades do atual morro *Branco*, nas costas do município de Cascavel. Como é comum em muitos mapas da época, a extensão de costas entre o *Mu-*

curipe e a barra do *Jaguaribe* apresenta-se reduzida, sem proporção com a escala geral do desenho. Prosseguindo, abre-se a enseada do *Retiro* com o habitual nome de «G dos arrecifes», o «C Corso» ou ponta *Grossa*, «as serras» *Dantas*, que alguns mapas chamam de S. Miguel; um estuário, ao lado do qual está o nome de «S miquell», seguramente o rio *Apodi*, seguido da enseada que o mapa chama «B das tartarugas» e é a correspondente à barra do rio *Açu*. Imediatamente para leste, uma ampla chanfradura se denomina de «a Grã baia», sem dúvida a enseada de *Agua Maré*, com a habitual «p primeira» ou ponta dos *Três Irmãos*, visto como está à direita daquela enseada. Finalmente, vem a «C do parcell» correspondendo à do *Calcanhar*, seguida da expressão «S. Rocq», na região do canal.

***

Sensivelmente na mesma época ou um pouco mais recente, fim do XVI século, aparece a cosmografia de *Guillaume Le Festu*, com um interessante mapa editado em Paris, muito semelhante ao último de Vaz Dourado. Todavia, o traçado das costas que vimos estudando se mostra mais regular e preciso. Eis as identificações que conseguimos fazer no trecho em aprêço:

«Riv. Grand», «Terre de Fumos», «R. 3 brasos», ou sejam, respectivamente, o rio *Parnaíba*, a costa a oeste do rio Camucim e o rio dêste nome, que se apresenta com duas bôcas em conseqüência de haver uma ilha na saída do estuário. A leste dêste rio se vê uma aguda saliência sem inscrição, mas que se reconhece fàcilmente — o promontório da *Jeriquaquara*. Vêm em seguida as barras anônimas de dois rios, a «ponte de palme», a «Tere de pescarie» e a «ponte de praceis», que correspondem às barras dos rios *Acaraú* e *Aracatiaçu*, a ponta do *Itapagé* ou, mais provàvelmente dos *Patos*, e costas do município do Acaraú, onde os bancos costeiros tornam a região particularmente piscosa. Adiante, está o «G des Negros», seguido do «M Delli» e de uma vasta enseada, que termina em ponta aguda do lado de leste. O gôlfo, que vem reproduzido em inúmeros mapas dêsse século, é a enseada da *Curumicuara*, o monte, como de ordinário, o grupo de serras do Juá; a enseada é a do *Mucuripe*, caracterizada pela ponta do mesmo nome. O «M. Formoso», escrito adiante em correspondência com uma pequena saliência denominada «pt. preta», deve ser a serra de *Maranguape*, e a saliência, forçosamente, aqui, é a ponta do *Iguape*. Ao contrário dos mapas de Vaz Dourado e de muitos outros anteriores, o es-

paço de costa que vai dali (Iguape) à «terra dos fumos», perto da barra do Jaguaribe, é muito longo, circunstância que sugere a possibilidade do cartógrafo francês haver consultado um protótipo até então desconhecido. Pode supor-se que desenhasse o seu mapa com o de Vaz Dourado à vista e *croquis* provenientes de nautas gauleses, que já então freqüentavam assiduamente as costas nordestinas do Brasil. O mapa português referido não regista a terra nem a baía de S. Lucas, que aparecem com tanta freqüência em outros mapas; o francês, porém, traz o nome de S. Lucas, colocando-o muito a leste, na região do *Jaguaribe*, ao lado da baía «darreffices», que não pode deixar de ser a enseada do *Retiro*. A barra anônima de um rio que logo se abre é a do *Apodi*, seguida da «B de Taruruga», que é uma pequena chanfradura, adiante da qual outra bem maior com o nome junto de «Michael» corresponde à *Grã baia* de muitos outros mapas (Agua Maré?). Finalmente o nome de «S. Rock» assinala a região dos baixos e arrecifes célebres dêste apelido.

***

Deixaremos à margem referências a vários mapas dos últimos lustros do século XVI, para sòmente examinar o chamado *mapa português das Capitanias*, existente na biblioteca da Ajuda (Ccd. 51/IV/38), o qual se destaca dos demais por algumas interessantes circunstâncias. Neste vetusto e interessantíssimo documento cartográfico figuram, além da linha da *Demarcação de Tordesilha*, que passa pelo cabo Branco, no extremo oriental da foz do Amazonas, linhas transversais paralelas, normais àquela, dividindo as capitanias. Pertence ao grande grupo dos mapas derivados do protótipo de Diogo Leite, por isso que o gôlfo do Maranhão oferece os dispositivos topográficos característicos.

A capitania de João de Barros não se distingue das suas vizinhas ao norte, e o limite ao sul passa um pouco acima da baía da Traição.

Segundo Jaime Cortesão, cujas investigações são dignas do maior aprêço, o mapa é de 1574, e sua autoria deve ser atribuída a Luís Teixeira, pai do conhecido cartógrafo João Teixeira Albernaz. (62)

No mapa, o rio Parnaíba tem o nome de «R Grande»; logo à direita da sua barra, vem um «C Branco», que se pode identificar com a ponta do *Itaqui*. Segue-se a «P dos fumos», na costa onde nos mapas atrás examinados está a *terra de S. Vicente* e em alguns outros, a *terra dos fumos*; pois

se abrem em seguida a barra do «R de Cruz», que, evidentemente, é o atual *Camocim*. A esta sucede uma outra ou o largo estuário de um rio que traz o qualificativo de «Grande» e sem dúvida é o rio *Acaraú*. À direita dêste estuário, como no caso do delta amazônico e parnaibano, vê-se também um «C Branco», que aqui corresponde à ponta do *Itapagé*, assinalada por uma cruzinha indicadora de arrecife. O qualificativo, contudo, se aplicaria melhor à vizinha ponta dos *Patos*. Segue-se um trecho de costa com desenvolvimento fruste, o qual acaba na «B de macorie», exageradamente ampla, tendo na sua entrada uma curiosa ilha, com sinais de arrecifes à direita e à esquerda. A região está bem definida pelas montanhas que do mar ali se avistam e que os mapas quinhentistas insistentemente chamam «m delly» e «m fermoso», nomes aqui reproduzidos. A ponta do *Mucuripe* está sem inscrição; dentro da baía, despeja um rio de curso relativamente grande, também sem denominação. De certo, trata-se do rio *Ceará*, que os cartógrafos de antanho freqüentemente confundiam com o rio *S. Gonçalo*, outrora chamado *Ciupé*. Daí para leste, a costa se apresenta acidentada e marcada dos sinais indicadores de arrecifes, e dêste geito se prolonga até a foz do rio *Jaguaribe*. No trecho referido, abre-se uma baía, semelhante à do Mucuripe, com a sua ilha, devendo corresponder à enseada do *Iguape*; fora da baía e um pouco para leste, um outro «R Grande» despeja e deve ser o rio *Choró*; segue-se o «C de S. Roque», talvez reminiscência da abra dêste nome; corresponde aproximadamente à pequena saliência da *Sucatinga*. Continuando, abre-se uma chanfradura anônima, logo seguida da «P dos fumos», onde está, para o lado da terra, a inscrição «R de Suaguarine» (rio Jaguaribe), mas sem o traço indicativo do curso. A entrada do mar para o rio está limpa de arrecifes e bancos, que, porém, logo adiante recomeçam e se vão ligar com os de *São Roque*, no Rio-Grande do Norte. Os detalhes dêste trecho até o cabo que tem aquêle nome são: uma reintrância anônima, que evidentemente figura a enseada do *Retiro*, seguida imediatamente do «C Corso». Adiante, no fundo de uma ampla enseada, está a foz do «R de S. Miguel», o atual *Apodi*. Limitando a enseada, projeta-se modesta saliência, correspondendo à ponta *Redonda*, adiante da qual se cava uma enseada ou baía sem nome, mas que só pode ser a larga enseada do *Açu*, limitada por uma modesta saliência, também anônima (ponta do Tubarão).

A ponta do *Calcanhar*, em vista da inflexão continental, tem aqui a denominação de «P Primeira»; à direita, abre-se a profunda «B das Tartarugas», estranhamente findando

numa pequena saliência que tem em frente o nome de «Tabatinga». O mapa nesse ponto oferece sinais de muita confusão. Em primeiro lugar, há uma considerável redução no desenvolvimento da linha de contôrno; em segundo lugar, é evidente a ausência do cabo de *São Roque*, salvo se êste é o a que êle chama «P Primeira»; mas, então, omite não só a' ponta do Calcanhar como a dos Três Irmãos». (63) Não admira, por que, nesse trecho, muitos acidentes importantes, já noutros mapas mais antigos consignados, não têm representação.

Malgrado tais defeitos, constitui valioso documento cartográfico, que alguma luz lança na nossa proto-história. Sendo o mais antigo mapa ou documento que regista o nome do *Mucuripe* (e o faz cêrca de dez anos antes de Gabriel Soares), mostra que, anteriormente, o lugar e o topônimo já deviam figurar em algum *croquis* ou roteiro da costa, por tanto que se tinham registado relações positivas entre os navegantes que freqüentavam aquelas paragens, talvez à procura de âmbar, e os nativos. Êstes, de certo, não eram tapuias, pois o têrmo é indubitàvelvente tupi. Isto significa que então os potiguaras ou tabajaras freqüentavam as nossas praias e por lá deviam estacionar tempo suficiente para observarem que no *Mucuripe* havia *mocós* ou *macuris* (64)

Suaguarine, para *Jaguaribe*, é nome que Gabriel Soares escreveu menos deturpado, *Jagoarive*. Como no caso precedente, indica que o lugar já tinha sido visitado por nautas portuguêses, que de índios tupi colhera o apelido do rio. Para o sul, os sinais de que tais marinheiros já traficavam com os nativos e que êstes eram tupisestão nos nomes indígenas de «Tabatinga», «Camaratine», «Itacua tijara», etc. Por tanto, já desde um pouco antes de 1574, traficantes lusos percorriam as costas de Pernambuco até pelo menos a enseada do Mucuripe. Todavia, importa reconhecer que tais excursões eram irregulares e sem dúvidailegais; deviam corresponder às refer ridas pelo cronista João de Barros quando tão amargamente se queixava dos saltos e maltratos que gentes de Portugal faziam aos índios da sua capitania, onde iam sem as devidas licenças resgatar e prear nativos.

***

A maioria dos mapas do fim do século não oferecem para o estudo que aqui se empreende matéria nova, não permitem conclusões de valor para a história do norte ou do nordeste brasileiro. Em geral, pouco cuidados ou impressos com grandes falhas, repetem o que outros já consignaram de modo mais proveitoso.

De entre os mais dignos de atenção sob outros aspectos, que não o que apreciamos, cumpre destacar os da 8ª. edição da Popelliniére *in* «Les Trois Mondes» (1582), os de Frobisher, de H. Gilbert e o do Harluyt (todos de 1586), onde apenas figura o Ceará com três ou quatro inscrições. Destas, as mais comuns são a *terra ou cabo de S. Vicente*, a *baía dos negros* (Curumicuara) e o *Cabo Branco*. Quase nas mesmas condições está o mapa de *Jode*, «Brasilia et Peruvia», *in* «Speculum Orbis Terrae» (1598). A nomenclatura é um pouco mais abundante no trecho da costa nordestina, aparecem topônimos característicos, como a «Terra de S. Lucas», «Monte deli», «P dos fumos», «B de arecifes», «C corso» e «R de S. Miguel».

Do mesmo tipo dêste último, é o mapa de *Levino Hulsium* (1599), onde se encontra desenhado o célebre lago *Eupana*, mandando parte de suas águas ao mar pelo «R Real». No trecho correspondente à costa cearense, a primeira inscrição ao norte é a «P dos Fumos», seguida pelo «R da Cruz» (Camucim). O «C Cerco», que parece ser o *C Corso* dos outros mapas, foi estranhamente levado a ocupar o lugar da ponta do *Itapagé*, na costa do Acaraú. Segue-se então sucessivamente: a «A dos negros» (Curumicuara), os «M delli» (montanhas de Juá e Maranguape), a «B de Pracelata» (que tanto pode ser a enseada do Pecém, como a do Mucuripe, ou mesmo a do Iguape). Daí em diante, um enorme hiato reduz a linha da costa, omitindo todo o interessante trecho que se estende até a baía da *Traição*, na Paraíba, deixando de permeio apenas o velho topônimo indígena de «Ora Pinhan», que temos visto em alguns mapas anteriores, inclusive no de Reinel, que vem do comêço do século.

***

Em 1587 apareceu a notável obra de Gabriel Soares, «Tratado Descritivo do Brasil», contendo o célebre «Roteiro Geral», com largas informações de toda a costa do Brasil. Esta obra foi exaustivamente estudada por Varnhagem, que consultou muitos exemplares manuscritos e fê-la publicar com as devidas correções. Soares gastou 17 anos anotando observações, colhendo dados e informes, com que conseguiu escrever o *quaderno*, que, em original ofertou a Cristóvão de Moura com uma carta de Madri, datada de 1º de março de 1587. Pensa Jaime Cortesão que, como Soares partiu da Bahia, onde residiu e teve engenho, para a Península em agosto de 1584, se deve fixar neste ano o têrmo médio das notícias coligidas pelo autor. O *quaderno* original parece perdido

mas muitas cópias foram dêle tiradas e se espalharam ràpidamente pelos bibliófilos do fim e comêço dos séculos XVI e XVII. A primeira impressão da obra fêz-se em Lisboa, por iniciativa da Academia das Ciências, mas o códice de que se valeu era pouco fiel (Varnhagem). A 2ª. edição é de 1851, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Rio de Janeiro, e foi organizada pelo próprio Adolfo Varnhagem. O *Roteiro* resume os principais conhecimentos das nossas costas e representa quase tudo quanto na época conheciam os marinheiros portuguêses que por elas velejavam. Com o auxílio das latitudes dadas para cada lugar e respectivas distâncias, seria possível construir um *croquis* da costa, mapa rudimentar, mas capaz de ser comparado com outros da época. O esbôço que fizemos para o trecho das costas cearenses e nordestinas, do rio Parnaíba à baía da Traição, revela que os dados de Gabriel Soares nem sempre se harmonizam bem: melhores em alguns lugares e piores noutros. (65) As latitudes são geralmente inferiores às verdadeiras, sobretudo no trecho compreendido entre o rio Parnaíba e a inflexão continental; todavia, mesmo aí, o êrro referente à costa do Acaraú não é grande. Torna-se, porém, considerável entre o Paràzinho (Paracuru) e o rio Apodi. Na costa paraibana, a aproximação é razoável.

As distâncias em léguas (de 17,5 ao grau) também oferecem estranhas variações. Da foz do Parnaíba à do Apodi, é possível combiná-las com as latitudes para desenhar um regular contôrno da costa; mas, daí por diante, já isto não se pode fazer e importa traçar dois contornos, um, só com as distâncias, que dá figura mais regular, e o outro, só com as latitudes, de que resulta uma linha mais afastada da real, quanto à forma. No traçado segundo os informes de Soares, a inflexão continental dar-se-ia nas proximidades de uma enseada que traz o nome de *Itapitanga*, «pedra vermelha», situada 13 léguas adiante do cabo que chama de S. Roque. Isto e outros fatos análogos revelam freqüentes erros na localização dos lugares e confusões de nomes. A enseada do Mucuripe, por exemplo, está colocada muito para oeste, ocupa aproximadamente a posição da que atualmente se chama Mundaú, cêrca de 15 léguas a oeste do seu verdadeiro lugar. É curioso observar que, enquanto os erros de latitude são muitas vezes consideráveis, pois só na costa do Ceará variam de meio grau (30 minutos) a um e meio (90 minutos), as longitudes, naquele tempo de determinação muito mais difícil, apresentam-se razoàvelmente corretas, como é fácil apreciar no quadro que está adiante, onde se resumem as identificações toponímicas.

Tudo isto mostra que os documentos onde o grande cronista foi procurar as fontes do seu trabalho provinham de navegantes mais peritos na arte da marinhagem e singraduras do que pròpriamente na cosmografia. E de tal fato se tira um valioso indício a mais para patentear a irregularidade das navegações pelas costas norte e nordestina do Brasil num extenso período de tempo, dentro do XVI século. Realmente, como vimos, além da expedição exploradora de Diogo Leite e das malogradas tentativas que empreendeu João de Barros, tôdas as outras que singraram as nossas costas, então, eram mais ou menos clandestinas, de estrangeiros ou de aventureiros que vinham, sem licença legal, explorar os nativos. Gente sobremaneira prática na condução dos navios, mas desprovida de conhecimentos astronômicos.

Examinemos agora o quadro no fim dêste capitulo, onde se registam as identificações dos topônimos, as latitudes dadas pelo cronista, as verdadeiras, os erros nas longitudes e, finalmente, as distâncias consignadas no Roteiro e as reais até o rio Apodi (São Miguel).

O quadro parte do rio Parnaíba (67), chamado no mapa Rio Grande.

A continuação dêste quadro comportaria duas linhas de costas: uma desenhada de acôrdo com as distâncias dadas pelo cronista, desprezando de um modo geral as suas latitudes; outra debuxada, tendo como base as latitudes. Efetivamente, Soares dá a distância de 4 léguas do rio S. Miguel (que indubitàvelmente é o Apodi) ao rio Grande, que não pode ser outro senão o Açu (aliás os nomes são etimològicamente os mesmos). Ora, a diferença de latitudes, segundo o Roteiro, é de 20 minutos apenas entre as barras dos dois rios, mas um terço de grau equivale, perto do equador, aproximadamente a 6 léguas. Com tais elementos, pois, não seria possível, partindo do Apodi, fixar o Açu. Por êste motivo, continuaremos as identificações independentemente da posição dos lugares.

Cabo de S. Roque	Ponta dos Três Irmãos (68)
Ponta de Goaripari	Ponta do Calcanhar ou talvez a do Santo Cristo
Enseada da Itapitanga	Pititinga
Rio Pequeno	Rio Ceará-Mirim
Rio Grande	Natal (Rio-Grande do Norte)
Ponta dos Buzios	Ponta dos Búzios
Tabatinga	Tabatinga
Itacoatigara	Ponta da Pipa

Rio Goaramatai	R. Curimataú
Rio Camarative	R. Camaratuba
Bahia da Traição	Baía da Traição.

Todavia, estas identificações reclamam algumas observações, sobretudo em relação aos topônimos de certo trecho da costa rio-grandense.

1) *Rio Grande.* Está perfeitamente identificado com o Parnaíba; não só por que nêle «entram navios da costa e tem nelle boa colheita, o qual se navega com barcos algumas leguas» (Soares), como por que o caso referido a respeito do náufrago Nicolau de Resende, que encontrou as grandes lagoas (Tutóia) antes de alcançá-lo, vindo do norte (Maranhão), tira qualquer dúvida.

2) *Rio dos Negros.* O rio que realmente fica cêrca de 7 léguas a leste do Parnaíba (Barra Velha do Iguaraçu ou Amarração, que é a bôca mais oriental do delta e, com excepção da Tutóia, a mais acessível) é o *Timonha.* A distância extata pela linha da costa é de 28 quilômetros e, pelo mar, sem contar a entrada numa e noutra barra, 18 milhas. Levando em conta tais entradas, teremos 22 milhas, isto é, 5,5 léguas. Mas, se a barra em questão é a das *Canárias*, como parece mais razoável e mais de acôrdo com a inteligência do texto, a distância a computar-se no mar é de 27 milhas, ou cêrca de 30 de ancoradouro a ancoradouro. Teríamos então 7,5 léguas, que se enquadram bem dentro da aproximação adotada pelo cronista, uma légua.

3) *Barreiras Vermelhas.* As únicas que se encontram naquelas costas estão na entrada do estuário do rio *Camucim*, na bôca do norte. «A Oeste desta barra do Camucim e na beira da praia, existem umas *barreiras vermelhas*, que se descobrem quando a barra demora ao SO» (Collatino). A identificação não pode ser outra. A distância daí ao rio dos Negros, o Roteiro regista-a como sendo do 6 léguas; o cálculo está exato, pois, efetivamente, segundo consignam os modernos roteiros, é de 24 milhas. Tem-se assim um indício confirmador da identificação precedente.

4) *Ponta dos Fumos.* A 5 léguas a leste do *Camucim*, projeta-se mar a dentro o interessante promontório de *Jeriquaquara*, único cabo ou ponta de tôda a costa entre os rios *Curiaú* (Camucim) e *Acaraú.* Malgrado Soares dar 4 léguas das Barreiras Vermelhas, a ponta dos fumos não pode deixar de ser êsse promontório. O êrro de uma légua é comum em Soares.

5) *Rio da Cruz.* Nos séculos XVI e XVII, entre os

cartógrafos havia muita confusão em relação a êste topônimo; uns atribuíam-no ao rio *Camucim*, outros ao rio *Acaraú* (Leuinum Hulsium, Henricus Hondius, Gio Gioseppe di Santa Teresa, etc.), e não faltou mesmo quem o aplicasse ao rio *Aracati* (Joannes van Loon). Ora, da ponta da *Jeriquaquara* 28 ou 30 milhas para leste está o delta do rio *Acaraú*, distância que concorda com a do Roteiro (7 léguas) e leva naturalmente à identificação do rio da Cruz com êste.

6) *Rio do Parcel.* Seria natural que êste rio fosse o moderno *Acaraú*, não só pelo nome, que lembra os célebres baixios ou coroas do Acaraú, como por que nos mapas de origem lusitana o rio da Cruz comumente é o *Coreaú*. Mas, mercê da sucessão que vimos seguindo rigorosamente, somos levado à identificação com o rio *Aracatiaçu*, cuja barra demora justamente a 8 léguas da do *Acaraú*, ou um pouco menos.

Enseada do Macorive. A pesar dos nomes comuns, não é possivel fazer esta enseada corresponder à do verdadeiro Mucuripe, onde atualmente se constrói o pôrto desta capital. Do *Aracatiaçu* ao *Mucuripe*, pelo mar, vão 96 milhas, isto é, de fundeadouro a fundeadouro cêrca de 26 léguas, que, de fato, se não podem coadunar com as 11 dadas pelo cronista. Esta última distância nos levaria apenas aproximadamente à enseada das *Flexeiras* (12 léguas), ou a do *Mundaú* (9 léguas). Não obstante a discordância ser maior, preferimos identificar essa enseada com a do *Mundaú* em vista de ser maior e comportar bom surgidouro e abrigo para os navios daquela época; «a Enseada do Mundahú é boa para qualquer navio ancorar bem a meio della», dizia Collatino Marques em 1883. (168)

Rio das Ostras. Situado entre o *Aracatiaçu* e o *Mundaú*, deve ser o que despeja no lugar *Pernambuquinho* e tem êste mesmo nome. O Senador Pompeu diz que *Pernambuquinho* é enseada na costa, perto da barra do *Aracatiaçú* e nela fundeiam barcos pequenos. Êste pôrto foi desde muito cedo conhecido e freqüentado pelos nautas. No Roteiro da Navegação e Conquista do Brasil, Angola, etc., (1665) tem o nome de *Pernambuco* e dêle diz ser limpo e na praia haver palmeiras. O mapa de João Teixeira Albernaz, anterior a 1666, já o representa como uma baía de regular dimensões e lhe dá o nome de *Pernãobuco*; noutro mapa deste mesmo cartógrafo se escreve *Paranapuco.*

Monte de Li. Soares coloca êste monte 15 léguas adiante do seu Macorive, isto é, cerca de 60 milhas. Contando tal distância do *Mundaú* chega-se ao ancoradouro desta capital, 3 milhas ao poente da enseada do verdadeiro Mucuripe. Ao

sul, 4 léguas para o interior, fica a serra de *Maranguape*, a mais importante, maior e elevada do grupo de serranias que os navegantes avistam do mar entre *Pecém* e *Iguape*. Isto nos induz a identificar o *Monte Li* do cronista com a serra de *Maranguape*.

Gabriel Soares observa que em correspondência com o monte de *Li* «ha porto e abrigada para os navios da costa». Isto confirma a identificação proposta, uma vez que realmente não só a enseada do Mucuripe, como a barra do rio Ceará, eram e são portos satisfazendo aquela afirmativa. Mas não é tudo; o cronista acrescenta que entre «este porto [o que na costa corresponde ao monte Li] e a enseada de Macorive [Mundaú] tem os mesmos navios surgidouro e abrigada no porto que se diz dos parceis». Sem dúvida, trata-se do pôrto que existe na enseada do *Parazinho* hoje *Paracuri*.

Porto dos Parceis. Situado, como acabamos de ver, entre o verdadeiro Mucuripe e o de Soares, isto é, na costa do Mundaú a desta capital. Há nesta costa alguns pequenos portos, mas a todos se avantaja o do *Paracuri*; na enseada do Paràzinho, diz Collatino, «pode-se fundear porque ha alli um bom ancoradouro muito abrigado dos ventos de l'Este até ao Sul». Ora, a ponta do Paràzinho que limita a enseada a leste termina num arrecife, que justifica a propriedade do nome.

Rio de Jagoarive. Trata-se da barra do *rio Jaguaribe*. Duas circunstâncias, à primeira vista, conspiraram contra a identificação. A prímeira resulta da distância de apenas 10 léguas dadas por Soares daí ao Mucuripe, quando efetivamente ascende a cêrca de 15, êrro bem sensível. A segunda é a referência que o *Roteiro* faz a outro rio, além do Jaguaribe, a que chama *Rio Grande*, o qual diz despejar junto à barra daquele. Não existe êste rio, salvo se quisermos considerar como tal, o que parece razoável, a foz do escoadouro para o mar da *lagoa do Mato*, a qual fica de fato a leste da barra do rio, cêrca de uma milha para leste. Anotemos que aqui, se ha discordância muito sensível na distância referida, as aproximações de latitude e especialmente de longitude, como se pode apreciar no quadro referido, estão dentro de limites toleráveis.

Bahia dos Arrecifes. Inquestionàvelmente é a *enseada do Retiro*. Basta examinar a grande lista de mapas quinhentistas acordes em situar e nomear esta enseada de modo relativamente correto.

Rio São Miguel. É outra identificação fácil e que não comporta dúvidas, não obstante a distância consignada por Soares daí para a baía dos Arrecifes; diz ser, ao contrário do caso precedente (Jaguaribe-Arrecifes), inferior à real;

em vez de 7 léguas, deveria registar 8,5. Num grande número de mapas quinhentistas, o rio *Apodi* ou *Mossoró* traz o nome de *rio de São Miguel*, no século seguinte mudado para *Upanema*.

Rio Grande. Evidentemente, o *rio Açu* ou *Piranhas*. O nome ainda é o mesmo.

Cabo de São Roque. Aqui acontece caso semelhante ao do Mucuripe. O cabo de S. Roque do cronista é outro, que não o verdadeiro; situado quase a meia distância entre a barra do *Açú* e o cabo real. Pode corresponder verossìmilmente à ponta dos *Três Irmãos*, que fica quase a 10 léguas da foz do *Açu*, cifra registada no Roteiro.

Ponta de Goaripari. É dada como distando 6 léguas de S. Roque. Parece corresponder à *ponta de Santo Cristo* ou talvez à outra mais a leste, por ventura a *ponta do Calcanhar*.

Enseada da Itapitanga. O nome significa *pedra vermelha*. Como perto da ponta do Calcanhar (Areias Gordas), existem umas barreiras vermelhas, pode ser que por aí esteja a enseada. E isto é tanto mais interessante quanto, na tentativa de desenhar um traçado da costa descrita no Roteiro, chega-se a verificar que é nesse lugar ou nas suas proximidades que está a inflexão continental. Entretanto, à distância de 7 léguas levaria a um lugar perto da *Pititinga*, muito visinho ao cabo verdadeiro. Entre êste cabo e a *Pititinga*, no lugar chamado *Paracobu*, há também umas barreiras vermelhas. Por êsse motivo, dadas as circunstâncias referidas, igualmente aplicáveis a êsse caso, preferimos a identificação com a *Pititiuga* ou com outra enseada próxima, para o lado do sul.

Rio Pequeno. Pode, como geralmente se supõe, ser o *Ceará-Mirim*.

Rio Grande. Êste sem dúvida é o estuário do *Potengi* (Natal) ou *Rio-Grande do Norte*.

Daí até a baía da *Traição*, na Paraíba, as identificações se apresentam quase evidentes; dispensam comentários ou justificações.

* * *

Topônimos quinhentistas. A toponímia do XVI século no Ceará limitou-se à costa, mas, com inscrições informativas abundantes, torna os velhos mapas sobremodo curiosos. O seu interesse histórico, psicológico e em geral social é particularmente digno de apreciação.

Em primeiro lugar, pudemos notar que êsses topônimos da costa são nomes: I) de origem européia; II) de ori-

gem asiática e, finalmente, III) de origem americana ou ameríncola.

Os primeiros, como é natural, são muito mais numerosos; constituem mesmo a quase totalidade, por quanto sòmente há um topônimo asiático e dois americanos. Êstes, contudo, oferecem o mais elevado aprêço histórico. Os *europeus* podem ser classificados em: A) *originais*, por isso que mantêm a sua significação primitiva, pelo menos durante todo o século XVI; B) *substituídos*, que são aquêles que perderam a sua primeira significação em benefício de outra; e C) *modificados*, quando o vocábulo experimentou alterações fônicas ou gráficas no decurso do século.

As designações originais são de grande importância, abundantes e em extremo curiosas. Provêm, não de expressões espontâneamente populares, mas de aplicações oriundas dos primeiros navegantes, impressionados com algumas circunstâncias locais ou, se não, como não era raro, dominados por idéias religiosas.

No primeiro caso, quando o topônimo não representa uma simples evidência geográfica, apresenta-se de ordinário metafórico.

Sob o aspecto geográfico, só a fisiografia da costa fornece denominações, salvo as de algumas poucas montanhas do interior, que se elevam assaz para que do mar o seu vulto ainda impressionasse. A hidrografia apresenta a maior contribuição; rios, baías e golfos são numerosos.

No mapa peoneiro, o de Juan de La Cosa, precioso documento cartográfico da América, a costa cearense já aparece com um topônimo tirado da sua geografia marinha, — o gôlfo dos ARRECIFES, indicando um acidente situado um pouco a oeste desta capital. Corresponde a uma das duas enseadas que se abrem por ali, ambas protegidas por pontas modestas, mas coroadas com arrecifes que não passaram despercebidos aos primeiros nautas.

Estas enseadas se denominam agora: *Pecém* e *Curumicuara* A ponta do *Pecém* forma um abrigo, um pequeno pôrto protegido, próprio para modestas embarcações; prolonga-se mar a dentro com um recife que mede cêrca de meia milha de extensão (Tavares). A ponta de *Curumicuara* é a parte mais saliente da costa entre o *Mucuripe* e o *Itapagé*, e como a do *Pecém*, e outras da mesma natureza nesse trecho litorâneo, está coroada por arrecifes. Sendo a enseada da *Curumicuara* mais profunda e importante do que a do *Pecém*, pode ser que o «G. de arecifes» de La Cosa seja realmente esta, tanto mais quanto, no mapa, está logo seguida do «r ne-

gro» ou *rio Negro*, que, indubitàvelmente, é o rio *Curu*.

No mapa de Kunstmann n. II, que é de 1502 ou 1503, o *golfo dos Arrecifes* parece ser realmente a *enseada de Curumicuara*, mas traz a denominação diversa. Êste fato, corroborado, aliás, por outros documentos, indica que o autor português do mapa do atlas germânico não utilizou o planisfério espanhol na confecção do seu.

O topônimo, depois de Cosa, não foi mais empregado para designar essa enseada ou mesmo a do *Pecém*. Passou em 1515 ou 1516 a designar a atual enseada do *Retiro Grande*, perto do *Aracati*, aberta ao oeste da ponta *Grossa*, então chamada «cabo Corso», como já se vê nos mapas de Reinel (1516).

Aplicado a esta *enseada*, que os velhos cartógrafos ora classificavam de gôlfo, ora de baía, perdurou até o fim do século, pois que ainda está no mapa de Cornelis Jode, em 1593, e no de Arnoldo Florentino van Langen, que é de 1596.

A enseada do *Retiro Grande*, onde abicou Vicente Yañez Pinzón, ao abrigo da ponta *Grossa*, o mesmo cabo de «Santa Maria de la Consolación», (a primeira terra brasileira lobrigada por gente da Europa), era até alguns anos um bom ancoradouro, de bastante fundo; mas, agora, se acha obstruído e é de pouca serventia, conquanto seja ainda regularmente freqüentado por pequenos barcos veleiros.

Arrecifes, neste caso, provém de que a ponta que protege a enseada, a leste, bastante saliente e elevada, está rodeada de pedras à flor da água. A denominação não podia ser melhor ajustada ao acidente geográfico.

É de admirar como a formação arenítica de arrecifes, tão comum nas costas cearenses, não tivesse dado maior número de topônimos. Apenas, como referimos, dois acidentes destas costas receberam o batismo de *Arrecifes* ou *recifes*. No começo do século, a enseada de *Curumicuara*, e mais tarde a do *Retiro Grande*. Depois, aparece o topônimo no mapa de Turim, aplicado a uma ponta, a «pª de arecife», que se pode identificar com bastante acêrto à ponta dos *Patos*, que protege a enseada do mesmo nome, onde despeja o rio *Aracatiaçu*.

A «PUNTA DEL MEDANO», outro interessante topônimo de Juan de La Cosa, é sem possível contestação identificada à *ponta do Iguape*, sôbre a qual se alteia uma grande e elevada duna de areias fixadas, com 120 metros de altitude. Com tal altura se torna visível a 23 milhas do mar. Devido a manchas de vegetação, o morro, atualmente, apresenta-se, visto de bordo, como de côr branca com muitas malhas es-

curas. A oeste desta ponta, forma-se uma baía, onde, em 1613, ancorou a esquadra que ia libertar o Maranhão.

Nesse ponto, os nautas que vinham do sul começavam a distinguir as antigas serras de *Dequeamamune*, as quaes estão exatamente «sobre o Macoripe» (Mariz).

«Punta del medano» foi topônimo que não vingou, malgrado o seu valor expressivo; não foi seguido pelos cartógrafos que sucederam a Cosa. Possivelmente, por que não conheceram o mapa espanhol.

A «COSTA PAREJA» do mapa de La Cosa é o trecho compreendido entre a foz do rio *Acaraú* e a do rio *Curu* (pode ser também em vez desta foz a do rio Mundaú). Não conseguimos saber o que significa esta palavra, que parece deturpada. Talvez seja parcela (emparcelada), e alusiva aos baixos do Acaraú.

Outro topônimo cosiano inspirado na geografia é o «CABO DE ARBOLEDOS», que deve corresponder à *ponta do Feijão* ou talvez à sua vizinha, *ponta do Trapiá*, ambas na abertura do delta do rio *Camucim*. O nome foi evidentemente sugerido pelos mangais que ali, outrora, eram abundantes e viçosos. Parece que Pínzón e especialmente Lepe (que observou a costa mais demoradamente) não entraram no estuário, por isso que no mapa se não encontram referências às barreiras vermelhas que bordam as praias na margem esquerda, entre a atual cidade do *Camucim* e a ponta do *Trapiá;* de longe, êles observariam apenas a vegetação.

Os outros topônimos do tipo geográfico, na costa cearense, que se encontram no mapa de La Cosa, são metafóricos; aplicam-se a um rio e a um monte que à gente de bordo pareceram negros. Esta gente devia ser especialmente os nautas de Lepe. Daí, o «r. negro» e o «m. negro».

Vimos atrás as razões que justificam o acêrto dos navegantes que deram tais apelidos ao rio *Curu* e à longínqua serra da *Uruburetama*.

Esta, no Roteiro de Mariz Carneiro, tem o nome de *Uxububu;* está coberta de espêssa vegetação, que, vista do mar, à distância de cêrca de 8 léguas, quando não há brumas, parece negra.

No mapa de La Cosa, resta somente considerar o topônimo que foi o primeiro aplicado a terras brasileiras por gente da Europa. O CABO DE SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN, abreviado no documento, provàvelmente por tê-lo já feito Lepe no seu esbôço, em «C. de Stm^a». Fica situado entre as «motas arenosas» (morros do Tibau, Manibú, etc.) e a «punta del medano», o que indica que o autor do

esbôço referido não se aproximou do trecho costeiro situado entre o rio Jaguaribe e a ponta do Iguape; do contrário, teria aí figurado a saliente ponta do *Maceió* e a foz do rio Jaguaribe, o mais notável curso dágua destas costas.

O topônimo sem dúvída tem uma especial importância, mas o que sobretudo importa reter é o fato de ter sido o primeiro de origem européia no Brasil.

É curioso observar que, embora mencionado pelo rei espanhol numa capitulação interessante, deixou de figurar nos mapas posteriores, mesmo nos de origem castelhana. Pode-se supor que isto resulte da circunstância de logo se ter levantado dúvida sôbre a soberania espanhola no trecho de costa que ia dalí à foz do rio *Amazonas*.

Santa Maria de la Consolación não só é o primeiro nome aplicado a um trecho de terra da costa brasileira, como também o primeiro de caráter místico, revelando a importância do fator religioso entre os descobridores da terra de *Santa Cruz*. A expressão traduz a consolação que o aparecimento da terra logo prometeu aos nautas abatidos, física e espiritualmente, com os trabalhos e a má alimentação próprios das grandes travessias oceânicas daqueles tempos. Era a esperança de descanso e quiçá de salvação, por ventura ainda de pingues riquezas, com que todos se consolariam das mais arriscadas e penosas canseiras.

A terra revelava-se aos navegantes, depois de dois meses de derrota por mares desconhecidos e por vezes tempestuosos. A enorme resistência dos marinheiros de então exigia higidez excepcional de corpo e de alma. Aquela era o resultado da seleção no recrutamento de marujos, e esta era o amparo da fé ardente num Deus protetor, que jamais deixaria de olhar compassivo para os seus crentes fervorosos.

ROSTRO HERMOSO é o segundo lugar batizado em terras brasileiras. Como referimos, corresponde à *ponta do Mucuripe*. O nome, que ainda expressa o espírito religioso dos nautas, foi dado por Vicente Pinzón, provàvelmente no dia 4 de fevereiro de 1500. O marco com que o almirante quis assinalar o seu descobrimento foi uma cruz, que Diogo de Lepe, alguns dias depois, ainda encontrou no mesmo lugar onde fôra plantada. (69)

Depois do mapa de La Cosa, a fonte de topônimos quinhentistas da nossa costa são os mapas que cronològicamente lhe sucederam.

No comêço do XVI século, o exame dos documentos cartográficos mostra que os motivos de caráter religioso superavam os de inspiração geográfica na designação dos luga-

res. Nos conhecidos mapas de Kunstmann II, Kunstmann III, Canerio, Waldseemuller, Ruysch, desenhados na primeira década do mencionado século, só encontramos na costa cearense nomes de inspiração religiosa. Nestes vetustos documentos aparecem os três topônimos: SÃO ROQUE, aplicado a uma angra; SANTA MARIA, para designar certo lugar mais ou menos imediatamente ao sul daquela angra, onde os nautas costumavam fazer as suas aguadas; e, finalmente, SÃO VICENTE, para batizar, ora uma monte, ora um extensa cadeia de montanhas, como se vê no último dos mapas referidos. É de interêsse lembrar que êste mapa alemão é o primeiro em que uma montanha está desenhada no contínente americano, e cumpre assinalar que os montes ali representados pertencem ao Ceará. Foram serras nossas as primeiras que tiveram a honra de se verem representadas nos mapas americanos.

Esta angra de *São Roque* foi referida, como vimos em notas do I Capítulo, pelo cõsmógrafo Duarte Pereira, no seu *Esmeraldo*. A latitude que lhe foi consignada de 3° 30', se exata, a coloca rigorosamente na enseada do *Pecém* Mas esta é de bem pouca importância em face da sua vizinha, denominada enseada da *Cnrumicuara* Raul Tavares, no seu estudo corográfico da costa do Brasil, diz, daquela, apenas que é «um abrigo para pequenas embarcações» e, desta: «..... ao oeste (da ponta do mesmo nome) há uma baía bastante profunda com bom fundeadouro para navios de pequena cabotagem, os quais amarram em frente de uma pequena povoação, junto à qual desemboca o rio São Gonçalo», que é o antigo *Siupé*.

Não se conhecem os motivos que lembraram o topônimo, por ventura terá sido o nome do barco que primeiramente ali abicara em 1501. Duarte Leite propende a aceitar como origem da expressão a segunda expedição que, sob o comando de Gonçalo Coelho, veio ao Brasil em 1503. Já registámos neste trabalho com muitos detalhes a nossa opinião a respeito.

Como já fizemos observar, o monte de *S. Vicente*, nos mapas de Kunstmann II, III, parece ser as *serras Dantas*, situadas a oeste da inflexão continental, no extremo oriental do Ceará; e esta mesma identificação decorre dos mapas de Canerio e de Waldseemuller. Mas, no de Ruysch, é possível, com muitas probabilidades de acertar, identificá-lo com as serras de Maranguape, Aratanha, etc., isto é, com as serras que os tapuias locais chamavam de *Daqueamamune*. Todavia, a imprecisão do desenho permite ainda uma possível identificação com as serranias que formam a extremidade setentrional

do massiço da *Ibiapaba*, no extremo ocidental do Ceará.

O nome de *S. Roque* um pouco mais tarde emigrou para o sul, indo fixar-se na ponta ou cabo que atualmente o conserva, no Rio-Grande do Norte, onde substituiu o de *Santa Cruz*. O primitivo topônimo, aplicado a êste cabo ou talvez à ponta do Calcanhar, SÃO JORGE, teve pouca vida. Vemo-lo no velho mapa de Cantino (1502) e supõe-se com algum fundamento que foi imposto por João da Nova, quando ali por perto esteve na sua derrota para a Índia em 1501. (70) *Santa Cruz* ora designava o cabo de S. Roque, ou, melhor, a ponta do *Calcanhar* (inflexão do continente), ora o cabo de *Santo Agostinho*, e essa confusão, como referimos, trouxe curiosas conseqüências de caráter geográfico e até político. Durante muitos anos, do primeiro quartel do XVI século, confundiu-se o cabo de *S. Roque*, que se supunha estivesse situado no vértice do cotovelo sul-americano e representasse a parte dêste mais avançada para leste, com o cabo de *Santo Agostinho*, que, igualmente, gozava, entre nautas, desta singular posição.

Sabe-se agora que nem um nem outro ocupam tal lugar, privativo do *Cabo Branco* no estado da Paraíba.

O desejo natural de conciliar as contradições decorrentes do êrro levaram os cartógrafos a desenhar erradamente as costas nordestinas do Brasil, colocando-as ora ao norte ora ao sul da linha equatorial.

Em 1510, quando apareceu o mapa, representando a América, chamado de Eggerton, as inscrições e topônimos das costas do Ceará apresentavam um certo desenvolvimento, que, entretanto, ainda mal se podia comparar com a nomenclatura copiosa do mapa de Juan de La Cosa.

No trecho que nos interessa, êste velho documento cartográfico mostra 3 topônimos de inspiração puramente religiosa, nomes tirados do agiológio católico, os quais já figuravam nos mapas precedentes, embora com alguma deturpação: «Pelaga de Rocha», que deve ser, pela referência do último nome, a *angra de São Roque*; «Santa Maria», que, embora a larga distância da *pelaga*, parece corresponder a «Santa Maria de Gracia» ou aguada de S. Maria daqueles mapas; e ainda outro «S. Maria», colocado a oeste de uma «montana verde», que se deve referir às serranias de Maranguape, Aratanha, etc. O primeiro pela sua posição, parece poder ser identificado com a baía de *Mucuripe* ou talvez de *Iguape*. (71)

O terceiro, o «S. Maria» colocado entre o «R do Vaizabarriles» e a barra de um rio que despeja no mar imediatamente ao ocidente de «Montana Verde», pode ser referido

a um acidente geográfico, baía ou ponta, dos diversos que existem entre os rios *Acaraú* e *Curu*. Não há elementos para que se possa decidir por qualquer daqueles acidentes,

Fora dêstes três topônimos, tirados do calendário, há, no Eggerton, o «R de Croce».

Pela primeira vez, é importante assinalar, aparece o nome primitivo do rio *Camucim* ou *Coreaú* (rio da Cruz). A denominação evidentemente é de origem ibérica, mas surge num mapa de procedência ignorada, na Inglaterra.

A idéia determinante dêste topônimo, certamente espontânea, pode provir, como se aventou, de uma especial disposição dos canais do pequeno delta, ou, como pensa alguém, da convergência de dois riachos afluentes do estuário, que aí chegariam um contra o outro, perpendicularmente ao curso principal do rio. A figura líquida que assim se formara poderia sugerir a imagem da cruz, tanto mais perfeita, subjetivamente, quanto eram mais profundos no espírito do nauta os seus sentimentos religiosos.

Enquanto o nome de *Cruz* se firmou por quase dois séculos no estuário do rio *Coreaú* ou *Camucim*, o de *S. Roque* e o de *S. Maria*, acima referidos, desapareceram antes do meado do século. *S. Roque*, aplicado à baía de *Curumicuara*, ou à barra de um rio que ali despeja (Ciupé), foi o mais persistente.

Encontramo-lo no globo de Schöner de 1515 (S. Rochy), e no mapa de Freduci que o atribui a um trecho da nossa costa (costa de S. Rocco). Desde então, passou exclusivamente a designar o cabo que ainda o conserva, na costa riograndense. SÃO VICENTE perdurou por mais tempo no Ceará. Vemo-lo. sucessivamente, ora indicando montes, ora terra no extremo norte do Ceará, em Reinel (1516), Apiano (1525). Rotz (1542), Vaz Dourado (1568) e ainda em Harluyt (1586). Teve quase um século de existência entre nós.

Não é possível fixar com segurança a idéia que inspirou êste topônimo. Não nos parece que a lembrança do descobridor espanhol Vicente Yañez Pinzón estivesse ligada a ela, conquanto se encontre nos mapas de Diogo Ribeiro, em 1527 e em 1529, um rio do norte desta região com o nome de "Vicete Pison". Está justamente no trecho costeiro que se segue ao delta do rio Parnaíba; porém, já em 1516, os de Reinel colocavam ali a "terra de San Vicete"; e não parece provavel que a êstes cartógrafos ocorresse a memória de Pinzón. Se realmente fosse assim, o topônimo poderia ter sido a sugestão de algum nauta cujo navio tivesse esta denominação, ou que êle proprio se chamasse Vicente e quizesse ligar o seu

nome aos montes cearenses, embora, como era então habitual, através do agiológio católico. Mas também é possivel que o monte tenha sido lobrigado no dia correspondente ao do natalício de alguma importante personagem chamada Vicente, expedicionário de 1502 ou mesmo anterior, porventura da frota de Gonçalo Coelho. Aventa-se esta hipótese porque os dias consagrados a qualquer dos diversos S. Vicentes que a Igreja venera não se enquadram no período dessa viagem.

Examinados sumàriamente os mais antigos topônimos da costa cearense, parece conveniente algo mais referir sôbre o mais notável dêles, pela persistência e importância histórica que desfrutou. Trata-se do *Rio da Cruz*, aplicado, desde antes de 1510, ao estuário do atual rio *Camúcim* ou *Coreaú*.

A idéia aventada de que o nome teria vindo de algum navegante, que, penetrando no estuário, percebeu a convergência em cruz de canais ou riachos, oferece alguma consistência, por que em muitos mapas subsequentes (ao de Eggerton, 1510), aparece a expressão *rio dos trez braços*, substituindo o nome *rio da cruz* Apontaremos apenas os seguintes: Descaliers (1550, Vaz Dourado (1565), Le Festu (fim do século).

Mas a tendência para se firmar a expressão com o nome de *Cruz* nota-se fácilmente e representa a preponderância do espírito católico entre os marítimos que frequentavam a região, por tanto portuguêses. Efetivamente, êste nome aparece em todos os mapas lusitanos e na maioria dos de origem lusa, passando a dominar quase exclusivamente em tôdas as cartas do último quartel do século, tais como no de Doet (1585), Florentin (1596), Hond (1597) e Hulsium (1599), etc. Continua vigorando preponderantemente no século XVII, embora competindo já com outros, como *São Francisco* e *Camucim*.

No mapa de 1510 do Eggerton, encontramos, nas costas do Ceará, os topônimos metafóricos "montana verde" e "Rio Negro", além de mais dois particularmente curiosos: "R de Vazia barriles" e "R de luz". São designações espontâneas, ligadas essencialmente a aspectos geográficos.

O "rio de Luz" está ao lado das "montanas verdes" que, como vimos, se referem às serranias de Maranguape, Aratanha, etc., cordão de elevações descontínuo, mas que, do mar, em geral, parece formado de serras ligadas umas às outras, circundando os campos em tôrno desta capital. Daí se deduz que êste rio bem pode ser o *rio Ceará*, ou talvez o *rio Pacoti* e, menos provàvelmente, o *rio Cocó*. No estuário de tais cursos d'agua havia, como ainda há, salinas naturais, mais ou menos extensas. E' crível que o topônimo houvesse sido

inspirado pelos reflexos luminosos do sol sôbre algum lençol de sal marinho depositado em certos trechos apropriados às margens de qualquer dos rios mencionados. Também à intensa luminosidade devida ao reflexo do sol sôbre as brancas areias que muitas vezes obstruem a boca dos rios no nordeste brasileiro, pode ser imputada a origem do nome, que, todavia, só logrou efêmera existência.

Vaziabarriles é vocábulo que já encontrámos no mapa peoneiro da América, mas referido a um curso d'agua do Rio-Grande do Norte. E' possível que recorde a aguada da costa que serviu para abastecer os navios de alguma expedição que velejou por aqui no decurso dos dois primeiros lustros do XVI século. Não deve ser atribuído a Lepe ou a Cosa, e nem, provàvelmente, a Gonçalo Coelho (1501) por isso que não figura nos mapas portuguêses do primeiro quartel daquele século. Estas considerações nos transportam a alguma expedição clandestina estrangeira, por ventura espanhola e anterior a 1510. Embora não tivessem os espanhóis com frequência visitado as costas nordestina e norte do Brasil antes de 1930, há indicações seguras de que expedições dessa nacionalidade procuravam o rio do Maranhão. No seu "Diario de Navegação", Pero Lopes de Sousa, no dia 28 de dezembro de 1530 (quinta-feira), diz: «Aqui [na praia da ilha de Santiago] achamos hua nao de duzentos toneis e hua chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao rio de Maranhãm; e o Capitam I. [irmão] lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; porquanto era de el-rei nosso senhor e dentro da sua demarcaçam.»

O *rio Negro* do Eggerton não é o mesmo de La Cosa, mas pode-se confundir com o homônimo de Gabriel Soares.

O "monte arena" do mapa do cartógrafo inglês é designação geográfica sugerida por alguma importante duna, das muitas que se elevam ao longo das nossas costas. Pela posição do nome no mapa, é descabido identificar o topônimo com o "medano de arena" de La Cosa, com o morro que se eleva na ponta do Iguape (morro do Iguape). E' preferível supor fôsse uma duna na ponta do *Mucuripe*, então eventualmente de maior vulto que as atuais. O célebre mapa de Pedro Reinel, confeccionado em Portugal em 1516 ou com elementos de origem lusitana, traz vários topônimos novos que revistaremos sumária e sucessivamente, a partir do norte para o sul. Êste documento mostra como a nossa costa enriqueceu a sua nomenclatura durante a segunda década, sinal de que nesse decurso fôra assaz freqüentada, especialmente por nautas portuguêses.

1) «TERRA DOS FUMOS». O nome de *fumos* ou *fumaça* era muito comumente aplicado a diversos lugares das costas brasileiras.

Provém, em geral, da observação da fumaça que se evolava das fogueiras e queimadas dos índios, perto da praia. Indica que a costa onde havia fumos era habitada.

No Ceará, o topônimo aplica-se pelo menos a três acidentes geográficos:

a) A *terra* situada a oeste do rio *Camucim*; vem consignado nos mapas de Diogo Homem (1552), Rotz (1542), Vaz Dourado (1568) e outros.

b) A uma *ponta* situada também a oeste da foz do rio *Camucim*, como se vê no mapa das Capitanias e no de Hulsium.

c) A uma outra *ponta*, que identificámos com a do *Maceió*, a oeste da embocadura do rio *Jaguaribe*. Indicam-no, além de Reinel (1516), Maiollo (1519), Descaliers, Homem, Rotz, Vaz Dourado, Le Festu, o mapa das Capitanias, Jode e alguns outros. É o mais geral e fixo, certamente por que, mais que alhures, ali era freqüente a observação dos fumos, indicando que o lugar devia ser permanentemente habitado ou pelo menos muito freqüentado pelos indígenas.

2) «BAÍA DOS PRACES» ou *parceis*, que identificámos com a barra do rio *Acaraú*. Todavia, o topônimo também vem aplicado a uma *ponta*, que deve ser a do *Parazinho*, por isso que fica situada imediatamente a oeste do antigo «golfo dos Negros», que, indubitàvelmente, é a enseada de *Curumicuara*. Outros cartógrafos empregam o topônimo, ora para indicar a referida baía ou barra do *Acaraú*, como Santa Cruz, Homem, etc., ora para assinalar outras baías e até mesmo pontas, o que, aliás, é bem mais comum (Maiollo, Rotz, Vaz Dourado, Le Festu, etc.).

Parcel é qualquer trecho de mar, notadamente próximo às praias, onde o mar é raso, baixo de pouca sonda por ter bancos, restingas, coroas. (Morais)

Naturalmente, em vista da relativa abundância de emparcelados nas nossas costas, o topônimo devia impor-se a quantos nautas as perlustrassem no XVI século. Vários são os parcéis que nesta costa cumpre anotar como dos mais sugestivos. Importantes pela sua extensão, cumpre assinalar os que constituem as *coroas ou bancos do Acaraú*, a que já nos temos referido com bastantes detalhes. Seguem-se na ordem de importância os conhecidos *bancos dos Cajuais*, na costa leste do *Aracati*; o banco do *RETIRO*, que começa na enseada do mesmo nome, também a leste do *Aracati*; o *banco da*

Estrela, contíguo à costa, ao SW do lugar *Meireles*, perto desta capital. Ao largo da costa do Camucim, existe um notável banco submarinho. Nas embocaduras dos rios principais, há sempre *barras*, bancos ou coroas de areias e de outros sedimentos que a corrente dos cursos dágua trazem do interior e depositam onde a velocidade combinada das marés, da corrente marinha e do curso fluvial no período chuvoso permite a sedimentação.

A expressão *apracelada* também é topônimo usual; aparece no mapa de Diogo Ribeiro, para indicar a enseada de *Curumicuara*, e, sob a forma *Pracelata*, em o de Hulsium, para designar, ao que parece, a enseada do *Mucuripe*. Em Diogo Homem, a variante *prazeres* indica provàvelmente a ponta do *Parazinho*, pois é a que se projeta a oeste do «gôlfo dos Negros».

3) CABO DO PALMAR. Evidentemente, trata-se da *ponta dos Patos*, situada a leste da enseada e pôrto do mesmo nome, na barra do rio *Aracatiaçu*.

Daí para leste, até aquém da enseada do *Pernambuquinho*, como temos referido alhures, havia outrora certa abundância de palmeiras nas praias. Esta vegetação explica a origem do topônimo.

Notemos que êste topônimo conseguiu longa existência. Atravessando todo o XVI século, alcançou a seguinte centúria ainda com bastante vigor e sempre aplicado, se não só ao cabo ou ponta, à terra ou costas adjacentes ao referido cabo, e até a um gôlfo da mesma região. No mapa de Diogo Homem, designa-se por *Palmar* a referida ponta, bem como no de Santa Cruz e no de Rotz. Já no de Turim, indica a baía ou enseada dos *Patos*, e no de Darinel (1555) a costa correspondente.

O fato de que o nome *palmar* serviu para assinalar os acidentes referidos parece indicar que a costa desde aquém do Pernambuquinho até além da foz do rio *Aracatiaçu* ostentava outrora um belo e impressionante palmeiral.

4) TERRA DE PESCARIA. Tomou êste nome o trecho de costa do atual município do *Acaraú*, do promontório de *Jeriquaquara* à ponta dos *Patos*, em frente ao qual o mar é raso por algumas milhas e forma deste jeito o conhecido e enorme banco ou *coroa do Acaraú*. Ali, como já foi referido, a costa é de praias muito, piscosas e as pescarias fáceis e extraordinàriamente fartas. Isto justifica plenamente o topônimo, que, por sua vez, indica como bem cedo, antes de 1516, já esta interessante particularidade local fôra conhecida e por ventura explorada.

Quase todos os principais mapas que se seguiram ao de Reinel registam a *terra de pescarias*, no local indicado (Viégas, Descaliers, Homem, Rotz, Vaz Dourado, Festu, Olives. etc.).

No mapa de Rotz, a embocadura do rio *Acaraú* traz a indicação «bar de pees», isto é, *barra dos peixes*.

5) PONTA PRETA. Diversos mapas trazem esta denominação metafórica, aplicada a uma ponta nas vizinhanças desta capital. Malgrado a relativa variação de posição, uma razoável identificação é a com a ponta do *Iguape*, por isso que se não enquadra bem com a do *Mucuripe*. A circunstância de ser aquela sobremontada por um morro parcialmente coberto de vegetação, que do mar, a certa distância, parecia preta, bastaria sem dúvida para confirmar a identificação.

Entretanto, no mapa de Reinel, no de Turim, no de Rotz e em outros, a *ponta preta* está colocada no lugar correspondente à pequena saliência agora chamada da *Paracambuca*. Aí, em frente a essa saliência, a uma meia milha do mar, finda a cadeia de serranias que os nativos chamavam *Deaquemamune*, e presentemente tem o nome de serras de Camará, Juá, Maranguape, etc.. Como estas serras são e eram cobertas de mato, inclusive a que fica próxima ao mar (Camará ou Bom Tempo), pareciam aos embarcadiços escuras e por vezes realmente negras. De longe, a muitas milhas do mar, a serra do Camará é visível e dá a impressão de que, em forma de ponta, se projeta pelo oceano a dentro.

Entre os mapas mais notáveis que registam êste nome, podemos referir mais, além dos mencionados, os de Descaliers, Vaz Dourado, Le Festu, etc..

6) GOLFO DE S. LUCAS. Pela sua posição nos mapas mais valiosos, deve ser uma enseada entre o *Mucuripe* e a barra do *Jaguaribe*. Pedro Reinel e outros, aliás poucos, excluem a identificação com a enseada do *Iguape* entretanto, vários autores deixam que se atribua, com bastante segurança, o topônimo a essa enseada, que é a mais importante no referido trecho. Nos mapas de Maiollo, de Viégas, Homem, Rotz, Dourado e Doet, tal identificação não deixa dúvidas, está muito clara.

7) CABO BRANCO. A leste da baía ou gôlfo de *S. Lucas*, muitos mapas quinhentistas, a começar de 1515, com o de Reinel, indicam um «C. Branco» que, possìvelmente, não seria a ponta do *Iguape* marchetada como é de grandes nóduas pretas. A leste desta ponta, um morro de areias brancas, sem manchas escuras, relativamente alto, ainda hoje conser-

ríncola, que são apenas dois. Esta penúria indica, sem dúvida, o pouco interêsse econômico ou social que então existia nas relações entre nativos e forasteiros.

A agressividade dos índios depois dos primeiros contactos com os europeus, em geral marinheiros rudes, que, pelos seus marcados complexos de inferioridade, não possuíam boas maneiras para tratar os aborígines, tidos como de raça inferior, homens pagãos, sem fé e sem Deus, contribui para explicar a míngua de relações de que resultasse a adoção de nomes indígenas. Por outro lado, a aparente esterilidade das costas, fazendo recear o contacto delas, deve ter influido também para o mesmo efeito.

Os topônimos americanos do primeiro século, no Ceará, são :

1) *Mucuripe*, nome registado pela primeira vez no célebre mapa das Capitanias, 1574, sob a forma de *macorie*. Foi aplicado a uma ampla baía desenhada no mapa, dentro da qual uma grande ilha, perto da entrada, abre dois canais de acesso. No fundo da chanfradura figura a foz de um rio anônimo, cujo curso passa entre os montes *Li* e *Fermoso*. A posição relativa dessa baía facilita sobremodo a sua identificação com a enseada que ainda hoje conserva a mesma denominação.

Gabriel Soares, em 1587, repete o topônimo, aplicando-o a uma enseada que diz ser muito grande e ao longo da qual navegavam navios da costa, tendo dentro bom surgidouro. Todavia, coloca-a a 15 léguas do monte *Li*, transportando-a muito para o oeste. O êrro de posição, como ja vimos, é evidente.

Gabriel Soares grafa o topônimo: *Mocorive*, intercalando um -v- entre as duas últimas letras da expressão figurada no mencionado mapa. A análise etimológica não é difícil. A fantasiosa etimologia de José de Alencar: *mo* + *corib* = fazer alguém alegre, sem dúvida, é absurda. Também não parece aceitavel a que explica: *macura*+*i*+*pe*, isto é, "no rio do cassaco", por que, no nordeste do Brasil, os tupis não chamavam *macura* ao curioso *Didelphys paraguayensis*, Oson., porém *sarigüê*, aliás como afirma o provecto Dr. Teodoro Sampaio, para quem se trata de *macury-pe*, isto é, nos mucurís. Esta interpretação, contudo, não satisfaz.

Mocura era nome estranho aos indígenas locais.

Paulino Nogueira pensa que deve ser *mocó*+*i*+*pe*, «lugar onde abundam os mocós», pois, segundo a tradição, ali havia abundância dêste pequeno roedor, Preferimos, porém : *mocó* (Cavia rupestris, New) + *y* (ribeiro ou água) + *pe* (em ou

no), «*no córrego ou na aguada dos mocós*». Esta análise parece corresponder de modo mais exato às circunstâncias. As pedreiras de arenito colorido da ponta do *Mucuripe* constituem o meio preferencial dêstes roedores, como, aliás, traduz o seu nome científico; e tais cávias, como verificou Paulino Nogueira, abundavam por ali.

Em 1600, Jan Bautista Syans, de Amesterdam, abicou em *Moucuru*, onde fez aguada (*provision d'eau*), abasteceu a sua embarcação de lenha e, depois de traficar com os índios durante alguns dias, deixou o pôrto.

A grafia com *u* é tradicional e deve continuar, embora não seja a mais antiga.

Por outro lado, convém lembrar que alguns dos mais antigos mapas quinhentistas assinalam, no trecho costeiro que compreende a enseada do Mucuripe, velhas *aguadas*, de certo onde se abasteciam os navios que perlongavam as nossas ribas (mapas de *Turim* 1523; Diogo Ribeiro, 1529; Reinel, 1516, etc.). É possível que na aguada que vimos de referir, e que os mapas indicam com alguma clareza, os nautas tenham encontrado impressionadora abundância de mocós ou, pelo menos, vestígios bem positivos dêstes roedores, que, como sabemos, sempre os deixam copiosamente por onde estagiam ou por onde costumam andar. (72)

2) *Jaguaribe* é o outro topônimo indígena constante do mapa das Capitanias (1574), onde está sob a forma de *Suaguarine*, aplicado ao rio que ainda presentemente o conserva. Também figura no «Rôteiro» de Gabriel Soares, que escreve *Joaguarive*.

Evidentemente, os nautas que colheram diretamente o nome da bôca dos índios o perceberam muito imperfeitamente, mas grafaram-no de modo a não deixar dúvidas sôbre a sua identificação com o vocábulo atual. O nativo tupi não dizia *jaguari* nem *suaguari*, mas sim *iuaguary* com -y- gutural, próprio do idioma, e o - *u* - muito breve. Chamavam êles ao rio *Iaguar.y* ou *Iacar.y*, rio das onças. O *be* ou *pe*, que os antigos escreveram *ne* ou *ve* no fim da palavra, é a regência pospositiva, muito comum nalgumas línguas americanas, para significar: *no rio das onças*.

Finalmente, resta considerar o último topônimo quinhentista das nossas costas.

Monte Li. É êste nome, evidentemente, de origem asiática, provàvelmente, como supôs Varnhagem, industânico. Já dêle tratámos suficientemente, para que se tornem precisas mais considerações que as seguinte: é uma designação de caráter sistemático, ligada a certa lembrança curiosa e interessante para o nauta que o aplicou às serranias de Maran-

guape, Aratanha, etc., as antigas serras de *Daqueamamune* dos tapuias que viviam nas suas cercanias, perto desta capital.

Sem dúvida a paisagem das nossas montanhas teria despertado a lembrança dos montes da *India* que, com nome semelhante, se descortinam a quem se aproxima de certo trecho da costa ocidental da península gangética.

De certo, o estudo que vimos de realizar tão sumàriamente dos topônimos quinhentistas da costa cearense merece melhor interesse e maior desenvolvimento. Mas o que aqui se pretende marca um limite que não deve transpor o o setor das simples indicações que possam abrir caminho para estudos mais detalhados, ou bastem apenas para despertar sugestões e o gôsto por mais profundas investigações neste campo da pátria história. Que especialistas novos surjam, com mais copioso documentário, dotados de mais ardor e inteligência!

Uma das conseqüências que traz o estudo dos topônimos quinhentistas do trecho da costa brasileira em consideração é que confirmam êles o fato histórico de que não foi só a gente penisular da Ibéria que por aqui andou naquelas pristinas eras. Além dos topônimos escritos em língua espanhola, *homus*, *hermoso*, que foram reproduzidos até em mapas organizados por portuguêses, traindo a sua origem realmente castelhana, achamos alguns em italiano, como o «C de nigri», no mapa de Maiollo, que, entretanto, escreveu muitos outros em português, o que parece indicar provir aquêle de informação originàriamente italiana, de um nauta da Itália.

Aproximadamente no meado do século, aparecem mapas francêses, nos quais, ao lado de nomes evidentemente traduzidos do português para o idioma do organizador, como «tierre de pescherie», há os escritos em vernáculo, que são, aliás, os mais abundantes, indicando que tais documentos foram desenhados, não em face de outros mapas ou esboços originàriamente gualêses, mas copiados de certos *croquis* feitos por lusitanos, malgrado o fato incontestável de visitas, por ventura reiteradas, daqueles pelas costas brasileiras. O mesmo ocorre com os mapas inglêses, nos quais não se descobre nenhum topônimo realmente inglês.

A mística influência da religião era preponderante na aplicação de topônimos, e manifesta-se na designação dos locais ou acidentes chamados pelo nome de santos da igreja católica. Aliás, não são numerosos os santos cujos nomes eram preferidos. Apenas encontrámos os seguintes: S. Agostinho, S. Domingos, S. Lucas, S. Maria (2 lugares), S. Miguel (2 lugares), S. Roque e S. Vicente (2 lugares).

É de estranhar que o espírito de bajulação se não encontrasse nos nautas que então nos visitavam. Nenhum nome de soberano ou pessoa prestigiosa da Europa se acha no acervo toponímico das nossas costas e nem das suas vizinhas. Cumpre notar a persistência dos nomes originários com o seu primitivo sentido.

As substituições ou trocas de nomes e transformações por alterações ou cacografia ainda não eram de apreciável importância naquele primeiro século. Quanto ao primeiro desses fenômenos, encontramos simplesmente a substituição dos nomes dados pelo descobridor espanhol, Pinzón, e pelo primeiro autor de um esbôço do contôrno costeiro (Lepe) por outros, de cunho lusitano, como era natural em vista das circunstâncias políticas que sucederam de perto aqueles descobrimentos castelhanos das nossas terras.

O cabo de *S. Maria de la Consolación* de Pinzón passou bem cedo a se chamar cabo *Corso* e o *Rostro Hermoso* (como vimos, outro topônimo de Pinzón, no Ceará) só alguns anos depois, aí pela segunda década do século, foi novamente batizado com o nome de ponta *Delgada* (mapa de Turim, 1513). Esta designação, que se ajusta bem ao acidente geográfico, foi efêmera. Outros nomes ainda serviram para designar a mesma ponta antes que o de *Mucuripe* se fixasse definitivamente já no último quartel do século.

S. Roque, aplicado a um gôlfo, baía ou angra, em 1501, subsistiu até cêrca de 1510, e mais tarde foi substituído sucessivamente pelos nomes de *Aparcelada*, gôlfo dos *Negros* quiçá em alguns mapas confundido com *Mucuripe* e até com *Iguape*.

Outras raras substituições de nomes, como o de *Cruz* (rio da) por *Três braços* (rio dos), mas que, mais tarde foi restabelecido, podiam exprimir o mesmo pensamento primitivo, tal como no exemplo que vimos de referir.

Em geral, os nomes primitivos, com exceção dos que se encontram no mapa de La Cosa, resistiram às substituições no decurso do XVI século; mas sòmente dois conseguiram chegar até hoje. Cumpre observar que estes são justamente os de origem ameríncola, *Mucuripe* e *Jaguaribe*. Um outro de sentido metafórico, entretanto, «branco», que era aplicado a um cabo ou ponta, ainda existe, sensìvelmente na mesma região, mas. agora, designando um morro.

Quanto às modificações de ordem fonética ou cacográficas, nenhuma merece atenção ou referência. As que se observam provêm do modo diverso dos nautas de nacionalidades diferentes pronunciarem e grafarem certos nomes. (73)

Notas do Capítulo Terceiro

1) — O primeiro mapa impresso foi o de Waldseemuller, em 1507; o segundo foi outro dêste mesmo autor, e o terceiro foi desenhado pelo germânico Ruysch em 1508.

2) — Khol, Johann. «Die beiden ältesten General» — Kasten von Amerika, Weima, 1860.

3) — Stevenson, E. L. *in* «Tipical Early maps of the New World», publicado no Bulletin of the American Geog. Society, 1907.

Stevenson distingue um primeiro tipo de mapas americanos, que se caracteriza pela representação das novas regiões como um grupo de ilhas. O caráter insular das terras do Novo Mundo foi muito generalizado nos primeiros anos do XVI século. E êste pensamento, sem dúvida, teria de ser concretizado nos mapas e esbôços geográficos da época, os quais, infelizmente, na sua grande maioria, não resistiram à ação destruídora dos séculos. Por isso, os dêste tipo são pouco numerosos presentemente; entretanto, êles podem ser distribuídos em duas categorias, A e B. Em A, estão os mapas desenhados *in plano* de que os espécimes mais representativos são os de Hamy e as duas cartas portuguêsas de Munique, sensìvelmente contemporâneas. O grupo *B* compreende os mapas do mesmo tipo, desenhados em forma de globo; têm como representantes mais expressivos os conhecidos globos de Lenox, de Winsor (ou da Vinci) e o de Jagellonicus.

A origem lusitana dêstes mapas é patenteada pela rudimentar representação das Antilhas espanholas, contrastando em desenvolvimento com os descobrimentos defendidos pelos portuguêses. Outro caráter de tais documentos antigos é a deficiência da representação das terras situadas ao noroeste das Antilhas e o aspecto mais ou menos continental dado à América do Sul.

Para o caso especial que temos aqui em vista, o estudo da costa cearense e as suas vizinhas mais próximas, esta classificação não oferece vantagens;

importaria outro método de classifcar os documentos geográfios. O exame em conjunto dos mapas quinhentistas, sob êste aspecto especial, autoriza classificá-lo em dois grupos principais. O grupo (I), cujos mapas não permitem destacar o gôlfo do Maranhão com as suas características, e o grupo (II), no qual estão todos os mapas que apresentam um especializado desenho topográfico do gôlfo indicado, representando pelo menos dois rios aí confluentes. Esta base da classificação nos parece interessante, por que traduz um considerável progresso na cartografia das costas brasileiras, indicando que os documentos do grupo (II), aparecidos depois de 1534, foram organizados segundo modêlo preparado em vista de observações locais muito mais cuidadas e precisas que as anteriores, seguramente de origem portuguêsa.

O mais antigo dêstes mapas (II) é o de *Gaspar Viégas*. Nêle o gôlfo do Maranhão apresanta o aspecto reproduzido na figura (I).

A exploração que da costa nordeste permitiu tais melhoramentos foi de certo anterior a 1534 e pode ser com muitas probabilidades atribuída a Diogo Leite, em 1530, quando, a mandado de Afonso de Sousa, percorreu em caráter oficial as costas do Brasil, de Pernambuco à foz do rio Amazonas.

Destes mapas, os mais notáveis confeccionados no século XVÍ são o de Gaspar Viegas (1534), o de Diogo Homem (1558), o de André Homem (1559), o de Lázaro Luís (1563), o de Bartolomeu Velho (1564), os de Fernão Vaz Dourado (1568 e 1571) e o das Capitanias (1574). Todos portugêses. Sem dúvida, êles serviram de modêlo para os de Alonso de Chaves (1542), de A. Santa-Cruz (1542), de Caboto (1544), de Diogo Gutierrez (de 1550 e 1562), que são espanhóis, e ainda para os de Nicolas Desliens (1541), Pierre Descaliers (1550), Guillaume Le Festu (15?), que são francêses, e, finalmente, também para os de Cornelis Jode (1593), Licinum Hulsium (1599) e alguns outros que tiveram muitą divulgação.

Foram os lusitanos mestres exímios na cartografia quinhentista, não tanto pela beleza e adôrno das peças, como também pelo cuidadoso desenho dos contornos costeiros. Os mapas americanos mais

antigos, salvo o de La Cosa, eram geralmente oriundos de Portugal. Certos dêles, como o de Cantino e os dois de Reinel, aliavam o bom traçado com magníficos adornos. Mais tarde, Diogo Ribeiro, a serviço de Castela, conseguiu reunir grande cópia de informes, que o autorizou a aperfeiçoar ainda mais o traçado das costas brasileiras e americanas em geral. Depois de Ribeiro, foram ainda portuguêses os melhores cartógrafos do tempo, com Gaspar Viegas, Diogo e André Homem, Vaz Dourado e Bartolomeu Velho.

Os mapas anteriores (I), que se não beneficiaram com o modêlo que supomos provir da expedição de Diogo Leite, são bem mais rudimentares e relativamente numerosos. Podemos dividí-los em três categorias, de acôrdo com a posição da costa nordestina em relação à linha equatorial. Em alguns, esta linha passa mais ou menos corretamente pela embocadura do rio Amazonas, de modo que as latitudes dos diversos pontos da costa são relativamente aproximadas da real.

Em outros, o equador passa muito as norte daquela embocadura, ou então corta muito ao sul dela o continente, dando lugar, conseqüentemente, a latitudes extravagantes.

4) — *in* «Posse do Brasil Meridional» (estudo crítico).

5) — Magalhães, conquanto hábil na condução de navios, não dispunha de meios com que calcular corretamente as longitudes.

6) — Mas como, a pesar dêste deslocamento da linha demarcatória, os portuguêses receavam ainda não lograr meter as Molucas dentro do seu hemisfério, resolveu Portugal comprar à Espanha estas ilhas, pagando-lhe 350.000 cruzados de ouro.

7) — Realmente, as dificuldades que torturavam os nautas interessados em derrotas pelas costas orientais da América do Sul, ao norte e ao sul do Brasil, não provinham sòmente da imprecisão dos tratados diplomáticos. A deficiência técnica da arte de navegar era ainda muito grande. Na primeira metade do século XVI, os nautos mais letrados, apoiavam-se consideràvelmente, no vetusto ALMA GESTO,

que encerrava todos os conhecimentos relativos a esta arte, ainda tal como Ptolomeu ensinara séculos antes.

A fixação do meridiano definido no Congresso de Saragoça cotinuava fora das possibilidades práticas dos cosmógrafos, quase nas mesmas condições como após o tratado de Tordesilhas, que estipulara o prazo de dez meses para essa locação. Faltavam conhecimentos astronômicos suficientes e instrumentos de precisão para tal propósito. A determinação das longitudes era tudo quanto se podia pensar de aleatório. Além da inconsistência dos métodos, o comprimento do grau terrestre era muito duvidoso.

As latitudes podiam ser calculadas com aproximações muito grosseiras, de um a dois graus, conforme as circunstâncias da observação do céu. Mas as longitudes eram deduzidas das *singraduras de léyuas* cousa terrìvelmente imprecisa. Dependia da marcha irregularíssima das caravelas no sentido dos paralelos, ou reduzidas a êsse rumo, dependia também das indicações da bússula, instrumento de orientação rudimentar e de que se não podiam ainda tirar tôdas as vantagens de que hoje se é capaz; finalmente, dependia igualmente dos cálculos e observações para a determinação das latitudes. Normalmente, as singraduras de uma boa caravela no espaço de um dia era de 30 léguas ou cêrca de um grau e três quartos. Mas é claro que as correntes marinhas, os ventos e as tempestades tornavam tais distâncias profundamente aletórias. Só uma grande e segura experiência de navegação, uma verdadeira intuição náutica, permitia apreciável avaliação das longitudes.

Daí, como era natural, a linha demarcatória entre o mundo lusitano e castelhano oscilar com enorme amplitude, para leste e para oeste, até que os métodos astronômicos se aperfeiçoaram suficientemente para permitirem uma razoável locação do meridiano lindeiro. Quando isto foi possível, já a colônia brasileira de Portugal tinha invadido com um enérgico povoamento vastos territórios ao ocidente da linha divisória.

Desperta a atenção o fato de existirem numerosos mapas quinhentistas da última metade do sé-

culo, em geral desenhados fora da Península, que se apresentam ainda falhos de certos aperfeiçoamentos já correntes na cartografia lusitana, embora melhormente dotados de um sistema muito mais moderno de projeção.

8) — A política escusa e reservada das nações ibéricas em relação aos seus descobrimentos constitui matéria que já se não discute. Donde, naturalmente, as numerosas viagens clandestinas, de caráter mercantil ou não, mas, muitas vezes, com o pleno conhecimento do rei, se não oficialmente promovidas pela pública administração das nações ibéricas. Parece que, para ressalvar as molestas conseqüências de possível divulgação da interferência de funcionários do estado, eram estas viagens freqüntemente de caráter misto, comercial e de reconhecimento.

9) — *in* Navarrete, «Viajes por la costa de Paria». Êste criterioso cronista leu e resumiu o depoimento de André de Morales, feito em 1513, em S. Domingos, no pleito do Almirante, no qual afirma que «este testigo [Lepe] hizo una figura, que se dize carta de marear, para el señor obispo don Juan de Fonseca, em Sevylla». Isto esclarece o assunto e deixa supor que o esbôço devia ser bastante completo, por que tinha a pretenção de ser *carta de marear*.

A referência dubitativa que fizemos à expedição de Pinzón, quanto a esta matéria, tem razão de ser em vista do depoimento do pilôto Pedro de Ledesma, no mesmo pleito de Almirante (Probanzas) em 1513, em Sevilha. Refere Ledesma «que lo vido este testigo [Vicente Añes] bolver é traer la figura de todo lo qual descobrio, ... » Êste informe, entretanto, não consta de nenhum do velhos cronistas espanhóis que consultámos e nem dos resumos de Navarrete. Mas, ainda, no referido pleito, Alonso de Hojeda afirma que o «vyó este testigo yr a descubrir e vyó la figura que a sus Altezas truxeron».

Os mesmos, Hojeda, Ledesma e Morales, respondendo a perguntas relativamente a Lepe, dizem cousas semelhantes. Acima está o que referiu Morales. Hojeda diz apenas que «vyó la figura que truxeron del viaje que avian hecho», e Ledesma

que «los que el [Lepe] fueron truxeron la figura de lo que descubrió».

10) — Os desenhos que ornavam ou ilustravam muitos dos velhos mapas constituem prova da intensidade e vigor com que êstes fatos estranhos dominavam entre os interessados nos negócios do Novo Mundo.

Os mapas portuguêses preservados em Munique, muito velhos, já disto são segura prova. Atribuídos ao ano de 1502 (ou 1503, como parece mais provável), mostram já, ao longo do litoral brasileiro, um nativo assando num espeto sôbre chamejante braseiro todo um corpo humano de gente branca. Nos mapas de Grynaeus, *in Novis Orbis* tanto os da edição de 1537 como os de 1555, figuram no ângulo inferior esquerdo, correspondendo à América do Sul, as mais estranhas e horripilantes cenas de canibalismo. Tosca barraca de mal ajeitados ramos de árvores é a sede de um açougue onde se talha carne humana. Como amostra da macabra mercadoria, pendem das pontas dos ramos, em vários lugares, cabeças, pernas, braços, mãos, etc.. Ao lado, dois índios se ocupam em dissecar um cadaver sôbre uma larga mesa. Um deles decepa as diversas peças com um formidável cutelo de aço (sic), de um tipo que nunca existiu no Brasil colonial. Ao lado da mesa, enfiada num espêto de ferro munido de manivela e apoiado sôbre duas forquilhas, uma criatura humana está sendo assada por outro selvagem. A certa distância da barrraca, ainda outro ameríncola traz pelo cabresto belo cavalo magnificamente arreado com enorme cangalha ou albardão apeifeiçoadíssimo, bem alcochoado, como nunca se viu entre nós, aos lados do qual pendem dois cadáveres, pés e mãos atados para compor a carga.

Em interessante mapa francês do fim do século XVI, observa-se profusa ornamentação dêste mesmo estilo.

Cenas desta espécie nunca se desenrolaram em terras americanas, tendo como motivo uma repugnante antropofagia, e como responsáveis os índios. Constituiam irresistível atrativo para ilustrar os livros e mapas que se referiam ao Novo Mundo; eram os melhores reclamos para os editores.

11) — Segundo Las Casas, Juan de La Cosa era o melhor pilôto do seu tempo.

12) — Nesta viagem, o cartógrafo teve como companheiro Américo Vespúcio. É natural que tenha conseguido dêste informações extensas das peripécias da sua primeira expedição que de 10 de maio de 1497 a 15 de outubro de 1498, o levara a várias paragens virgens do Novo Mundo. As narrativas de Vespúcio não são, porém, absolutamente isentas de fantasias e daí, provàvelmente, o nuvioso ambiente que envolve esta viagem do nauta florentino, para muitos historiadores tida como suspeita e para alguns como inteiramente irreal. Vespúcio teria abicado num ponto dentro do gôlfo de Hunduras donde seguiu para o N-W, costeando o continente pelo litoral do México, da Luisiana e da Florida, cuja península contornara. Depois de ficar 37 dias surto num pôrto ao norte da Flórida, partiu, deixando o continente, e foi ter a um arquipélago que se supõe seja o das Bermudas. Aprisionou ali mais de 200 índios e levou a expedição para Cádis, onde chegou depois de longa ausência de 18 meses.

A se dar crédito a esta narrativa, cuja fonte está na primeira das *quatro navegações* da LETTERA de autoria do próprio Vespúcio, o descobrimento do continente americano deve ser atribuído ao nauta florentino e não ao almirante genovês. Não admira então que Juan de La Cosa se houvesse informado sobejamente, colhendo elementos para debuxar certos trechos das costas norte da América, inclusive o de Cuba com a sua positiva insularidade.

13) — Juan de La Cosa continuou a perlustrar costas americanas. De volta da viagem com Bastide, em 5 de setembro de 1502, foi agraciado pela rainha Isabel com o título honorífico de ALGUACIL MOR DE URUBÁ. Feito diplomata, em missão especial junto ao rei de Portugal, não foi feliz, pelo que, com 4 navios de guerra, volveu às Índias, em 1504, a fim de policiar as costas da terra firme, ao sul de Urubá. Regressou à Espanha em 1507, foi novamente mandado com duas caravelas à América, em companhia de Bastide, volvendo à pátria rico.

Finalmente, em 1509, armou uma caravela e dois bergantins e foi ter com Hojeda, em S. Domingos; então, era aquêle investido no cargo de general da Nova-Andaluzia. Excursionou com o general seu companheiro pelo continente, e acabou sendo morto pelos nativos perto do lugar onde depois se construíu a cidade de Cartágena.

14) — O Dr. Orville Derby mostrou a possibilidade de La Cosa, bem antes de concluir o seu mapa, ter-se encontrado com Diogo de Lepe. Companheiros dêste chegaram à Espanha antes do chefe da expedição e lá certamente se avistaram com o cartógrafo. Entre os meses de junho e outubro de 1500, La Cosa esteve na Espanha e nesse intervalo organizou ou completou o seu planisfério. Pinzón, que chegara em 30 de setembro, mal tivera tempo ou oportunidade de tratar com Cosa, que regressou às Índias em 5 de outubro, 5 dias depois.

Não se sabe ao certo quando Lepe chegou à Espanha, mas já em comêço de novembro (1500) se preparava para a sua segunda viagem de descobrimento na América. Sem dúvida, desde muito tempo devia estar em Espanha, por que: 1°.) em 9 de novembro conseguia uma real provisão para que se lhe fizesse justiça nas demandas que trazia em Palos com seus credores, dívidas contraídas para a consecução da sua primeira viagem. 2°.) em 15 dêsse mês, mandava o rei ao bispo Fonseca que desse licença a Lepe para ir com três caravelas a descobrir por onde fora anteriormente. Ora, tudo isso exigia, especialmente naquela epoca, muito tempo. Árduas e custosas deviam ser as atividades desenvolvidas por Lepe num processo que tanto dependia dos favores da côrte real, sediada em lugar distante.

Realmente, de volta à terra natal, Lepe, sem recursos suficientes, foi importunado pelos credores a tal ponto, que, a final, se viu obrigado a empenhar-se numa demanda. Esta, certamente, correu os trâmites regulamentares, no tempo mui minuciosos e cheios de formalidades tolas, até que se tornou preciso solicitar do rei certos auxílios em favor da sua justiça. Depois, finda a demanda, ainda houve tempo de aparelhar três caravelas para uma nova

expedição, licenciada pelo bispo Fonseca, por ordem do soberano. Antes disso, Lepe mandara ao rei um relatorio, no qual dava conta das suas novas e ousadas intenções de voltar ao Novo-Mundo com três navios. O chefe de estado espanhol, certamente, antes de despachar o requerimento do nauta, pediu informações aos funcionários adequados, estudou a pretensão do requerente, tudo num demorado processo de burocracia.

Por outro lado, o barão de Humboldt, em seus criteriosos estudos, chegou à conclusão de que Lepe passou à Espanha em junho de 1500, voltando da sua primeira viagem. Isto induz a supor que já em agosto o nauta se achava na sua cidade natal e pensava noutra viagem. Tratava de desembaraçar-se dos seus importunos crèdores e em seguida de angariar meios para armar três navios necessários à nova emprêsa. Indubitàvelmente não era em poucos dias que Lepe poderia conseguir tudo isso, máxime tendo em consideração as dificuldades de transportes e comunicações dominantes naquela época na Espanha.

Estas circunstâncias, de certo, impressionaram o historiador Duarte Leite, que afirmou ter Lepe regressado antes de Pinzón, e também D'Avesac, que, com bastante fundamento, diz que Lepe retornou em junho.

Vê-se, pois, que não faltou a La Cosa oportunidade para conseguir em Espanha, de Lepe diretamente, ou, indiretamente do bispo Fonseca, para quem desenhara o seu célebre mapa, informações, dados, *croquis*, etc., com que ilustrar, melhorar e desenvolver a sua célebre obra cartográfica.

15) — As objeções mais sérias que se têm levantado contra o mapa de La Cosa como documento histórico são: 1°.) a insularidade de Cuba, que só foi oficialmente verificada 8 anos depois; 2°.) a estranha costa que figura ao N-W, justamente onde devia estar o gôlfo do México.

Sôbre a primeira, já dissemos o suficiente para mostrar que não oferece qualquer consistência. Deixámos, entretanto, de apresentar todos os argumentos que a invalidam, atendo-nos apenas ao que era suficiente. Mas, para quem desejar mais provas

e indícios sôbre que Cosa conhecia já em 1500 a insularidade de Cuba consulte as «Historical and Geographical Nots» de Henry Stevens e a obra de Justin Winsor sôbre «Christopher Colombus».

A segunda objeção encontra cabal resposta nestes mesmos autores, assim como em os excelentes trabalhos de H. Vignaud, «Americ Vespuce», e H. Harrise, «Autographes de Christophe Colomb». Dêstes autores, colhe-se que, realmente, não há motivo suficientemente forte para rejeitar a primeira viagem de Vespúcio à América Central e à Flórida; e tal viagem bem poderia ter sido a fonte que levou La Cosa a adotar a insularidade de Cuba, e ao autor do mapa de Cantino a desenhar essa terra como uma ilha em 1502, isto é, 6 anos antes que uma tal insularidade houvesse sido proclamada oficialmente.

(16)— Sem dúvida, não só da viagem de André Gonçalves, emissário de Pedro Álvares Cabral, como de outras expedições, mais ou menos secretas de portuguêses, obteve La Cosa informes mal seguros da geografia do Novo Mundo, mas sempre com um certo valor indicativo útil. Parece que os descobrimentos dos Côrtes-Reais e de João Álvares nas costas da América do Norte não lhe eram de todo estranhos. O aspecto do traçado da linha de costas, alí, em alguns trechos, onde não figura a bandeira inglêsa assinalando descobrimentos realizados por iniciativa da velha Albião, também, embora nus de inscrições, oferecem qualquer cousa de bem expressivo.

Para as costas nordestinas e norte do Brasil, a única contribuição com que La Cosa contou foi, incontestàvelmente, oriunda das viagens de Vicente Pinzón e Diogo de Lepe, sobretudo desta. Não convém esquecer que êste último desenhou uma figura da costa que percorreu e entregou ao bispo Fonseca com quem La Cosa privara. Êste primeiro esbôço cartográfico das nossas costas foi sem dúvida de capital importância e, se ainda existisse, devia constituir para nós um documento de inestimável valor histórico. A êle fazem referência Alonso de Hojeda, Pedro de Ledesma, Arias Perez, André de Morales.

Já referimos que de Vicente Pinzón teria sido difícil obter Cosa informações geográficas diretas. Mas parece que Pinzón, como Lepe, também fêz um esbôço cartográfico das costas que percorreu como se depreende dos depoimentos de ALONZO DE HOJEDA e de PEDRO DE LEDESMA nas PROBANZAS do Almirante. Ambos os depoimentos são de 1513, aquêle tomado em São Domingos e êste em Sevilha.

Respondendo à pergunta seguinte do fiscal: «Si saben que Viceynte Yañez Pinçon y los que conél fueron a descubrir descubrieron fasta la punte de lebante a la costa que esté descubierta fasta la punta que llaman de Santa Cruz e de San Agustin, de aqui entre la voca del ryo grande donde hallaron el agua dulce que entraba enla mar...», HOJEDA disse: «e vyó la figura que a sus Altezas truxeron,...» e LEDESMA refere: «... é que lo vido este testigo bolver é traer la figura de todo lo qual descobrio...».

Está claro que La Cosa poderia ter examinado e mesmo copiado esta figura destinada a Suas Altezas.

A falta da nomenclatura característica da expedição de Pinzón, no mapa, deixa a suspeita de que o cartógrafo não compulsou êste documento. Mas é possível que o tenha examinado muito ligeiramente, ao contrário do que aconteceu com o *croquis* de Lepe, por ventura mais completo e de melhor técnica.

(17)—Leite, a páginas 58 dos seus «Descobridores do Brasil», escreve: «De facto, consegui desencantar pelo menos cinco expedições suas ao litoral que se espraia ao sul de Pária; a 1ª, ignoro com quantos navios, decorrida entre os últimos meses de 1499 e novembro de 1500.» Êste novembro é sem dúvida tendencioso. Nada há que o autorize.

Alguns fatos interessantes, entretanto, confirmam o relato de Navarrete: «Le emprendió (Lepe) y acabó COM DOS NAVES, tan igual...» (Ver pg. 24, *in* «Viajes por La Costa de Paria», ed. Calpe). O informe de Alonzo Rodriguez de la Calva é também muito interessante e conclusivo (ver PROBANZAS).

18) — A respeito desta questão, diz Derby: «Assim se explica a ausência no mapa dos nomes SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN, ROSTRO HERMOSO, SANTA MARIA DE LA MAR DULCE, RIO MARINA TÃBALO e o CABO SÂO VICENTE que no ano seguinte foram empregados na Capitulação Real para designar a concessão feita a Pinzón e que indubitàvelmente foram fornecidos por êle como característicos da sua descoberta, devendo, portanto, figurar em qualquer mapa inspirado diretamente por êle. «Contudo [acrescenta ainda Derby criteriosamente], parece provável que os dois nomes de SANTA MARIA indicam uma revisão do mapa por algum companheiro de Pinzón.» Esta hipótese, aliás, nos parece aceitável, por que, além do mais, a caligrafia dêstes dois SANTA MARIA diferem um pouco da restante. Nada, porém, se opõe que isto tenha sido feito antes de 5 de outubro de 1500, e (quem sabe?) pelo próprio autor, ou talvez mesmo por Pinzón, numa natural revisão da parte que lhe interessava.

Todavia, convém lembrar que Lepe desenhou um esbôço da costa e confabulou com Pinzón, quando ainda estavam ambos nas Índias. Os dois SANTA MARIA um sem o «DE LA CONSOLACIÓN», e o outro sem o «DE LA MAR DULCE» bem poderiam vir de Lepe, que teria omitido no seu *croquis* os referidos complementos, bem como os nomes de ROSTRO HERMOSO e outros.

19) — Ver 1º. Capítulo.

20) — Em algumas cópias mal cuidadas do mapa de La Cosa, o «rio em que se achou uma cruz» abre-se a leste da ponta, estando a referida inscrição no ponto correspondente ao vértice desta. Se efetivamente fôsse assim, a nossa anterior interpretação não estaria certa. O rio seria provàvelmente o COCÓ, ou talvez o PACOTI. Nas boas cópias, porém, o rio desagua a oeste da ponta e muito perto dela. Na barra dêste rio desembarcaram Pinzón e Lepe, o que faz supor o tenham feito onde conseguiram bom fundeadouro para os seus navios. Ora, isto só poderia ser possivel a sotavento da ponta do MU-

CURIPE, na enseada que atualmente conserva êste nome ou um pouco mais para oeste, na barra do RIACHO PAJEÚ, o velho MARAJAITIBA dos índios, lugar aproximadamente correspondente ao antigo pôrto desta capital (Fortaleza).

21) — Êste nome não é claramente legível, parece ser PAREJA, «costa pareja». Talvez «parcela».

22) — Colatino Marques de Souza, «Roteiro da Costa Norte do Brazil, entre Pernambuco e Maranhão», Rio, 1883.

23) — ACARACU é a antiga denominação de ACARAÚ.

24) — O interessante mapa de Maggiolo é de 15(?)

25) — Também não figuram no mapa os nomes indígenas de origem pizoniana, PARICURA e CAMAMORO, dados às duas margens do rio Amazonas. Tais nomes não figuram na edição das décadas de Martir, texto de Trevisan. O cronista, porém, os consignou na edição latina de suas «Décadas», em 1516.

26) — Não é de admirar a ausência do topônimo nesse trecho, bem como o nome «S. Vicente», dado, provàvelmente, ao atual RIO OIAPOQUE.

27) — Realmente, êste fato é bem conhecido; Stevenson sugere que a posse de conhecimentos obtidos é em parte oriunda de viajantes clandestinos.

28) — Observa Winsor que, embora se possa supor que La Cosa apenas imaginasse a insularidade de Cuba, o autor português do mapa de Cantino, em 1502, indubitàvelmente conhecia tal circunstância de fato.

29) — Ao contrário do mapa de La Cosa, as costas nordeste do Brasil estão avançadas para o norte.

30) — Não concordamos com Orville Derby, quando êste ilustre geólogo norte-americano considera o mapa de Cantino em parte baseado nas mesmas explorações da costa norte e nordeste do Brasil que serviram a La Cosa, isto é, as explorações espanholas de Pinzón e Lepe. As divergências são bastante

evidentes para afastar esta hipótese Os dois mapas, nesse trecho, diferem essencialmente. Também não encontramos motivos para identificar a grande chanfradura da direita, perto da qual passa o «marco dentre Castela e Portugal», com o gôlfo do Maranhão. Esta mesma linha demarcatória já é indício que, de certo modo, contraria tal opinião, por isto que, sendo o mapa português a linha referida, seria naturalmente, conforme o espírito da época, tanto quanto possível desviada para oeste, consoante as ambições ou pretensões lusitanas. Mas o motivo mais sério é que êste gôlfo é o primeiro que figura à direita da foz do «rio Grande» (Amazonas;) por tanto, deve representar a sua bôca meridional, a bôca do Pará. O «Golfo fermoso» de Cantino não é a chanfradura maranhense, mas o estuário do rio Pará. É impressionante notar neste mapa a relativa precisão das distâncias. Ajustando-se o traçado da costa ao de um mapa moderno, em escala conveniente, como fizemos, fig. 1, o «gôlfo fermoso» cai muíto perto, mas um pouco ao norte do estuário do Pará, e na mesma longitude.

Para ter-se uma idéia do valor da aproximação do mapa, observe-se que, neste ajustamento (mapa antigo e moderno), os pontos correspondendentes à inflexão continental e ao gôlfo de Pária, respectivamente, coincidem rigorosamente.

Com o mapa nº. III do atlas de Kunstmann (München, 1859) finda o período da cartografia americana manuscrita. Os seis mapas manuscritos ·que debuxam trechos do continente americano, inclusive as costas cearenses, são o de LA COSA (1500), o de Cantino (1502), o de Hamy (1502 ou 1503), o II do Kunstmann (1502 ou 1503), o de Canério (1504 ou 1505) e, finalmente, o Kunstmann III também possivelmente de 1505.

No Kunstmann III, a inflexão continental que corresponde à ponta do CALCANHAR, retrai-se para o ocidente, deixando o vértice da protuberância nordestina nìtidamente projetada para leste, onde está o topônimo «cabo de Santo Agostinho». Ali, o cotovelo vem assinalado com o nome de «Santa Maria de Arrabida». Na costa cearense sòmente figuram os dois topônimos S. ROQUE, seguramente aplicada à angra, e «Santa Maria da ata-

laya»,que é a mesma «Sta. Maria de agrodia» ou «Santa Maria de Gracia» dos mapas de Kunstmann II e de Canério.

31) — O mapa n. II do Kunstmann, relativamente mais completo que o n. III, é arbitràriamente atribuído a Pedro Reinel; e o último dêstes, que se supõe de 1503 ou 1504 ou mesmo de 1505, a Salvat dí Pilestrina. Ao primeiro, o professor Leite dá origem italiana e ao segundo, portuguêsa. Cremos que ambos foram calcados sôbre protótipo lusitano.

O fato de figurar em Cantino uma linha demarcatória junto da foz do rio Pará não invalida a hipótese da clandestinidade de viagens portuguêsas e a explicação da ausência de nomenclatura da costa nordestina. O mapa sendo de origem lusitana, devia, obedecendo a tendência dos nautas e políticos portuguêses coevos, manifestar um recuo dos descobrimentos dêstes para o Oeste. Sem dúvida, julgavam os navegantes lusitanos que a linha demarcatória devia passar nas proximidades da foz do rio Pará, mas isto não era oficial, definitivo e nem podia ser tomado em muita conta visto como não se havia ainda conseguido uma locação qualquer daquela linha.

32) — Pensa Duarte Leite com algum fundamento que a denominação de S. Jorge, dada a ponta que marca a inflexão continental, provém da expedição de João da Nova. Êste nauta, de viagem para a Índia, em 1501, com quatro navios, teria abicado em terras de S. CRUZ, na referida inflexão ou perto dela, por ventura no dia 23 de abril. «O fidalgo galego tocando então num cabo que chamou de S. Jorge».

33) — A lista de topônimos e inscrições desce até a altura de S. Paulo, enquanto em Cantino, abaixo do Capricórnio, só há um nome: o cabo de S. Maria. Entretanto, em alguns detalhes se oferece inferior àquele. É evidente nêle a confusão do cabo de S. Roque ou da ponta do Calcanhar com o cabo de S. Agostinho. A confusão atinge também as latitudes; a linha do Equador, sensìvelmente correta no mapa de La Cosa, deixa, ao norte, terras que deviam estar ao sul dela, e nisto imitou servilmente ao de Cantino.

34) —Em conseqüência, os geógrafos antigos foram ali exaustivamente estudados, analisados e comentados.

35) —ILACOMYLUS é a tradução grega de WALD (floresta, em alemão) e Müller (moleiro): HYLÉ. MYLOS, moleiro da floresta.

36) —O Duque René d'Anjou recebera cópias das quatro cartas e as passara a Lud, que lhes deu grande importância para a projetada correção do Ptolomeu. Por esta razão, figuram no «Cosmographiae», que devia servir de introdução à grande obra.

37) —Sòmente a admiração que Vespúcio despertou em Saint Dié explica a adoção do seu nome para designar o novo mundo ocidental, então recentemente descoberto. Há, entretanto, várias teorias para explicar a origem americana do nome AMÊRICA. As mais notáveis são devidas a Jules Marcou, a Thomas de Saint-Bris e a Alphonse Pinard, e, finalmente, as mais modernas devem-se a Miss Lecocq e a M. Horsford.

38) —Num mapa mais antigo, possìvelmente de 1506, é que realmente aparece pela primeira vez o nome de AMÉRICA aplicado ao continente ocidental.

39) —Sem dúvida, o duque René relacionava-se com Portugal, de onde colhia interessantes ensinamentos sôbre a cartografia dos descobrimentos.

Enquanto Portugal era por ventura contra o desejo do seu rei, uma fonte de informações cartográficas, a Espanha, retraída, nada adiantava para o conhecimento desta matéria.

40) —Êste Ptolomeu teve outras edições em 1520 e em 1522.

41) —Deixámos aquí a ordem cronológiça que vimos observando por que o mapa de d'Anghiera, conquanto considerado menos antigo que o de Eggerton, apresenta mais vetusta contextura no trecho que nos interessa. A nomenclatura e detalhes topográficos no mapa inglês são bem mais desenvolvidos e modernos. Daí, a suspeita de ter havido engano na determinação da data admitida para a sua confecção.

42) —Ver Duarte Leite, *in* «Descobridores do Brasil», pág. 85, nota sub-paginar. João Rodrigues, pilôto de Lepe, no seu depoimento nas «Probanzas», faz referência a «el Maraño», rio que com o Rio Grande entra no mar, nas costas percorridas pelo capitão em 1500. Também outro testemunho, Cristóvão Garcia faz menção a êste vocábulo.

43) —Convém observar que, no mapa de La Cosa, há um rio Negro, sensivelmente no mesmo lugar.

44) —É de interesse observar aqui que «as serras» ou «as serras sam miguel» dêstes mapas não correspondem aos morros costeiros que no mapa de La Cosa trazem a inscrição de «motes de arena». Perto, na costa, está o C. CORSO, que é o mesmo cabo de S. Maria de la Consolación, de Vicente Pinzón.

45) —Aí nesse lugar, começa a capitania de João de Barros: «baia de piticiaçua de treycam» ou «baia de treicam».

46) — Êste estranho topônimo, como âventámos no texto seguindo Varnhagem, é de origem realmente indostânica. Provém muito verossìmilmente do monte LIM. A expressão *deli*, *delli*, *delly*, comuns nos velhos mapas, deve provir da ligação da preposição *de* ao locativo.

47) — O BANCO DO ACARAÚ, motivo da abundância de peixe nos mares daquelas costas, começa na ponta dos PATOS e acaba no promontório de JERIQUAQUARA.

A sua maior largura, informa Colatino Marques, ob. citada, é na ponta do TAPAGÉ, onde a profundidade d'água atinge a 16 pés, a 7 milhas da costa. O peixe é copioso em todos aquêles amplos baixos, por que o mar não arrebenta sôbre o emparcelado, nem forma capelos normalmente, o que permite ali notável acúmulo de alimento.

48) — Se realmente nesse período passaram pelas costas nordestinas, além da inflexão continental, navegantes portuguêses, o que não padece dúvida, vinham em geral clandestinamente e traziam propósitos pouco recomendáveis, quiçá de permeio com os fins ordinários de resgatar com os índios. Mas, fre-

qüentemente, iam muito além, pois acabavam por prear violentamente os pobres indígenas desprevenidos ou atraiçoados. Dessas expedições se não hão encontrado registos, mas, conforme as queixas autênticas do crónista João de Barros, não comportam contestação.

49) — Vários detalhes que se encontram no mapa de Turim não figuram no de Ribeiro. No trecho relativo à costa nordeste do Brasil, são dignos de referência a «baya primeira», o «C branco», a «pa delgada»(Mucuripe), a «terra fragorosa», o «monte redondo», a «pa de arecifes», o «G° de Palmar», o «Cabo corso», o «G de S. Lucas», o «M de elli» e alguns outros.

50) — A ausência de indicação para assinalar a barra do rio Parnaíba poderia justificar esta identificação, tanto mais quanto êste rio é realmente muito mais caudaloso que o Camucim. Mas a posição da inscrição no mapa reforça sobremaneira a interpretação do texto.

51) — No 1°. Cap., a propósito de uma objeção de Duarte Leite à valia como documento do mapa de La Cosa, referimos que a ilha alongada que está em frente à ponta, extremo continental, e a ilha que lhe fica mais ao largo poderiam aos olhos de Lepe traduzir duas das que ordinàriamente desenham os mapas precolombianos. A idéia teria surgido em vista dos *baixos* e *arrecifes* que daquele extremo tão saliente da terra continental se estendem mar a dentro. O nauta espanhol reconheceu ligeiramente tais arrecifes e bancos, mas não poude evidentemente avaliar a sua extensão para leste. Supriu a sua deficiência de observação com aquelas ilhas, cuja existência parecia natural, tanto mais quanto muitas já estavam figurando nos antigos mapas do mar oceano. Parece que tal idéia também ocorreu a outros nautas, de certo pelos mesmos motivos; mas, ordinàriamente, de modo bem mais positivo e concreto. Não é descabido aventar a hipótese de ter Lepe lobrigado uma ou duas das ilhas que constituem o grupo de Fernando de No-

ronha, pois passou muito por perto dêle. Isto reforçaria a hipótese.

52) — Por tanto se torna lícito admitir que, nesse período, uma expedição portuguêsa, desconhecida provàvelmente, percorreu as costas nordestina e norte do Brasil, inclusive as do Ceará.

(53)— Não consultamos o «Padron Real» de Alonso Chaves; a nomenclatura aqui a êle atribuída provém de uma recomposição feita pelo padre Hafkemeyr, segundo o texto de Oviedo, circunstância que cumpre apreciar.

(54)— O cabo ou ponta de *loeste*, de ordinário figura a oeste da barra do rio Parnaíba, o «rio Grande» dos mapas que vimos apreciando. Desta maneira está nos mapas de muitos cartógrafos seiscentistas e alguns quinhentistas.

55) — O «R de 3 Bras» do mapa francês é, como temos mostrado, o «R da Cruz» dos mapas portuguêses. No século XVII, chamou-se acidentalmente rio de S. FRANCISCO. Mas generalizou-se desde então a denominação por que é atualmente conhecido —rio Camucim.

56) — O «R do pracel» do mapa de Homem não aparece no de Descaliers. Não há dúvida sôbre a sua identificação com o rio Acaraú; mas, em Gabriel Soares, o rio dêste nome deve ser identificado com o ARACATIAÇÚ, conquanto tudo leve a crer que o célebre cronista quizesse tratar do rio ACARAÚ, em frente do qual estão os conhecidos e largos emparcelados que, sem dúvida, inspiraram o topônimo.

57) — A «p^a dos prazeres», isto é, a ponta dos parcéis, deveria antes ser identificada com a ponta do ITAPAGÉ, a que o nome melhor se acomoda. Mas o fato de Homem ter antes dela assinalado «C de Palmar» conduz naturalmente à identificação do texto. Cremos, entretanto, que houve confusão por parte do cartógrafo.

58) — «p^a preta». A propósito dêste topônimo, veja-se o

que escrevemos no parágrafo relativo a topônimos, no fim do presente capítulo.

59) — Nenhum topônimo está melhor identificado do que êste.

60) — Os dois mapas em aprêço trazem o nome PRACEL numa posição que parece corresponder à do cabo de S. ROQUE ou, melhor, a da ponta do CALCANHAR. No mapa português vem precedido de um C DE que não deixa dúvidas sôbre a intenção de de designar um daqueles acidentes; mas, no mapa francês, falta êsse complemento. Podemos supor que o autor quisesse indicar, não a ponta ou cabo referidos, mas a zona emparcelada do canal de S. ROQUE.

61) — Darinel teve alguns imitadores, como Hierônimo Girava (1570). Antes de Gutierrez, já o interior da América do Sul era representado parcialmente com alguns poucos detalhes. Ver o globo de Orontius Fineas (1532), o mapa de Pedro Medina (1544), etc.

A idéia de lagos mais ou menos misteriosos no interior do continente sul-americano parece ter-se generalizado no último quartel do primeiro século do descobrimento. A crença de que os grandes rios da América do Sul nasciam em lagos ou lagoas, parece já existia no tempo de Juan de La Cosa. Interessa anotar aqui que o informante de Gabriel Soares refere que, como escreveu o cronista, o «Rio Grande» (Parnaíba), segundo os indígenas, nasce de uma lagoa onde se acharam muitas pérolas.

62) — Ver Jaime Cortesão, «Cabral e as Orígens do Brasil».

63) — Êste «C de S. Roque» constitui aqui uma novidade interessante. Se não estamos diante de uma confusão com o verdadeiro cabo dêste nome, temos um topônimo original, mas singularmente usado pelo mapa das capitanias. Somos propensos a acreditar numa tranferência do conhecido cabo, que, várias vêzes, como temos referido, há sido confundido com o de Santo Agostinho, gerando tal circunstância curiosas conseqüência para a cartografia dos primeiros lustros do XVI século.

64) — Ver o que a respeito dêste topônimo está referido no parágrafo dedicado a topônimia.

65) — Ver mapa no fim do capítulo.

66) — Ver Raul Tavares, *in* «Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro», Tomo XXXIX, pág. 46. Barra Velha de Iguaraçu que é o canal da Amarração e o braço mais oriental do delta.

67) — O informaute do Gabriel Soares enganou-se. Ou, o que parece mais certo, o cronista não apanhou corretamente o relato daquele. A descrição ajusta-se ao real Mucuripe, mas a posição é absurda.

68) — Para os descobridores ibéricos, a cruz era o marco ideal, por excelência próprio para indicar que, onde se achasse, numa praia americana, já a terra fôra descoberta por gente cristã. Ao que parece, tanto Pinzón como Lepe colocaram cruzes em vários pontos onde puderam desembarcar, como sinal de apropriação. Alguns marinheiros que acompanharam os dois capitães espanhóis nos seus descobrimentos pelas nossas costas e, como testemunhas dêstes feitos, depuzeram no pleito de Almirantes (Probanzas) referem-se a êste fato. Garcia Fernando diz: «...e cortó árboles e fefió agua él [Pinzón] e su gente para dar fé a sua alteza e siñal de posysyen fisveron ciertas qruces y pusyeron nonbre alli donde tomaron este dia, Rostro Hermoso, el dia que la dicha tierra se desqubrió;...»

Cumpre atentar, como registamos alhures (ver Capítulo I), que Lepe, cêrca de um mês depois, passando por êsse lugar, ainda encontrou a cruz referida pelo marinheiro de Vicente Pinzón.

Sôbre esta mesma cruz plantada por Pinzón no Rostro Hermoso (Mucuripe), ainda convém dar o testemunho de um outro marinheiro da armada do capitão espanhol, Diogo Fernandes Colmenero, que assim se expressa, depois de aludir ao descobrimento de Rostro Hermoso: «...e en algunos pryncipales lugares facian cruzes en señal de posysyon...».

Os tripulantes da frota de Lepe, Pedro de Medel, Herrando Esteban e Cristóbal Garcia, disseram que o seu Capitão em certas árvores principais fez cruzes.

69) — Aliás duas vezes escrito, embora com caligrafia ligeiramente diversa.

70) — Isto, caso se verifique realmente a hipótese de que o *rocha* seja uma deturpação de S. ROQUE. Se não fôr assim, o *rocha* bem pode ser alusão a algum arrecife, e, em tal caso, não será desarrazoado identificá-lo com a enseada do Retiro Grande, que já se chamou, mercê das rochas que por lá afloram, GÔLFO DOS ARRECIFES.

71) — O roedor que os indígenas batizaram por MOCÓ e ainda hoje conserva a mesma denominação tem na ciência o nome de CAVIA RUPESTRIS, New., ou mais modernamente de KERODON RUPESTRIS. Marcgrave, em 1648, lhe deu o nome de CAVIA COBAYA pela semelhança que apresenta com o CAVIA CULTERI domesticado. Como caça, era mais apreciada entre os índios do que o CAVIA APEREÁ (preá); e o mesmo ainda agora se dá com a gente do povo, que procura com muito interêsse êste animalzinho nos *mocozais*. Mocozal é uma pedreira onde abundam as féndas e locas das pedras, refugio dos mocós e preás. A circunstância do KERODON RUPESTRIS ser uma boa caça deve relacionar-se com a denominação do córrego que os potiguaras chamaram *mucuripe*, por isso que aí êles o deviam apanhar com facilidade.

MUCURA é, em algumas regiões do Brasil central, o gambá, e, no Amazonas, o nome se aplica a raposa, que pertence à família dos canídeos.

A etimologia de MUCURIPE, malgrado o que referimos no texto, não está isenta de reparos. Admite-se que em MOCÓ (Cávia) + y (agua) + *pe* (no ou na) não há como explicar o aparecimento do *r*. Sabemos, todavia, que muitas interpretações análogas são correntes: ARAGUÁ (a baixada dos psitacos) mais *r* + y (a agua); ARAGUARY, agua da baixada das araras. AMANA (chuva) + *r* + y (agua), AMANARY (agua da chuva); JAURY (agua ou córrego dos jaús). TIBÍ (a sepultura) + *r* + y (o córrego); TIBIRY, córrego da sepultura. Todas estas análises são de Teodoro Sampaio; nelas aparece, o *r*, como no caso de MOCORIPE.

73) —Mapas quinhentistas estudados ou consultados. Não foi fácil conseguir êste material em quantidade e de modo satisfatório às investigações que se objetivam no presente capítulo. Queremos deixar aqui consignados os nossos agradecimentos ao tenente coronel do exército inglês, o Sr. Frank Reginaldo Hull, cuja riquíssima biblioteca quinhentista do Brasil e valiosa mapoteca muito nos auxiliaram.

AGNESE, Battista. Mapa atribuído a êste cartógrafo italiano, provàvelmente de 1536.
APIANUS (Pedro Benewitz). Mapa de 1520.
BORDONE. Mapa de 1528. Redução do livro de Winser.
CANÉRIO. Mapa italiano de 1505 ou 1506. Do Atlas de Kretschmer.
CANTINO, Alberto. Carta de Navigar, de 1502.
CAPITANIAS (Mapa das), *in* «História da Colonização Portuguêsa do Brasil.
CASSINI, Luis. Do Atlas de Luis Cassini de 1574.
CHAVES, Alonso. Não examinámos o mapa do cosmógrafo espanhol, apenas estudámos a sua nomenclatura, comparada com a de outros.
COSA, Jean de la. Várias cópias.
DARINEL. *In* «La Sphera des Deux Mondes», 1555.
DESCALIERS, Pierre. Mapa francês de 1550.
DESLIENS, Nicolas. Mapa francês de 1541.
DOET, Jan van. Mapa holandês de 1585.
DOURADO, Vas. Mapa português do fim de XVI século.
EGERTON. O mapa n. 2803 do atlas de portulanos Egerton.
FESTU, Guillaume Le. Mapa francês do fim de XVI século.
FINEAS, Orontius. Mapa de 1531, do «Novus Orbis» de Simon Grynaeus.
FLORENTIN van Langen, Arnoldo. Mapa de 1596.
FREDUCCI, Conde Ottomano. Mapa de 1514 ou 1515.
GEROLAMO da Verrazano (Hieronemus). Mapa que se supõe ser de 1529.
GIRAVA, Hieronymo. Redução do mapa da «Cosmographia e Geographia», de 1570.
GRYNAEUS, Simon. Mapas do «Novus Orbis», 1537.
GUTIERREZ, Diego. Mapa de 1550.
HARLUYT. Mapa de 1586.
HOMEM, Diogo. Mapa de 1558.
HOND, Josse. Cópia-redução do original do Museu Britânico, 1597.
HULSIUM, Levinum. Mapa de 1599.

HUNSTER. Mapa *in* «Rudimenta Cosmographica», 1546.
JODE, Corneles de. Mapa do «Speculum Orbis Terrae», 1593. Cópia.
KUNSTMANN, Fr., Mapas anônimos sob os ns. II e III do Atlas zur Entdeckungsgeschite Amerikas, supostos anteriores a 1506.
LAZARO, Luis. Mapa do atlas de Luís Lázaro, 1563.
MAIOLLO, Vesconti di. Mapa italiano de 1519.
MARTINEZ, Juan. Parte do mapa do atlas dêste cosmógrafo que está na biblioteca do Arsenal, em Paris (cópia), 1582.
MARTIR, Pedro. Mapa que apareceu em 1511.
MEDINA, Pedro. Cópia reduzida da Carta de Marear do «Regimento de Navegacion», 1552, 1563.
MELA, Pomponius. Cópia-redução tirada do «Orbis Situ», 1540.
MERCATOR, Gerard. Redução de alguns mapas, 1537, 1541.
MÜNSTER, Sebastião. Mapa de 1532.
NANCY. Redução do globo de Nancy, 1540.
OLIVES, Bartolomé. Mapa de 1562.
OETELIUS. Redução dos mapas de 1570 e 1587.
POPELLINIERE, La. Redução do mapa de «Les Trois Mondes», 1581.
REINEL, Pedro. Mapa de 1516. Cópia.
REISCH. Mapa 1515.
RIBEIRO, Diogo. Mapas de 1527 e 1529.
ROTZ, John. Mapa de 1542.
RUYSCH. Mapa de 1508.
SANTACRUZ, Alonso de. Mapa de 1542.
SCHÖNER. Seus diversos globos de 1515 a 1540.
SILVANUS. Mapa de Ptolomeu de Silvanus, 1511.
STOBBNICZA. Mapa de 1512.
THORNE, Robert. Cópia reduzida do mapa de 1527.
TROSS. O globo de Tross de 1506 ou 1517.
TURIM. O mapa dito de Turim, atribuído no ano de 1523.
VELHO, Bartolomeu. Mapa português de 1564.
VIEGAS, Gaspar. Mapa português de 1534.
VINCI, Leonardo da. Cópia reduzida do mapa que se supõe ser da autoria do grande artista.
WALDSEEMÜLER. Mapa-Mundo de 1507.
WINTELIE. Mapa de 1597.
WOODUCT. Cópia-redução do mapa «New World».

***

Principais obras consultadas:

CORTESÃO, Jaime. «Cabral e as Origens do Brasil».
DIVERSOS. «História da Colonização Portuguêsa do Brasil».
GARCIA, Rodolfo. «Três Mapas Quinhentistas».
HAFKEMEYER. «A Costa Setentrional do Brasil na Cartografia dos Primeiros Lustros de Século 16».
HARRISSE, Henry. «The Discovery of North America».
KRETSCHMER, Konrad. Atlas.
NORDENSKIÖLD. Atlas.
ORVILLE DERBY. «A Costa Nordeste do Brasil na Cartografia Antiga», 1903.
ORVILLE DERBY. «Os Mapas mais Antigos do Brasil», 1903.
RIO-BRANCO, Barão do. «Second Memoire presenté par les Etats Unis du Bresil au Gorvernement de la Confederation Suisse».
SOARES DE SOUSA, Gabriel. «Tratado Descritivo do Brasil», em 1587.
STEVENSON. E. L. «Tipical Early Maps of the New World».
VARNHAGEM, F. A. de. «Analyse Critique du Rapport de M. D'Avezac sur la Récente Histoire Générale du Brésil».
VIGNAUD, Henry. «Americ Vespuce, ses Voyages et ses Decouvertes devant la Critique».
VIGNAUD, Henry. «Americ Vespuce. L'Attribution de son nom au Nouveau Monde».
WINSOR, Justin. «Christopher Colombus».

Topônimos e inscrições de Soares	Topônimos atuais (identificações)	Latitudes		Erros de longitude	Dist. em léguas	
		Soares	Certas		Soares	Certas
Rio Grande	R. Parnaíba (67) (Iguaraçu)	2°	2°53'	Coincidência inicial	Zero	Zero
Rio dos Negros	R. Timonha	2°1/4	2°55'	Nenhum	7	6,5
Barreiras Vermelhas	R. Camucim	2°1/4	2°53'	O° 12'	6	6
Ponta dos Fumos	C. de Jeriquaquara	2°1/3	2°47'	O° 18'	4	4,5
Rio da Cruz	R. Acaraú	2°1/2	2°50'	O° 15'	7	7,5
Rio do Parcel	R. Aracatiaçu	2°1/2	3°02'	O° 18'	8	9
Rio das Ostras	Pernambuquinho					
Enseada do Macorive	Ens. do Mundaú	2°1/2	3°10'	O° 50'	11	9
Monte Lí	S. de Maranguape	2°2/3	3°42'	Nenhum	15	20
Rio Jaguarive	R. Jaguaribe	2°3/4	4°24'	O° 10'	10	20
Bahia dos Arrecifes	Ens. do Retiro	3°	4°38'	O° 5'	8	6,5
Rio S. Miguel	Rio Apodi	3°3/4	4°52'	O° 5'	7	8,5

QUARTO CAPITULO

SUMÁRIO: — **Observações complementares relativas à viagem de Vicente Pinzón.** *Data da partida de Pinzón da Espanha. A viagem. Chegada da frota ao continente. Ponto da costa brasileira onde abicou a frota. Desembarque. Santa Maria de la Consolación. Sucessos em Rostro Hermoso. As lendas. O pessoal da expedição.*

— **Observações complementares relativas à viagem de Diogo de Lepe.** *A expedição. Organização, partida de Palos. A viagem. Chegada ao continente. O que aí fez Lepe. O pessoal da expedição. Resultados geográficos das duas viagens. Resultados etnográficos.*

— **Américo Vespúcio e o Ceará.**

Parece conveniente aduzir algumas observações complementares, que as exigências de uma exposição sucinta não permitiram dar à matéria encerrada nos primeiros capítulos, de modo a que se conseguisse ter análise mais percuciente dos acontecimentos. Ficámos ali no que era restritamente conveniente à clareza e acêrto da narrativa, reduzida aos fatos e circunstâncias que constituem o assunto medular dêste trabalho. Estas observações complementares, pois, em rigor, podêriam ser dispensadas; mas, de certo, dada a importância dos fatos versados e a multiplicidade das particularidades que circunscrevem os acontecimentos capitais, e o apaixonado empenho no interpretar alhures certos sucessos de jeito muita vez desigual, constituem necessário reclamo por parte dos espíritos mais analistas. A matéria, longe de se esgotar, continua ainda fluida em vários pontos e noutros aberta a futuras investigações.

Pensamos haver conseguido nestas observações apenas uma breve extensão do relato com anotações mais minu-

ciosas e pertinentes, trazendo novos elementos de convicção às afirmativas de nossa responsabilidade.

DATA DA PARTIDA DE VICENTE PINZÓN DA ESPANHA. — Tratando da partida dêste nauta, o célebre cronísta Pedro Mártir d'Aghiera diz de maneira imprecisa: «Circiter Kalendas decembris», o que deu lugar a que o primeiro tradutor da sua primeira década julgasse acertado dar 18 de novembro para o dia em que zarpou a frota do pôrto de Palos.

Mas, no texto da edição de 1516, aparecem êstes dizeres, igualmente vagos: «nas proximidades das calendas de Desembro».

Certamente por isso, outro cronista, Herrera, limita-se a registar: «en el mes de Deziembre». Porém Las Casas e Gomara dizem que a partida de Palos se dera no dia 13 de novembro.

Prudentemente, o douto Navarrete escreve: «salió del puerto de Palos a principio de Deciembre».

Não há dúvida que Pinzón deixou a Espanha entre os últimos dias de novembro e os primeiros de dezembro. Propendemos para certo dia dos primeiros do último mês. Por carência de elementos nas fontes, o dia exato continua incerto.

A VIAGEM. — Quase tudo quanto se sabe originàriamente a respeito desta memorável viagem foi registado por Pedro Mártir, famoso cronista italiano, protonotário apostólico em Espanha, onde serviu ainda como membro do Conselho das Índias Ocidentais. (1) Escreveu Mártir logo após o regresso da expedição, de acôrdo com as informações do próprio Vicente Pinzón e do seu sobrinho e companheiro Árias Pérez. Êstes autorizados informantes, de certo, traziam então mui frescas as lembranças dos acontecimentos; deviam ter relatado o histórico da viagem com muita minúcia e riqueza de episódios. (2)

Gonçalo Fernandes de Oviedo, por sua vez, ouviu do próprio capitão o relatório das suas aventuras no Novo-Mundo, mas os registos deste cronista são, sob muitos títulos, inferiores ao do sacerdote italiano. (3)

Além destas fontes, importa, com algumas reservas impostas pela natureza do documento, explorar o processo movido judicialmente por D. Diogo Colombo contra a corôa castelhana, na parte referente às declarações das testemunhas. (4)

Em vista do exposto, é natural dar especial preferência às crônicas de Mártir. As outras fontes podem fornecer preciosos detalhes e trazer confirmações de apreciável valor histórico.

De acôrdo, pois, com os documentos referidos, de que, entretanto, cumpre expungir evidentes enganos, verifica-se que a frota de Pinzón, composta de quatro navios, armados pelo capitão e seus parentes, rumou de Palos pelas ilhas *Canarias* para o arquipélago de *Cabo Verde*, pertencente a Portugal, demorando alguns dias na ilha de SANTIAGO. Prosseguiu a 13 de janeiro, por tanto cêrca de 40 dias depois de haver deixado a Espanha. Como a derrota de Palos a Santiago se fazia, então, normalmente, em duas semanas, deduz-se ter Pinzón ficado no arquipélago aproximadamente um mês. Durante êste tempo providenciou para reabastecer a frota de tudo quanto era necessário a uma longa e aventurosa travessia do oceano, colheu úteis informes para se inteirar do que lhe cumpria fazer por mares que eram inteiramente desconhecidos dos espanhóis e se refez dos percalços do primeiro trecho da viagem. (5)

De SANTIAGO, a armada partiu levando deliberadamente o rumo de SW ou de SSW. Navegando aproximadamente 300 léguas, segundo o cálculo do Capitão, perderam os nautas a Tramontana de vista. Desde então, sem norte certo, foi a frota assaltada por violentos temporais do mar, chuvas e ventos. Avançou, contudo, procurando manter a direção inicial, e percorreu um caminho que as estimativas de bordo computavam em 240 léguas, sempre sob a ação dos ventos do quadrante de NE, dominantes naquelas paragens do Atlântico, nos primeiros meses do ano.

Pinzón disse a Mártir que perdera de vista a Polar e, conseqüentemente, cortara a linha equatorial. Como era natural, não descobriu nenhuma estrêla que, correspondendo à Tramontana, marcasse a posição aproximada do polo sul. Afirmou que o aspecto do céu era alí diverso do setentrião. Referiu ainda que os tripulantes se depararam com certa *caligem vaporosa* emanada do horizonte.

A expressão «caligem vaporosa» parece não ser assaz correta e não significar exatamente o fenômeno observado; mas isto deve ser levado em parte à conta da dificuldade da exposição dos marinheiros e em parte à imperfeita compreensão do cronista. Não é de admirar que Mártir, estranho às cousas do mar e da navegação, sentisse dificuldade de bem apreender o sentido de um fato mal representado pela lin-

guagem deficiente dos nautas. Caligem vaporosa seria um nevoeiro mais ou menos espêsso ou plúmbeo. A cerração que freqüentemente limita a extensão do horizonte marinho na região equatorial, por vêzes, pode adensar-se e parecer escura, especialmente quando precede a ventos tempestuosos, ali relativamente comuns. Temos pessoalmente observado êste fenômeno que tanto ocorre no mar, onde melhor se caracteriza, como em terra.

Conforme é do conhecimento geral, as chuvas na região equatorial são diárias e caem normalmente depois do meio dia. A armada de Pinzón forçosamente atravessou uma zona atlàntica de diüturna pluviosidade, onde não rareiam as chuvas acompanhadas de tempestades mais ou menos violentas e duradoiras. Se a frota, por hipótese, tivesse podido manter o rumo constante de SE, ao andar cêrca de 260 léguas teria entrado na zona das chuvas persistentes ou diárias que se verificam no primeiro trimestre do ano. (6) Por conseguinte, nada mais verossímil do que o relato do Capitão a respeito daquele nevoeiro escuro, por ventura alguma vez um tanto caliginoso, referido sem dúvida com algum exagêro e reforçado por exigências de estilo na crônica.

Por outro lado, é bem possivel que essa névoa se houvesse conservado tão persistentemente, embora nem sempre muito espêssa, mas como simples bruma no horizonte, tornando-se destarte responsável pelo prematuro desaparecimento da Estrela Polar. (7)

A travessia entre SANTIAGO e o continente americano não foi demorada; os ventos favoràvelmente dirigidos e por vezes impetuosos e as corrente marinhas concorreram eficientemente para isto.

A questão já debatida do percurso dado por Pinzón, 540 léguas, não merece a importância que alhures se lhe tem querido dar, por isto que era considerável a precariedade da estimativa das singraduras.

Conforme regista Mártir, a armada chegou ao continente depois de 13 dias de viagem, pois teria alcançado terra a 26 de janeiro (7 das calendas de fevereiro).

O percurso médio diário andaria por 41 léguas.

Pelo que vimos no primeiro capítulo e agora se lhe acrescenta, nada se pode articular de extraordinário na informação de Pinzón e seu sobrinho ao protonotário apostólico e nas crônicas preciosas que êste erudito nos legou, quanto à viagem de que resultou o descobrimento do Brasil pelos espanhóis. Sòmente há que notar, mas não que estranhar, uma ingênua e natural admiração, que se deve responsabilizar

pelos exagêros que, aqui e acolá, exaltam a narrativa. Esta admiração, realmente, é muito natural; representa a reação dos nautas e observadores que pela primeira vez se viam face a face com fenômenos de extraordinária grandeza, como eram aquêles que a descoberta do Novo Mundo revelava à Europa.

ARRIBADA DA FROTA NO CONTINENTE. A data exata dêste acontecimento continua sendo objeto de dúvidas. No LIBRETTO, está escrito que foi no dia 20 de janeiro, mas, na edição de 1516 das «Décadas» de Mártir, regista-se o dia 26 dêsse mesmo mês (7 das calendas de fevereiro).

Conta Pero Ramírez, um dos marinheiros de Pinzón, que a derrota de Santiago ao continente durou 14 dias. (8) Por tanto, se a frota deixou aquela ilha no dia 13 de janeiro, abicou à terra americana no dia 27. A pesar dos ventos e correntes marinhas favoráveis, êsse espaço de tempo parece curto, malgrado a admiração que o marujo manifesta no seu depoimento (PROBANZAS), pois na frota todos contavam com uma travessia de três meses.

Importa distinguir o lobrigar da terra ao longe (ou sentir a sua aproximação) e o abicar na praia e desembarcar. Trevisan, na sua temporã tradução da primeira «Década», diz: «avistaram terra de longe e aproximando-se dela iam achando sempre o mar sem fundo; deitaram a final a sonda e deram com 16 braças de água». Isto mostra a cautelosa marcha dos navios desde que avistaram terra ao longe. Marcha cautelosa e por tanto vagarosa, tomando-se a cada instante o fundo do mar com a sonda.

Assim, conseqüentemente, entre o avistar a terra, o aproximar-se dela prudentemente, que era de todo desconhecida, o procurar um ancoradouro convenientemente abrigado, o amarrar, e o desembarcar, devia escoar-se tempo apreciável. Daí se deduz que, mesmo admitindo que a terra fôra percebida no día 27, quando a frota estaria seguramente a mais de 22 milhas do promontôrio da JABARANA, o desembarque só poderia dar-se um ou dois dias depois, isto é, a 28 ou 29 de janeiro.

Baseando-se em considerações dignas de respeito, o Dr. Orville Derby, como dissemos no 1°. Capitulo, julga mais acertado concordar com a data de 2 de fevereiro, por isso que neste dia a Igreja Católica celebra a festa de Nossa Senhora da Purificação, que, como se sabe, coincide com a da Senhora das Candeias, tão venerada nas povoações brasileiras até há bem pouco tempo. (9)

Não deixa de ser interessante o detalhe da *agua turva*

que os marinheiros observaram ao aproximar-se de terra. Esta turvação do mar nas nossas costas não sugere a proximidade de um rio, por quanto occorre em vários trechos dela, onde o fundo de areia se deixa agitar pelas vagas ou pela maré que os alísios reforçam. A água do mar mostra-se de côr branca esverdeada e turva, fato aqui de observação corriqueira. Donde, «os verde mares bravios» de José de Alencar.

Frei Bartolomeu de Las Casas anota que a frota achou «la mar turbia e blancoza», expressão que Herrera copiou literalmente.

Outro pormenor curioso é o da sondagem. Como já vimos, o fundo de 16 braças achado pela frota ao avistar a terra constitui indício negativo contra a hipótese do aportar em Santo Agostinho, mas positivo para a que vimos de sustentar. (10)

PONTO DA COSTA BRASILEIRA ONDE CHEGOU PINZÓN. Mostrámos já com abundância de argumentos e provas límpidas que êste lugar foi nas imediações da atual PONTA GROSSA ou da JABARANA, muito provàvelmente na enseada do RETIRO, abrigada pelo promontório nomeado.

Êste, sem receios de contestação, pela sua saliente posição e elevação, foi o ponto da terra brasileira primeiramente lobrigado da frota.

A referência que os cronistas fazem às *penhas visinhas* da costa, no ponto de desembarque, e nas quais, como nas árvores próximas, o Capitão fêz gravar os nomes dos reis espanhóis e os seus, também condizem com esta localidade, visto como, em tôrno da base do promontório, há grandes blocos de arenito à flor da água. (11)

Tal circunstância representa mais um bom argumento em favor da identificação que indicámos nêste trabalho.

O DESEMBARQUE. «Atracando á terra [escreve Mártir, texto de Trevisan], desembarcaram [os espanhóis] e estiveram dois dias sem lhes aparecer ninguém.» No texto latino (1516), que é bem mais copioso, diz: «Aproximam-se, descem e demoram-se aí dois dias, pois não viram homem nenhum naquela ocasião, embora descobrissem pegadas humanas no litoral; e, gravadas nas árvores e nas fragas vizinhas da costa os nomes do rei e os próprios, para assinalar a sua chegada, retiraram-se.»

Demoraram-se dois dias; por tanto, ali passaram os dias dois e três de fevereiro. No dia seguinte, foram mais adiante.

O nauta da expedição Garcia Ferrando, depondo no pleito do Almirante, em 1513, em Palos, acrescenta que o Ca-

pitão «saltó en tierra con cantidad de su jente y cuatro escrivanos, de cada una nao, el suyo, e cortó arboles e bebio agua él e su jente para dar fe a su alteza y señal de posysyon fisyeron ciertas qruces».

O conhecido cronista Gomara (1510-1560), em geral bem informado, fornece outros detalhes: «Êstes descubridores salieron a tierra por fin de enero. Tomaron agua, leña y la altura del Sol. Escrivieron en arboles y peñas el dia que llegaron, y sus proprios nombres y del Rey e reyna en señal de possession, maravillados, y pensosos de no hallar gente por alli para tomar lengua, y tino, de aquella tierra, e su riqueza.»

A propósito do desembarque de Pinzón, Las Casas, *in* cap. 173, tomo II, pg. 448 da sua «Hist de las Indias», refere o seguinte: «Van a la tierra y saltaron en ella, y nó pareció gente alguna, puesto que rastros de hombres que, como viesen los navios, huyeron. Alli Vicente Yañez tomó posesion de la tierra en nombre de los reys de Castella, cortando ramas y árboles, y paseandose por ella, y haciendo semejantes actos posesionales juridícos...» (12)

Quanto ao que escreveu o cronista Antônio Herrera sôbre esta matéria, nada mais adianta.

Pelo que acabamos de examinar nas mais autorizadas fontes, Pinzón desembarcou no continente (enseada do Retiro) e tomou posse da terra para a coroa castelhana, praticando todos os atos de posse que lhe pareceram convenientes para isto. De certo, além do que dizem os informantes dêste episódio, para nós muito interessante, o Capitão fez lavrar um auto de posse, pois mandou desembarcar com êle os escrivães dos seus navios.

SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN. Mártir não aludiu ao batismo da terra que Pinzón descobriu e nem onde inicialmente abicou. A primeira referência ao topônimo imposto pelo descobridor ao cabo que lhe revelou o continente, apareceu numa Capitulação de 1501, publicada cêrca de um ano depois do acontecimento. (13) Por êste documento, que é claríssimo, vê-se que a denominação foi dada pelo próprio Pinzón, provàvelmente no mesmo dia do descobrimento ou do desembarque. Compreende-se com que alegria e ansiedade, os marinheiros, depois de duros dias de tormentosa navegação, depararam quase atônitos com uma terra alta, que tão cedo não esperavam encontrar (ver *in* «PROBANZAS» o depoimento de Pero Ramírez).

A surprêsa devia ter sido realmente auspiciosa e cons-

tituir uma doce consolação, que, muito naturalmente, se devia relacionar com favores do céu.

Como o fato insólito e alviçareiro ocorreu no mesmo dia de Nossa Senhora, fôra dela indubitàvelmente a mercê, e justo seria que o nome do lugar descoberto lembrasse e perpetuasse o feliz acontecimento. Explica-se assim o porquê do topônimo cearense, o primeiro de origem européia que teve o Brasil. (14)

Outras referências, mas não muitas, podem ser achadas nos documentos coevos.

O próprio Vicente Pinzón, em 1513, depondo no pleito do Almirante, disse: «que descobrió desde el CABO DE LA CONSOLACIÓN, que es en la parte de Portugal...». Las Casas, na «Historia de las Indias», escreve: «...pusole Vicente Yañez, entonces, por nombre, CABO DE CONSOLACION.»

Não demorou muito que êste cabo se confundisse com o de SANTA CRUZ e, conseqüentemente, também com o de SANTO AGOSTINHO. Alguns espanhóis (e muito especialmente Pinzón), que posteriormente andaram pelo cotovelo continental, foram vítimas dêste engano, sobretudo depois que perceberam que a maior parte dos descobrimentos de Pinzón e de Lepe estavam fora da demarcação castelhana.

Relativamente ao cabo de Consolación, isto foi notado muito cedo. Tal circunstância, um tanto desapontadora para a Espanha, levou os castelhanos a abandonar todas as suas pretensões de domínio sôbre as terras que ali deviam ficar a leste do meridiano lindeiro, aliás não fixado definitivamente no campo, mas representado nos mapas antigos de uma maneira oscilante, entre limites muito largos. (15) Não admira, pois, que o descobridor mesmo, desconhecendo os progressos da navegação portuguêsa pela costas brasileiras e já tendo os detalhes de seus passados feitos, três lustros antes, nestas regiões nordestinas do Brasil assaz obnubilados, não conseguisse reconhecer o cabo que descobrira em 1500. Depondo nas PROBANZAS, Pinzón afirmou que «el CABO DE LA CONSOLACION que es en la parte de Portugal é agora se llama CABO DE SANT AGOSTIN...» (16)

A confusão mais curiosa, porém, é a que se fêz entre CONSOLACIÓN e ROSTRO HERMOSO, isto é, entre JABARANA e MUCURIPE.

Escritores modernos desatentos e até mesmo alguns companheiros dos descobridores foram colhidos por um tal equívoco, que de modo nenhum se justifica em vista de uma Capitulação de 1501, publicada por Varnhagem.

Os dois descobrimentos (Consolación e Rostro Her-

moso) foram quase simultâneos, um foi apenas o prolongamento do outro e mui próximos, parecendo mesmo que na frota foram mal distintos. Concorreu ainda para a confusão a circunstância de que no primeiro pouso poucos tripulantes desembarcaram e lá não apareceram os nativos; o topônimo insuficientemente divulgado no seio dos marinheiros, sendo o local destituído de qualquer importância e até incapaz de dar alguns escravos, foi esquecido ou confundido com o da estação imediata, onde os acontecimentos tomaram aspecto mais movimentado.

Em Rostro Hermoso a frota demorou alguns dias e os espanhóis plantaram uma cruz, indicando isto que a localidade lhes mereceu maior atenção. Um pouco mais de uma dúzia de anos depois, alguns nautas da expedição já se não lembravam nitidamente se não de Rostro Hermoso e vagamente de Consolación, simples acidente do descobrimento envolvido e dependente daquele. (17)

O marinheiro Manuel de Valdovinos, 15 anos mais tarde, depondo na pleito do Almirante, declara: «e alli puso el dicho Vicente Yañes por nombre ROSTRO HERMOSO, que agora se diz que se llama SANTA CRUZ e SANT AGOSTIN».

No mesmo engano caem Pero Ramirez, Garcia Fernandes e Diego Colmenero, outros companheiros de Valdovinos, em 1500.

É de todo interêsse notar como os dois cabos, de SANTA CRUZ e de SANTO AGOSTINHO, considerados como o ponto extremo oriental do continente, ora eram tidos como apenas um, ora considerados distintos, ficando, neste caso, o último ao sul do primeiro, mui perto um do outro ou mais ou menos distantes.

Embora o cabo de Santa Cruz devesse assinalar o extremo leste da costa, era também destinado a indicar a inflexão continental; por tanto, deve preferencialmente ser identificado com a ponta do Calcanhar, ou menos corretamente com o cabo de São Roque. Os nautas antigos não tinham meios para verificar qual dos dois era mais oriental ou se havia ainda outro ponto mais a leste na Costa (Cabo Branco), pois a diferença em longitude, entre os mais afastados dêstes, não excede meio grau.

Dissemos no 1º. Capítulo (pg. 4) que a frota, em vista das alegadas esquivanças dos nativos e da aparente esterilidade do lugar, logo resolveu prosseguir de Consolación para o norte, costeando, e que um dia depois da partida, os nautas desembarcaram novamente perto de um pequeno rio, onde a

natureza do litoral parecia menos agressiva, por quanto, no interior, não longe, montanhas verdes emolduravam a paisagem alegremente, e aí plantaram uma cruz.

Devemos, aqui, detalhar e esclarecer melhor os acontecimentos.

Muitas circunstâncias, como vimos, levam a identificar êste último pouso, que o Capitão chamou ROSTRO HERMOSO, com o atual MUCURIPE. Aceitámos a hipótese de Derby para explicar o topônimo.

O texto italiano da primeira «Década» de Mártir diz, referindo-se aos tripulantes da armada de Pinzón: «Atracando à terra, desembarcaram e estiveram dois dias... Partiram dalí e, *correndo mais adiante*, viram de noite muitas luzes, que pareciam provir de um acampamento de gente armada. Andando até lá, viram muita gente, mas não a quiseram perturbar até o amanhecer, em que, nascido o sol, mandaram a terra 40 *homens armados* ao encontro dos quais vieram 32 daquela gente.....» (O grifo é nosso.)

Como se vê, trata-se aqui de dois lugares, aquêle onde aportaram após a travessia oceânica, SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN, e outro não muito longe dêle, alcançado depois de um percurso da frota que se pode calcular muito aproximadamente em 8 ou 10 horas de navegação. Êste lugar foi alcançado à tarde, ainda com o crepúsculo, pois de bordo poderam distinguir ainda muita gente. De fato, tal tempo é quanto bastaria para chegar ao Mucuripe, partindo da enseada do Retiro.

Esta segunda estação, apenas um pouco *mais adiante* que a primeira, estaria, consoante os cálculos do professor Duarte Leite (*in* «Os Falsos Precursores de Álvares Cabral»), a 30 léguas de Consolación, o que justifica, arbitrando a marcha regular das caravelas em 6 milhas por hora. Nestas condições, a frota teria andado apenas 7,5 horas, e de fato chegado ao Mucuripe ou um pouco adiante. O nosso cálculo difere, porém, um pouco. A distância entre PONTA GROSSA e MUCURIPE, pelo mar, varia naturalmente, conforme a derrota é mais ou menos direta; maior, se mais chegada a terra. Diretamente, é de 22,5 léguas; mas se acompanha de perto os acidentes da praia, pode ir a 25 ou mesmo a 26 léguas. Ora, conforme o cosmógrafo espanhol Pedro Medina, que escreveu em 1545, a estimativa de 2 léguas por hora era razoável. (18) Mas, aqui os nautas deviam forçosamente contar com o auxílio muito eficiente dos ventos alísios e das correntes marinhas costeiras; por isto, não deixaria de ser normal a marcha de 2,5 ou mesmo de 3 léguas por hora. O Padre Vieira, um

século depois, afirmava que era tão difícil navegar nessa costa por barlavento, como fácil e cómodo no sentido contrário, por sotavento (19), como fizera Pinzón.

A estimativa do Dr. Leite, parece, mesmo assim, um tanto forte.

Nestas condições, os navegantes espanhóis, velejando um tanto chegados a terra, para observarem-na, teriam feito ém 8,5 horas, isto é, das 9 horas da manhã às 5 horas e 30 minutos da tarde, cêrca de 25 ou 26 léguas, e alcançado justamente um ancoradouro abrigado no Mucuripe.

SUCESSOS EM ROSTRO HERMOSO. Os 40 homens armados que desembarcaram ali foram contra 32 nativos, que lhes saíram ao encontro com os seus arcos e flechas.

Segundo a narrativa do Capitão e seu sobrinho a Mártir, os espanhóis, a pesar do turvo e ameaçador olhar dos cearenses, não quiseram servir-se das armas e procuraram atrair os índios com blandícias e ofertas de presentes; mas êles tudo rejeitavam, mostrando-se sempre preparados para a luta. Em vista disto, espanhóis e indígenas se retiraram e, à noite, êstes últimos fugiram inesperadamente.

Nada disso é razoável, como logo veremos.

Pinzón prosseguiu a sua derrota para o norte, costeando sempre, até que, mais adiante, encontrou outro rio, onde os tripulantes tentaram novo desembarque.

Como testemunharam alguns marinheiros da expedição, o Capitão fez levantar uma cruz no ROSTRO HERMOSO, o que só poderia ter sido feito depois dos acontecimentos relatados, por tanto na tarde do dia da chegada ou, como e mais plausível, no dia seguinte. (20) A cruz foi plantada perto da foz de um rio (21), onde, consoante o mapa de La Cosa, foi achada depois, seguramente pela expedição de Diogo de Lepe, que se não esqueceu de anotar o caso na sua figura da costa ou carta de marear. A inscrição do mapa diz: «rº de se fallo una cruz». (22)

É possível que também em ROSTRO HERMOSO o descobridor tenha repetido aquêles atos de posse praticados em CONSOLACIÓN, quiçá com mais requinte, por ter então encontrado gente nativa. (23)

A maneira cautelosa como se exprimiu Pinzón a Mártir, no que toca às relações dos espanhóis com os aborígines, constitui um indício de que as cousas não se passaram exatamente como referiu. Sem dúvida, êles queriam obter dos nativos mais do que informações sôbre a terra e as suas riquezas. Quando perceberam a esterilidade das costas e que nada poderiam conseguir da terra, por isso que não dispunham de

meios para ir ao interior, naturalmente, como de costume, procuraram apanhar violentamente alguns índios para escravos. Isto estava de acôrdo com os fins comerciais da emprêsa, que não devia perder tempo e oportunidade de haurir qualquer proveito, mesmo que não fosse *oro ó perlas*.

A tentativa de prear nativos para cativos transparece mais ou menos nìtidamente de certas circunstâncias.

Em primeiro lugar, o modo como os índios receberam os estrangeiros é aberrante de quanto, depois, revelou sobejamente a experiência. Em todos os casos autênticos e por toda a parte onde estrangeiros chegavam às costas virgens da América pela vez primeira, o que acontecia, invariàvelmente, era que os nativos, maravilhados e atônitos com a novidade insólita, os recebiam com satisfação e inequívocas demonstrações de paz, de admiração, de solicitude e até de submissão. As hostilidades descritas por Pinzón são, pois, suspeitas. Não foram confirmadas por nenhum dos marinheiros ou pilotos que depuseram nas PROBANZAS. São inverossímeis e não se apoiam em nenhuma testemunha insuspeita. Por outro lado, os espanhóis, antes de qualquer contacto com a gente da terra, pretendiam a êstes encontrar com aparatosa fôrça armada (40 homens armadas). A perfídia já fôra premeditada e, para justificá-la, de bordo, por tanto de muito longe, à noite, como disseram a Mártir, perceberam que os indígenas estavam armados! Os fogos que viram eram como de um acampamento (à moda européia) de gente armada. Noutra edição das «Décadas» de Mártir, os espanhóis, ao aproximarem os navios de terra, «guiados por fogos noturnos», descobriram gente, não mais num acampamento, mas pernoitando ao ar livre, «segundo o costume castrense». Esta gente de turva catadura devia ser temerosa, por isso que «eram mais altos do que germanos ou húngaros».

Tudo isto devia justificar o aparato bélico, com o favor do qual contavam aprisionar os índios. Mas êsse mesmo aspecto, certamente, tornou-os desconfiados; ao menor movimento de hostilidade, fugiram.

De outra maneira se não pode explicar a esquivança dos indígenas; a reação ante as manifestas intenções dos aventureiros deviam ser as ditadas pelo instinto de conservação.

Porém a prova mais positiva de que esta hipótese merece especial atenção está no que, noutros lugares, logo depois aconteceu. Antes da frota alcançar o rio Amazonas, a contenda com nativos em certo rio, de que resultou a morte de alguns aventureiros assaltantes, como veremos, é becam -

racterística. Mas, naquele rio, os fatos são descabeladamente conclusivos.

Em SANTA MARIA DE LA MAR DOLCE, Pinzón fêz aprisionar 36 nativos, que levou como cativos. Ora, neste caso, a emprêsa infame de prear índios, que se revelavam amigos e confiantes, foi, ao que parece, relativamente fácil, mercê de uma tática mais adequada. A experiência mostrara aos espanhóis que o melhor meio de pegar os índios era atraindo-os sem que êles percebessem qualquer aparato bélico. Tratavam então com indígenas menos agressivos e mais sociáveis que os das costas nordestinas. Esperaram os castelhanos que os nativos fôssem aos navios, amigos e confiantes, tratar com os estrangeiros que traziam tão belas e sedutoras cousas, dêles nunca vistas nem sonhadas. Nada mais fácil e cômodo do que prendê-los a bordo e conduzi-los escravizados. Pelo que disse Pinzón, Mártir escreve: «os habitantes desta região são mansos e sociáveis, *mas pouco uteis para os nossos, porque não possuem produtos desejáveis, a saber: ouro e pedrarias.* Levaram por isso, daí, 30 cativos.» (O grifo é nosso)

Tamanha felonia dá idéia do espírito ambicioso dos inescrupulosos aventureiros. (24)

No Ceará, tanto em Consolación como no Rostro Hermoso, e no Maranhão, os índios, mais previdentes e mais valentes, não se deixaram fàcilmente ludibriar.

O aparato guerreiro dos aventureiros ainda inexperientes fizeram-nos desconfiar das fementidas demonstrações de paz dos espanhóis, e quando êstes, prematuramente talvez, se dispuseram a apanhar alguns, lutaram corajosamente pela sua liberdade ameaçada, e com tanto mais êxito, quanto menor era a experiência dos expedicionários. (25)

Depois das duas infrutíferas tentativas de aprisionar nativos no Ceará, os espanhóis foram ter a um rio de pouco fundo, na costa maranhense, cêrca de 40 lêguas aquém da foz do rio Amazonas. Mandaram a terra quatro barcos pequenos, carregados de homens armados. As malogradas investidas anteriores ditaram ao Capitão a necessidade de aumentar a fôrça atacante; mas os nativos, embora facinados com grandes novidades, perceberam que os estrangeiros não lhes vinham com bons propósitos de amizade, porém antes com intuitos mal disfarçados de agressão. Quando se estabeleceu o conflito, que foi violento e mortífero, patenteou-se o plano dos aventureiros, mas não conseguiram trazer para bordo nenhum prisioneiro. Os detalhes dêste episódio sangrento, contados com evidentes reservas ao sacerdote milanês, deixam claramente perceber o objetivo de ocultar os verdadeiros fins de um

desembarque com tanta gente armada. A justificativa da luta é pueril e inverossímil, com aquela história absurda da vara dourada que os pobres índios, para atrair os espanhóis armados, lhes jogaram como engodo para bem a jeito os sacrificar. (26)

AS LENDAS. Nenhuma expedição,das primeiras que perlustraram as costas do Novo Mundo, retornou à Europa sem um apreciável acervo de impressionantes lendas, fantasias mais ou menos absurdas e grosseiras, especialmente esteadas no sensacional motivo de canibalismo dos ameríncolas.

Das que levara a expedição de Vicente Pinzón, que se não poderia furtar à regra geral, divulgou-se, através das «Decadas» de Mártir d'Aghiera, a seguinte, que lhe relataram o Capitão e Ârias Peres:

Os indígenas de ROSTRO HERMOSO eram «homens grandes como tudescos, de face tôrva». Com mais detalhes, a edição de 1516, diz: «Contam [Pinzón e seu sobrinho] que êsses indígenas eram mais altos que germanos ou húngaros. Fitavam os nossos com olhar tôrvo e de ameaça.... Garantem [os informantes], com juramento, que mediram as pegadas dêles na areia e que igualavam quase o duplo da do nosso homem médio.»

Em parte, êste terrível retrato dos nossos nativos se destinava a maravilhar os leitores incautos das aventuras dos corajosos nautas que iam ao Novo Mundo. Em parte, porém, cremos, e neste caso especialmente, encerrava o propósito disfarçado de justificar a ineficácia dos expedicionários nas suas tentativas de prender e escravizar os índios do nordeste brasileiro. Só êles apresentavam êsse aspecto feroz e indômita valentia; os do rio Amazonas eram mansos e sociáveis.

Não seria fácil emprêsa lutar e subjugar gigantes de tôrvo e ameaçador olhar, bem armados e valentes. Ora, os aborígenes que habitavam as costas brasileiras não eram homens que se distinguissem por sua elevada estatura, de ordinário inferior a 1650 milímetros. E quanto aos seus pés, logo se divulgou a justa fama de serem muito pequenos, curtos e de grande altura, comparado com os dos europeus.

O PESSOAL DA EXPEDIÇÃO. Não há documento que registasse o total dos homens que acompanharam Pinzón, nos seus quatro navios, pelo menos que tivesse chegado ao alcance dos cronistas. Vicente Pinzón e o seu sobrinho Árias, com recursos da família e especialmente dêles próprios, armaram quatro caravelas e as equiparam com marinheiros particularmente recrutados em Palos. Escolheram homens práti-

cos, que já tivessem larga experiência do mar. Muitos já haviam feito parte das equipagens de Colombo. (27)

Tendo como fonte as PROBANZAS, é possível organizar uma magra relação individual de pessoas que vieram na expedição.

Como capitães ou mestres das caravelas, sabe-se que Vicente Pinzón, além da responsabilidade da frota, comandava a capitânea; Árias Peres e Diego Fernandes Colmenero duas outras. Quanto à quarta, não conseguimos apurar quem foi o seu imediato responsável.

Dentre os vários pilotos, apenas nos chegaram os nomes dos três seguintes: Juan de Xerez, Juan de Umbria e Juan Quintero, os quais já tinham estado em terras americanas, segundo o testemunho do primeiro. Nas demais funções, relacionâmos os nomes dos seguintes tripulantes: Anton Colmenero, que viajava na capitânea, Cristobal de la Vega, Diego de Alfaro, Manuel de Valdovinos, Pero Ramirez, Juan de Palencia, Garcia Ferrando, Diego Prieto, Juan Calvo e Garcia Alonso. Ao todo, 16 homens.

Entre muitas outras pessoas, foram estes os primeiros homens brancos que pisaram o solo brasileiro, em terras do Ceará. Não é despiciendo salientar que diversos dêles tinham a glória de haver acompanhado o descobridor da América, em 1492.

OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES A RESPEITO DA VIAGEM DE DIOGO DE LEPE. Sabemos que Diogo de Lepe fez várias viagens ao Novo Mundo, mas a que nos interessa é apenas a primeira, realizada entre fins de 1499 e comêços de 1500.

Esta expedição de Lepe não teve um cronista do valor de Pedro Mártir para lhe dar realce e guardar os interessantes detalhes da derrota. A quase totalidade dos cronistas coevos não se ocuparam dela, talvez pela modéstia do seu aparato.

Apenas frei Bartolomeu de Las Casas, ilustre sevilhano que viveu de 1474 a 1566, por tanto ao tempo em que se fizeram os mais sensacionais descobrimentos no Novo Mundo, inclusive os de Pinzón e Lepe, não desdenhou algo referir a respeito desta expedição.

A PARTIDA, A VIAGEM E CHEGADA A TERRAS BRASILEIRAS. Quanto à data certa da partida do pôrto de Palos, apenas se sabe que ocorreu cêrca de um mês depois da de Pinzón, ainda em dias de dezembro de 1499. «Tras Vicente Yañez salió otro descubridor,... por el mismo mes de deciembre e año de 1499.» (Las Casas)

Zarpou Lepe de Palos com duas caravelas, uma sob o seu imediato comando, e outra, menor, sob a direçâô de André Garcia Galdin. Da ilha do Fogo, no arquipélago de Cabo Verde, onde abasteceu a frotilha para longa travessia, rumou para o continente sul-americano, seguindo sensivelmente o caminho que Pinzón na sua frente trilhava. (28)

A respeito do número de navios, não resta a mínima dúvida que foram sòmente dois. «Llevó [diz Las Casas] dos navios aderézados.» Por sua vez, Alonso Rodríguez de la Calva refere: «partieron dende las yslas de Cabo verde en dos novios, del uno delos quales hera capitan el dicho diego de lepe».

A direção dada à pequena armada, segundo referem La Calva, Cristobal Garcia e Luís del Valle, marinheiros da expedição, foi o sudoeste.

Sujeita aos mesmos percalços da frota de Pinzón, é natural que tenha alcançado o continente em um lugar não muito distante daquele onde abicara êste. Conforme estimativas de bordo, andaram de Cabo Verde «quinientas leguas poco más o menos». (La Calva) Não há nenhuma indicação quanto ao tempo que demorou na ilha do Fogo, mas, de ordinário, os aprestos que ali se faziam consumiam cêrca de um mês.

Lepe, andando como fêz Pinzón, teria gasto 13 dias na travessia. O lugar certo da chegada, que deve ter sido em um dos últimos dias de fevereiro de 1500, não é possível determinar, por falta de indicações. Não se pode duvidar, porém, de que foi um pouco a oeste da inflexão continental, em terras do estado do Rio-Grande do Norte. Efetivamente, dêsse lugar (onde abicou), costeando para leste, logo chegou Lepe àquela inflexão, isto é, à ponta do Calcanhar. Se Pinzón também tivesse tido a idéia de navegar para leste, não houvera custado a descobrir o cotovelo sul-americano, como fez Lepe.

Não pode restar a menor suspeita de que êste nauta tenha visitado a inflexão continental, pois são vários os testemunhos concordes que o afirmam, como logo veremos. Em vista disto, uma vez que ancorou numa baía, o lugar em questão pode ser uma das enseadas que recortam a costa norte do Rio-Grande, da foz do rio Apodi à ponta do Calcanhar. As duas mais notáveis são a da ÁGUA MARÉ, entre as pontas dos Três Irmãos e a do Tubarão, e a do AÇÚ, entre esta última ponta e a do Mel. A referida baía foi batizada com o nome de SAN JULIAN e nela desembocava um rio. Tal circunstância faz-nos propender para a derradeira daquelas en-

seadas, por isso que nela despeja o importante rio das Piranhas. No mapa de Viegas (1534), identifica-se fàcilmente a sua BAIA DAS TARTARUGAS com a enseada do AÇÚ, mas, para leste desta, figura a GRÃ BAIA, que só pode ser a enseada de ÁGUA MARÉ. Mais a leste, nenhuma outra reintrância existe antes do Calcanhar que possa ter merecido a categoria de baía.

OS SUCESSOS EM TERRAS BRASILEIRAS. Diogo de Lepe aportou numa baía, a que chamou de SAN JULIAN, no fundo da qual desemboca um rio. Realmente, declara Alonso de la Calva que chegaram numa baía e «lepusieron nonbre san julian», e Cristobal Garcia, em vez de baía, fala no rio de San Julian; ambos eram companheiros de Lepe. (29)

A carta de marear, organizada pelo Capitão para o bispo D. Juan de Fonseca, examinada por vários técnicos coevos e insuspeitos, mostra positivamente que a frotilha velejou da inflexão continental a Pária, e isto mesmo se depreende do mapa de La Cosa, calcado nesse trecho sôbre tal FIGURA cartográfica. O pilôto do rei, Pedro de Ledesma, afirma «que los que con el [Diego de Lepe] fueron truxeron la figura de lo que descubrió» e acrescenta adiante, no seu depoimento das PROBANZAS, aludindo aos descobrimentos da expedição: «fasta la costa que huelve al medio dia.» Alonso de Hojeda, no mesmo pleito, depõe que «vyó la figura que truxeron del viaje que avian hecho» os companheiros de Lepe, e acrescenta que sabe ter Lepe descoberto de Pária a costa que volve ao meio dia. Árias Pêrez, já muito nosso conhecido, diz que a frotilha de Lepe foi «a la buela del sur» e sabe disto por que lho disseram e «tanbien le mostró la tierra que traya debuxada».

No pleito do Almirante, o fiscal do rei formulou a seguinte pergunta para as testemunhas: se sabiam que Diogo de Lepe e os que com êle foram descobriram de Pária até a costa que se volta ao meio dia ou ao sul. Quase todos os que foram chamados a responder disseram que sim. São interessantes as respostas dadas por Pedro Medel e por um marujo português, João Gonçalves. O primeiro «dixo que lo sabe segun que ella [pergunta] se contiene, porque lo vido por sus proprios ojos, por queste testigo fué en companhia del dicho Diego de Lepe». O segundo declarou que «la sabe [a pergunta] como se contiene porque fué com el dicho diego de lepe el dicho viaje». (30)

Ora, a *volta do sul* é a deflexão da costa que do norte corre na direção geral de SE e na ponta do Calcanhar se

volta aproximadamente para o sul. O trecho nas proximidades desta ponta constitui a volta do sul; ali começa o canal de São Roque. (31)

Assim, Lepe, de São Julião, navegou primeiramente para leste, costeando até dar com a «Buelta del sur», e seguramente, por que as dificuldades de navegar dentro do canal de São Roque são quase insuperáveis para os nautas que lhe não conhecem os segredos, retrocedeu ao ponto de partida (São Julião), de onde seguiu, costeando sempre, dentro do quadrante NW. Passou naturalmente ao largo de Santa Maria de la Consolación e alcançou ROSTRO HERMOSO, onde desembarcou e ficou alguns dias. Aí encontrou a cruz que Pinzón plantara, cêrca de um més antes; fêz detalhadas observações das costas próximas e, provàvelmente, colheu dos nativos algumas informações sôbre o interior das terras.

Tudo isto se depreende do traçado do mapa de Juan de lá Cosa, neste trecho desenhado segundo a referida carta de marear, organizada por Lepe. (32)

Prosseguindo para o norte, ao longo da costa, entrou no rio Maranhão ou Rio-Grande (33), onde conseguiu assaltar os nativos e levar como escravos um certo número, mas perdeu 10 ou 11 homens da tripulação. Dalí seguiu costeando até alcançar Pária. Parece que nesse lugar houve conflito com os índios mais ou menos amotinados, mas poude aprisionar alguns. (34)

O PESSOAL DA EXPEDIÇÃO. O número de homens que acompanhou Lepe devia ser bem menor que o da expedição pinzoniana, por isso que, agora, em vez de quatro, só compunham a armada dois navios.

Ainda, graças ao pleito do Almirante, é possível organizar uma lista, embora pequena e muito incompleta, do pessoal da frotilha. Esta gente constitui o segundo grupo de homens europeus que perlustraram a terra cearense. Torna-se, conseqüentemente, curioso conhecer o nome de quantos os documentos nos permitam.

O Capitão comandava a frotilha e uma das caravelas. A outra ia sob a imediata responsabilidade de André Garcia. Como pilotos seguiam Juan Rodriguez, Bartolomé Roldan e Pedro Sanchez del Castillo, certamente além de outros. Com funções diversas, temos: Pedro Medel, Alonso Rodríguez de la Calva, Garcia de la Monja, Herrando Esteban, Cristobal Garcia, Luís del Valle, espanhóis, e o português João Gonçalves. Ao todo, 12 pessoas.

RESULTADOS GEOGRÁFICOS DAS DUAS EXPE-

DIÇÕES. Os resultados geográficos das duas expedições foram de ponderável importância. Em primeiro lugar, os nautas, tendo percorrido mais de 600 léguas de costas contínuas, verificaram que êste trecho do Novo Mundo, parte no hemisfério meridional e parte no setentrional, não tinha proporções de uma ilha; devia tratar-se, pois, de terra firme ou continental. Pinzón descobrira toda a costa brasileira que vai da atual Ponta Grossa ao cabo de Orange; Lepe, da entrada do canal de São Roque à ponta Grossa, prosseguindo para o norte na rota do primeiro num minuncioso reconhecimento da terra.

Ao que parece, ambos desenharam um *croquis* das costas que velejaram. O de Pinzón devia ser menos completo e perfeito que o de Lepe, que o fêz para o bispo Fonseca. Duas testemunhas de responsabilidade, Alonso de Hojeda e Pedro de Ledesma, depondo no pleito do Almirante, dizem que viram a figura que os expedicionários de Pinzón trouxeram para o rei. (35)

Se não há alguma confusão com a figura (*croquis*) de Lepe, é que efetivamente, como era habitual, Pinzón, ou algum dos seus pitotos, também traçou um esbôço das costas que percorreram.

O esbôço de Diogo de Lepe já não padece nenhuma dúvida. Além das duas referidas testemunhas que viram o esbôço de Pinzón, outras confirmam a existência do documento, a que o pilôto André de Morales chamou carta de marear. Que o viram, êste pilôto e Árias Pérez declaram positivamente. (36)

Êstes primeiros debuxos das costas norte e nordeste do Brasil constituíram importantíssima contribuição para a confecção do planisfério de Juan de la Cosa, na parte referente às costas orientais da América do Sul.

O célebre cartógrafo, na sua figura das costas americanas, serviu-se, não só de elementos geográficos por êle mesmo diretamente colhidos nas suas viagens, como de quantos documentos e informes pôde haver, inclusive da carta de marear organizada por Lepe para o bispo Fonseca, com quem privava.

Esta contribuição foi realmente preciosa, por que permitiu, numa grande extensão, desenhar um contôrno costeiro com excelente aproximação para o tempo.

Relativamente à questão da escassa nomenclatura que nos legou Pinzón, muito se tem discutido, e dessa nomenclatura a maior porção se perdeu. Quanto à de Lepe, porém,

ao que se crê, foi em grande parte utilizada por Cosa no seu mapa.

Pinzón legou-nos os seguintes topônimos: SANTA MARIA DE LA CONSOLACIÓN e ROSTRO HERMOSO, no Ceará; SANTA MARIA DE LA MAR DOLCE, CAMOMORO e PARICORA no Pará. Poucos outros fora do território brasileiro.

Não se tem segurança se MARAÑON tenha de fato origem em Pinzón, conquanto figure na edição de 1516 das «Decadas» de Mártir, aplicado a um rio que a expedição teria encontrado entre o Amazonas e Pária. (37)

RESULTADOS ETNOGRÁFICOS. Magros, quase insignificantes foram as informações de caráter etnográfico que os dois capitães colheram. Relativamente aos indígenas brasileiros, apenas ficamos sabendo que andavam nus e usavam arcos e flechas. O contraste de tais informes com os análogos que Pero Vaz Caminha registou alguns meses mais tarde é chocante.

Os topônimos indígenas colhidos por Pinzón no delta do rio Amazonas, Camomoro, Paricora e Marinatubaro são interessantes. Revelam que os indios com que por ali houve relações não eram tupis; pertenciam a outro grupo linguo-cultural, por isso que tais vocábulos pertencem a língua diversa.

AMÉRICO VESPÚCIO E O CEARÁ. O eminente pilôto florentino AMÉRICO VESPÚCIO foi um dos nautas que, no século dos descobrimentos, grangeou fama e reputação universais, só ultrapassada pela celebridade e glória do descobridor do novo continente. Recebeu homenagens por ventura mais importantes do que Colombo; menos ruidosas e brilhantes, porém mais valiosas e duradoiras. Tantas honrarias, qual sobretudo aquela que lhe perpetuou a memória com o nome do continente ocidental, que é o seu, não são certamente razoáveis e justas, excederam os verdadeiros méritos do aventureiro ousado e vaidoso.

Enquanto a notoriedade de Colombo foi minguando até a morte, a de Vespúcio crescia.

A sua notável personalidade e os seus feitos têm sido ardorosamente analisados e comentados por investigadores incansáveis e historiadores escrupulosos e mais ou menos apaixonados. Acusações acrimoniosas e defesas exaltadas entrechocaram-se através de séculos e, ainda agora, sòmente arrefeceram.

Embora novos e preciosos conhecimentos relativos ao

meio em que viveu e o rigor e profundeza da crítica histórica tenham esclarecido muitos fatos outrora inexplicáveis e apagado dúvidas, não conseguiram ainda dissipar de todo sombras que continuam envolvendo a figura desta curiosa personagem, ligada tão de perto às origens das nossas relações com os povos ocidentais do Velho Mundo.

* * *

VESPÚCIO nasceu em Florença a 9 de Março de 1451, pertencia a uma antiga e conceituada família, no seio da qual se destacavam alguns homens ilustres. Como estudante não se distinguiu pela sua aplicação, teve companheiro Piero Soderini, a quem, muito mais tarde, escreveu, relatando circunstanciadamente várias das suas aventuras pelo Novo Mundo. Esteve algum tempo em Paris, com o seu parente Guido Vespúcio, embaixador da república florentina.

Empregou-se depois na grande emprêsa comercial dos Médicis de Florença, que tinham importantes negócios no estrangeiro, inclusive em Castela.

Foi para a Espanha quando já contava 40 anos de idade, a serviço dos seus ilustres e poderosos patrões. Em 1493, na cidade de Sevilha, fez estreitas relações com o seu compatriota Juanoto Berardi, espécie de banqueiro das frotas que se destinavam às novas terras descobertas noutros continentes. Morto êste em 1495, foi o seu executor testamentário, tal era a intimidade que prendia os dois florentinos.

Pouco tempo depois, mercê destas relações, bem informado quanto às surpresas e maravilhas dos descobrimentos (38), empenhou-se, ao que êle mesmo refere, em duas viágens às terras ocidentais, por conta da Espanha. Isto teria sido no período de maio de 1497 a setembro de 1500.

Cêrca de um ano mais tarde, embarcou numa frota portuguêsa e percorreu parte das costas brasileiras. Ainda noutra armada lusitana, de 1503 a 1504, voltou à Terra de Santa-Cruz.

Realisou, conseqüentemente, quatro viagens ao novo continente, duas à América central e Antilhas, e duas à América do Sul, o seu verdadeiro MUNDUS NOVUS.

Apenas estas últimas nos interessam; as notas em curso especialmente se referem à que fez de maio de 1501 a setembro de 1502, por que é aquela que nos diz. mui diretamente, respeito.

A última das suas excursões foi muito tormentosa e ao regressar dela, resolveu tornar à Espanha, movido pela espe-

rança de haver oportunidade de ir à Índia por um caminho que julgava praticável pelo sudoeste, sonho que não conseguiu concretizar.

Já quinquagenário, casou-se em Sevilha com Maria Corezo e logo naturalizou-se espanhol, certo de poder voltar à atividade marítima por conta da sua nova pátria.

Em 22 de março de 1508 foi nomeado pilôto *mayor* da CASA DE CONTRATACIÓN; e neste cargo veio a falecer no dia 22 de fevereiro de 1512, na cidade de Sevilha. Tinha então 61 anos de idade.

Mas, na vida dêste nauta, há interessantes singularidades, que o guindaram às mais altas esferas da popularidade e fama universal.

Ampla e feliz divulgação dos sensacionais relatórios das suas viagens, sob a atraente forma epistolar, mandados a ilustres e prestigiosos patrícios, tornou-o conhecido e admirado em todos os meios cultos da Europa ocidental, fora da península ibérica, onde não logrou renome.

Estas cartas, a princípio, causaram profunda impressão na Itália; foram ali interessadamente estudadas e vertidas para o latim; depois, também para o francês e o alemão. Publicadas em várias línguas na escassa mas prestigiosa imprensa da época, alcançaram os mais afamados centros de estudos no estrangeiro, onde os descobrimentos de novos e fabulosos mundos eram acolhidos com grande sofreguidão.

A mais interessante publicação dos documentos vespucianos é a que se deve ao célebre geógrafo Martin Waldseemüller, com o título de «Quatuor Americii Vesputii navigationes», inserta na sua famosa «Cosmographiae Introductio cum quibus dam geometriae ac astrono miae principiis ad eam rem necessariis», de que logo duas edições saíram em 1507, em Saint-Dié.

Estas edições tiveram, no espaço de cinco meses, 4 tiragens. Tal circunstância dá boa idéia do interêsse que despertou e da extraordinária divulgação do opúsculo que tanto elevou o nome de Vespúcio.

O assunto das missivas-relatórios era realmente de molde a despertar no seu tempo profunda admiração; elas impressionavam pelo seu estilo pitoresco e atraente e pelas novidades surpreendentes, as façanhas dos navegantes que tão corajosamente se expunham a insólitos perigos e revôltas emoções.

A influência que exerceram sôbre a imaginação européia e que deu ao seu autor a grande proeminência nas apreciações populares, diz Winsor, foi aquela brilhante redundân-

cia das descrições, tanto da terra como das constelações do sul, fato que constitui tão conspícua feição das suas narrativas.

Vespúcio, com habilidade excepcional e escassos escrúpulos, soube inculcar-se como nauta proficiente, cosmógrafo perito e emérito descobridor.

Tantas virtudes não podiam deixar de despertar a admiração e as considerações da pátria distante e agradecida.

A par disto, sobreptícia, mas discretamente, silenciava os feitos notáveis de seus companheiros e superiores, ou os diminuía, quando não os eivava com faltas sutís e pequenas máculas, de modo que os seus atos ressaltassem impressionadoramente. Os leitores incautos, ou impossibilitados de obter elementos de controle, tudo aceitavam. (38)

Entretanto, a contribuição de conhecimentos históricos que nos legou, despidos de todas as suas gangas inúteis, é valiosa, insuperável em alguns casos. (39)

Cumpre fazer justiça ao pilôto florentino. Acusado de haver imposto seu prôprio nome ao continente ocidental, foi completamente absolvido, pois está verificado que jamais teve a menor coparticipação no batismo da América. Êste batismo é homenagem de admiração que homens de ciência, interessados pelo progresso da geografia, num recôndito canto dos Voges, certos de que Vespúcio fôra incomparável propulsor da expansão geográfica que então se verificava com os grandes descobrimentos ibéricos de novos e imensos continentes, não trepidaram em propor a aplicação do nome do nauta ao que êste costumava chamar de Novo Mundo e que êles, na sua entusiástica admiração, supunham houvera sido revelado e reconhecido pelo marinheiro italiano.

Algumas outras imputações desairosas caíram por terra. Não há dúvida, por exemplo, que Vespúcio era de fato senhor de alguns apreciáveis conhecimentos náuticos e cosmográficos, embora não tantos como pretendia fazer crer. (40) Quanto à alegação de ter inventado viagens que não realizou, nada ainda se apurou de definitivo..

* * *

Já referimos que sòmente uma das 4 viagens de Vespúcio nos interessa diretamente. É a que fêz de maio de 1501 a setembro de 1502, com André Gonçalves (41), por isso que a frota, como está abalmente provado, abicou em costas do Ceará.

Na última das viagens, de maio de 1503 a junho de

1504, na armada de Gonçalves Coelho, percorreu costas brasileiras, mas não é certo que tenha alcançado as costas do nosso estado. (42)

A viagem sob a bandeira castelhana, feita de maio de 1499 a setembro de 1500, na frota de Alonso de Hojeda não o conduziu ao hemisfério meridional. Nada há que ver aqui com as suas viagens em barcos espanhóis, máximé com a que se diz realizada em 1504, extremamente duvidosa.

A de 1501 a 1502, conhecida como sendo a *terceira* do operoso navegador, divulgou-se especialmente através das suas célebres cartas. Mas as fontes mais importantes do sucesso são apenas dois daqueles relatos, os quais, todavia, auxiliados com alguns outros documentos coevos, permitem que se forme um curioso esbôço dos episódios da viagem, incluindo a parte que nos toca mais de perto, a permanência da frota em terras cearenses.

Aquelas duas cartas tiveram vasta divulgação, respectivamente com os nomes de MUNDUS NOVUS e LETTERA.

A primeira delas, endereçada a Lourenço Pier de Médicis, rico comerciante de Florença, sem data, deve ser, segundo Vignaud, de 1503. Foi traduzida por Fra Giovani del Giocondo, de Verona, para o latim; e desta versão saíram pelo menos 14 edições. Depois, foi ainda vertida para o francês e o alemão. Impressa várias vêzes desde as primeiras edições, é, seguramente, a que trouxe para o seu autor o maior renome como navegador, cosmógrafo e descobridor. Logrou notável importância histórica.

A LETTERA, escrita de Florença, a 4 de setembro de 1504, pouco depois do regresso da sua última viagem, a Piero Tomaso Soderini, gonfaloneiro de Florença, e seu antigo condiscípulo, contém em estilo pitoresco a descrição das quatro víagens do nauta. Uma versão dêste documento, conhecida por «Quatuor Americii Vespucii navigationes», foi publicada por WALDSEEMÜLLER na sua «Cosmographiae Introductio», em 1507. Supõe-se que esta foi calcada sôbre um texto em francês, recebido de Portugal pelo duque René, protetor do famoso ginásio dos Voges. Cumpre anotar que entre a versão latina do texto francês e a italiana, impressa em Florença em 1506, que é a mais legítima ou a verdadeira LETTERA, há algumas divergências.

Mas, além destas duas cartas do florentino, convém utilizar ainda, como fontes secundárias e complementares, especialmente para confirmar e fortalecer assertos ou para salientar incongruências duas outras cartas do mesmo autor. Destas últimas, uma, escrita de Bezegiche, na África, a Lou-

renço de Pier Francesco de Médicis, em 4 de junho de 1501, foi encontrada na biblioteca ricardiana e examinada detidamente por Varnhagem. Seu valor está em que foi escrita durante a viagem; foi portador dela para Portugal alguém que viajava na armada de Pedro Álvares Cabral, quando regressava da Índia. A outra carta não traz data, foi descoberta por Bertolozzi nos arquivos de Strozzi. (43)

* * *

Ao começar o ano de 1501, o rei D. Manuel de Portugal, com parcos recursos financeiros, preparou duas modestas expedições às suas conquistas da Índia e do Brasil. Para aproveitar as monções, deviam zarpar antes de maio. Ambas eram de caráter misto, mercantil e explorador ou de reconhecimento. A primeira, sob o comando do fidalgo galego João da Nova, compunha-se de quatro navios. Partiu em março e devia derivar a sua rota para oeste, até alcançar terras de Santa-Cruz, aí fazer um breve reconhecimento e por ventura praticar atos de posse. (44).

A segunda, sob a imediata responsabilidade de André Gonçalves (45), compunha-se apenas de três navios; devia vir diretamente ao seu destino, reconhecer as costas da Terra de Santa-Cruz, verificar as suas possibilidades econômicas e ao mesmo tempo fazer resgate com os nativos por conta do reino e de particulares que já começavam a tomar interêsse pelas novas terras, que ficavam sugestivamente tão perto da metrópole. A expedição zarpou do Tejo em 10 de maio segundo o texto da LETTERA (tradução de Basin) e das QUATUOR NAVIGATIONES; em 14 dêsse mesmo mês, conforme o MUNDUS NOVUS, ou a 13, de acôrdo com a carta de Cabo-Verde (b. ricardiana). Preferimos a última data, constante de documento mais autorizado e de origem mais próxima do feito. (46)

Estava Américo Vespúcio por êsse tempo em Sevilha, quando de Portugal foi solicitado a ir a Lisboa, a fim de fazer parte desta expedição. Afirma o florentino que fôra chamado e instado pelo rei Manuel, sob a promessa de pingues recompensas. Mas, ao que parece mais acertado, observa criteriosamente Duarte Leite, Vespúcio fôra chamado pelo seu rico compatriota Bartolo Marchione, destacado elemento do alto comércio da capital lusitana.

O nauta, que já duas vezes viajara pelas terras ocidentaís novamente descobertas, devia ser naturalmente pessoa bem indicada para compor uma expedição ao Novo-Mun-

do. Sob êste aspecto interessante, havia de merecer as preferências reais para comandar um navio mercante adido à frota. A circunstância de ter especiais conhecimentos das terras recém-descobertas e de possuir boa prática de comércio, adquirida na casa dos Médicis, certamente despertaram as atenções do astuto Machione, por ventura interessado na expedição, como já fôra em outras semelhantes, mandadas pelo rei aos seus domínios ultramarinos.

Provàvelmente, a êste conjunto de circunstâncias deve Vespúcio o ter vindo na armada de Gonçalves, possìvelmente comandando uma das caravelas, de certo a que se supõe pertencia ao negociante italiano de Lisboa.

* * *

A frotilha passou à vista das ilhas Canárias e derivou um pouco para o oriente, até alcançar as costas americanas. Seguiu ao longo delas, indo ter ao pôrto de Benzeguiche, perto de Cabo-Verde. Durante êste percurso, costeando o continente, os marinheiros fizeram pescarias, recolhendo alguns pargos. Em Benzeguiche, aonde chegou no dia 31 de maio, demorou 11 dias refrescando e fazendo provimentos de água e lenha. Ali cruzou com os restos da armada de Pedro Álvares Cabral, que regressava da Índia. (47)

Desferrou do ancoradouro africano a 11 de junho, rumando para SW4S e com 67 dias de derrota alcançou uma terra firme, ao SW. de Benzeguiche (LETTERA).

Certamente, as tempestades, chuvas continuadas, mau tempo, ventos e correntes marinhas modificaram o rumo deliberado. Conta Vespúcio que navegou em 67 dias 700 léguas, sempre perto da linha equatorial; observou com surprêsa que durante êsse trajeto, realizado no mês de junho, fazia bastante frio e que as noites eram iguais aos dias.

O número de léguas é exagerado; só se pode admitir, no caso de ter a frota sído obrigada a inúteis desvios, em conseqüência das tempestades, visto como, realmente, se não houvera tempo e espaço perdidos em voltas e rodeios, apenas teria coberto pouco mais de 500 léguas em tempo bem menor. (48) Mas as frotas não se podiam furtar, naquele período, a tais percalços. Não dão que estranhar, nas observações do florentino, as relativas à temperatura e duração dos dias e noites; demonstram, entretanto, o grau de conhecimentos cosmográficos do autor.

* * *

Ancorou a frota na nova terra no dia 17 de agosto (LETTERA e MUNDUS NOVUS), mas, seguramente, desde o dia anterior, pressentira a aproximação da terra e possìvelmente vislumbrara indecisos contornos de montanhas.

Em que lugar da costa nordestina André Gonçalves lançou ferros ?

Vespúcio diz ter sido a 5° de lat. sul. Sabemos, porém, que os cálculos para uma tal determinação eram grosseiramente aproximados, aliás como o número por demais redondo de graus já deixa suspeitar. O êrro podia fàcilmente atingir e até mesmo exceder um grau, para mais ou para menos. Por tanto, há que procurar êste ponto no longo trecho costeiro compreendido pelas latitudes de 4° e 6°, isto é, da PONTA DO IGUAPE, perto desta capital, à PONTA DOS BÚZIOS, no Rio-Grande do Norte.

Se a determinação dada por Vespúcio merecesse confiança, estaria o ponto definitivamente fixado: seria a baía ou ENSEADA DO AÇU.

Todos os autores que têm tratado do assunto com alguma proficiência estão de acôrdo que êste lugar devia ficar efetivamente a oeste da inflexão continental.

Observemos que, do ancoradouro, a frotilha seguiu costeando na direção de ESE, ou, como está na LETTERA, entre leste e sueste. Ora, se de fato estivesse êle situado na enseada nomeada, a direção indicada para os navios que deixavam o pôrto teria sido outra; navegariam para leste, ou mesmo, ao desferrar, para ENE, a fim de galgarem as pontas de TUBARÃO e a dos TRÊS IRMÃOS. Considerações análogas inutilizariam qualquer ponto situado entre a enseada do Açu e a inflexão do continente, e, com mais forte razão, todos os lugares que ficam ao sul da PONTA DO CALCANHAR.

Isto pôsto, temos que a frota deveria ter surgido ao norte da ENSEADA DO AÇU.

O trecho de costa entre o AÇU e o MUCURIPE corre na direção geral de NW; dali por diante, inclina-se um pouco mais para oeste, tomando o rumo muito aproximado de WNW, que conserva até a ponta rochosa do ITAPAGÉ. Adiante desta, volta-se francamente para o ocidente. Conseqüentemente, se como afirma Vespúcio, a frota, ao partir de seu primeiro ancoradouro, tomou a direção de ESE, deveria ter surgido ali, num ponto do trecho que se estende entre as pontas do MUCURIPE e do ITAPAGÉ, onde aliás se abrem algumas enseadas e baías relativamente bem abrigadas.

Por outro lado, o competente cosmógrafo português coevo Duarte Pacheco deixa supor, no seu famoso «Esmeral-

do de Situ Orbi», que os pontos terminais dos limites costeiros do Brasil de então eram : ao sul, na latitude de 28° 30', a ILHA DE SANTO AMARO; ao norte, na latitude de 3° e 30', a ANGRA DE SÃO ROQUE. Se efetivamente não eram êstes os limites teóricos, definidos diplomàticamente, seriam, pelo menos, as extremas práticas, além das quais, num largo trecho, se devia por enquanto considerar de duvidosa jurisdição, por tanto vedado a qualquer exploração, ao menos abertamente, tanto por parte de Portugal como de Castela.

Ora, a ANGRA DE SÃO ROQUE fica situada no trecho de costa que corre de WNW para ESE; e já aparece no velho mapa de Canério, justamente cortada pelo paralelo de 5°, conforme regista a LETTERA. No mapa ainda mais antigo de Alberto Cantino (1502), nenhum nome lhe assinala a posição, mas uma sugestiva reintrância da costa, situada à mesma distância da inflexão continental que o «San Rocho» de Canério, indicia esta angra.

A ausência de inscrição em Cantino, ali e mesmo um pouco mais ao sul, mostra que, então, o trecho de incerta jurisdição era maior que no tempo de Canério. (49) Êste cartógrafo já se beneficiara das mesmas fontes que serviram a Pacheco, porém depositava mais confiança nas coordenadas do seu famoso patrício do que nas do cosmógrafo lusitano.

No documento português, a latitude da referida reintrância está aproximadamente a 2° 30'. Um pouco ao sul dela, outra chanfradura, um pouco menor, em 3° 30', poderia ser a mencionada angra, hipótese que traria a concordância do velho mapa com a táboa de *lardeza* do ESMERALDO, e por isso merecedora de especial atenção. (50)

A ANGRA DE S. ROQUE de Pacheco e dos mapas de Canério, Kunstmann II, Kunstmann III e Waldseemüller, todos desenhados no período de 1502 a 1507, só pode ser identificada com aquela onde surgiu a primeira expedição portuguêsa para o Brasil em 1501. (51)

* * *

Ancorou a frota, segundo a LETTERA, no dia 17 de agôsto, mas, como já observámos, no dia anterior naturalmente teria avistado pontos elevados da terra firme. Êste dia anterior, 16 de agôsto, o verdadeiro dia do descobrimento, é justamente aquele em que a Igreja Católica festeja SÃO ROQUE. Daí, pois, o topônimo aplicado à angra, conforme a usança do tempo. Esta circunstância apresenta indisfarçável

importância, vale certamente por uma prova de apreciável valor, nesta identificação.

Resta agora saber qual das várias ângras existentes entre a ponta do MUCURIPE e a do ITAPAGÉ cabe ser identificada com a de SÃO ROQUE.

Ajudam-nos na solução dêste problema, além da latitude consignada por Pacheco, a breve mas expressiva descrição do lugar, constante da carta de Vespúcio, e os primeiros mapas quinhentistas.

A latitude de 3° 30', que a táboa das lardezas dá para a ANGRA DE S. ROQUE, se rigorosamente exata, indicaria a pequena ENSEADA DO PECÉM, situada 12 milhas a oeste desta capital. Mas, mesmo em se tratando de um ilustre cosmógrafo, importa não contar com tão severa exatidão, incompatível com os métodos cosmográficos daquela época. Devemos admitir a possibilidade de um êrro de 30' no máximo, e isso nos levaria a procurar uma angra capaz, entre 3° e 4° de lat. sul. No trecho da costa assim delimitado, de sul para norte, se abrem as seguintes angras: IGUAPE, com bom fundeadouro; MUCURIPE, onde atualmente se constrói o pôrto desta cidade; PECÉM, sem importância; CURUMICUARA, 7 milhas adiante de Pecém, «bastante profunda, com bom ancoradouro para navios de pequena cabotagem, os quais se amarram em frente de uma pequena povoação, junto à qual desemboca o rio S.-Gonçalo», que primitivamente se chamava GÔLFO DOS NEGROS; PARÀZINHO, situada um pouco ao norte, na embocadura do RIO CURÚ, dispondo de bom ancoradouro para pequenas embarcações; LAGOINHA e FLECHEIRAS, pequenas e mal abrigadas; MUNDAÚ, na foz do rio do mesmo nome, com regular capacidade e bem abrigada; e, finalmente, PATOS, na foz do rio Aracatiaçu, só capaz de pequenos barcos.

Preliminarmente, podemos excluir as três menores, que não deviam oferecer segurança à frota portuguêsa (Pecém, Lagoinha e Flecheiras). As que podiam abrigar com bom resguardo aquela pequena armada eram especialmente a do IGUAPE, onde, em 1613, estacionou a esquadra de Jerônimo de Albuquerque, quando ia libertar o Maranhão, a do MUCURIPE e, particularmente, a de CURUMICUARA.

Vespúcio achou a terra muito amena, viçosa e de boa aparência. Êste quadro não é comum nas nossas praias, arenosas, quase saarianas; mas, então, corria o mês de agosto, quando os efeitos propiciadores das chuvas da estação que vinha de findar, eram ainda muito sensíveis. A vegetação conservava-se virente e certamente luxuriosa nos tabuleiros e baixadas litorâneas, ou nos campos, um pouco além das du-

nas; as numerosas lagoas estavam plenas d'água, com imensa cópia de aves aquáticas. A água doce fluía, límpida, fresca e cristalína, nos muitos córregos que as levavam ao mar vizinho, ainda com regular vazão, mercê da drenagem dos depósitos arenosos das dunas e tabuleiros. A temperatura sensível devia ser realmente agradável, dando à ambiência confortável sensação térmica.

Por outro lado, os longos días do mar predispunham os nautas a julgar sempre melhor a terra alcancada, mesmo quando não muito amena, desde que lhe trouxesse descanso, água doce e fresca, lenha e variada paisagem.

Todavia, se por quase tôda a extensão das costas cearenses, em julho e agôsto, o ar é saudável e doce, aquêle quadro físico nem sempre apresenta a mesma tonalidade; sobretudo, a paisagem pode variar muito.

Assim, no trecho de costas, acima definido, sobreleva, sob êste aspecto, a porção emoldurada pelas serranias então cobertas de viçosa mata, que, como um largo arco, vão do lugar PARACUMBUCA, perto do mar, onde começam com o nome atual de serra do CAMARÁ ou do BOM-TEMPO, expressivo topônimo, até a confrontação da enseada do IGUAPE, onde terminam já bem distante da praia. Dentro dêste espaço privilegiado, há zonas ainda mais amenas, tal a que se estende para um e outro lado do espigão da serra do BOM-TEMPO, que aponta para o mar e vem até 2 ou 3 quilômetros do oceano. No extremo norte desta zona, abre-se a baía de CURUMICUARA, bem perto da do PECÉM, ou do ponto indicado por Pacheco (3° e 30'), com o seu considerável lagamar, do Ciupé, famoso pela riqueza em aves e crustáceos comestíveis, caça e amenidades de clima. (52)

Esta reintrância da costa corresponde muito aproximadamente à que, nos mapas da primeira década do século XVI, trazem o nome de SÃO ROQUE.

Nestes documentos cartográficos, do mais antigo, que é o mapa de Canfino (1502), ao de Eggerton (1510), aparece, com inscrição ou sem nenhumaa referência, a angra de SÃO ROQUE. O mapa do atlas do Kunstmann que tem o número 2 apresenta uma chanfradura do contôrno costeiro, logo abaixo do trecho interrompido, indicada com o nome de «San Rocho». Tomando a distância desta reintrância à inflexão continental, conforme a escala aproximada do desenho, verifica-se que deve corresponder à atual enseada do PARÀZINHO ou, mais provàvelmente, à que desta fica apenas 2,5 milhas para o sul, a de CURUMICUARA.

Pelo mesmo processo, mas, neste caso, com menos

precisão, achamos que o ponto indicado com o nome de «Sam Rocq», no mapa de Kunstmann n. 3, é ainda uma enseada situada ao norte do Mucuripe, muito provàvelmente a da CURUMICUARA.

No de Canério (1505), o seu «Sam Rocho» corresponde com impressionante aproximação àquela enseada, com a favorável circunstância de que na baía se abre a foz de um rio (CIUPÉ, o atual S. Gonçalo).

No mapa-mundo de Waldseemüller (1507), o «S. Rochy» é uma baía onde também um rio vem despejar, tendo a oeste, e muito perto dela, outra baía, pouco menor. Esta disposição corresponde à enseada de CURUMICUARA, com o seu lagamar do Ciupé e a enseada vizinha do PARÀZINHO.

No mapa de Ruysche (1508), vê-se, abaixo da linha equatorial, traçada aqui muito ao sul do seu verdadeiro lugar, uma reintrância, que, embora sem nome, pode corresponder à enseada de São Roque dos outros mapas contemporâneos. A sua posição condiz bem com a da enseada ou baía situada um pouco ao norte da CURUMICUARA, mas a escala de desenho deve ser responsável por êste pequeno desvio.

No mapa de Eggerton (1510), certa chanfradura onde desagua um rio está assinalada com o nome de «Pelaga de Rocha», parecendo indicar a angra em questão, conquanto a posição seja um tanto incorreta, por isso que fica um pouco deslocada para o sul em relação à verdadeira CURUMICUARA.

Ainda no conhecido mapa de Freducci, que já é de 1514 ou 1515, figura a costa de «S. Rocco», correspondendo ao trecho do litoral onde está a CURUMICUARA.

Tudo isso leva naturalmente à identificação da angra de SÃO ROQUE dos velhos mapas com a baía do CURUMICUARA, que está na latitude de 3° 24' sul. Verifica-se desta maneira que o êrro de Pacheco foi apenas de 6'; para aquele tempo, devia ser pràticamente desprezível.

Não vale a pena raciocinar sôbre a distância dada por Vespúcio entre o primeiro ancoradouro da frota e o seu cabo de Santo Agostinho com o intuito de reforçar esta identificação já sobejamente demonstrada. (53)

* * *

Vejamos o que, segundo a LETTERA, os expedicionários, inclusive Vespúcio, fizeram em terras do Ceará, em agôsto de 1501. Seguimos o célebre documento tão de perto quanto possível e respeitámos o seu estilo tanto quanto a boa inteligência da narrativa permite.

Desembarcaram os portuguêses no dia 17 de agôsto, não viram ninguém em terra, mas notaram vestígios de habitantes. Voltaram para as naus e, no dia seguinte (18 de agôsto), retornaram à praia, para fazer aguada e abastecimento de lenha. Viram então algumas pessoas no cume de um monte, as quais olhavam para os estrangeiros sem ousar descer. Certamente êste monte era uma duna, nua de vegetação, pelo que permitia da planície e dos navios ver o que se passava pelo seu cimo.

Debalde os expedicionários fizeram diligências para atrair os nativos e com êles praticar. Em vista, porém, da sua obstinação, e sendo já tarde, voltaram para os navios, deixando, contudo, em terra cascavéis, espelhos e outras quinquilharias. Observaram de bordo os indígenas descerem do monte e apossarem-se dos objetos depositados na praia e notaram que de tudo muito se maravilharam. Neste dia sòmente conseguiram colher água para os barcos.

Na manhã seguinte (19 de agôsto), viram dos navios que os índios faziam muitos fumos e pensaram que isto significava um chamado. Desembarcaram e verificaram que êles se tinham reunido em grande número, a boa distância do pôrto. Dali, acenavam, convidando os ádvenas a aproximar-se, e internarem-se pela terra a dentro.

Em vista disso, dois portuguêses, depois de haverem o consentimento do capitão, sobraçando muita fazenda de resgate, foram aos indígenas. Deviam verificar que gente era aquela e se tinham alguma riqueza e especiarias ou outras drogas. Levavam a recomendação de voltar aos navios dentro de cinco dias. Isto pôsto, os dois marinheiros aproximaram-se dos índios, enquanto os demais retornavam às embarcações.

Todos os dias viam de bordo que os aborígines perambulavam pela praia, mas continuavam arredios e desconfiados.

No sétimo dia, aproximaram-se alguns expedicionários nos esquifes e notaram que os índios haviam trazido consigo as suas mulheres, e as mandavam para êles, à proporção que se abeiravam do pôrto. Vendo, porém, que os nativos não tomavam confiança, deliberaram enviar-lhes um mancebo lusitano forte e resoluto, e, para melhor protegê-lo, ficaram nos batéis, bem perto da margem. Por tanto, conservam-se de prontidão, bem alerta e vigilantes. O rapaz «foi ter com as mulheres, e chegando junto a elas, meteram-no no meio de um grande círculo, onde apalpando-o e olhando-o, se maravilhavam sobremaneira».

Estavam nisto quando os que ficaram nos batéis viram descer do monte uma mulher que trazia um pau na mão e, chegando onde estava o cristão, lhe saíu por detrás, levantando o pau e dando-lhe tão grande golpe, que o estendeu morto!

As outras tomaram-no logo pelos pés e o arrastaram para o monte, e os homens correram à praia para atacar com setas a gente que estava nos barcos, entre a qual se achava o próprio Vespúcio.

Os portuguêses ficaram tão confusos, que, estando surtos com os batéis sóbre fateixas, nenhum se atreveu a tomar as armas! Enquanto isto, as flechas choviam nos pequenos barcos e os nativos acometiam com fúria.

Foram disparados, certamente dos navios, quatro tiros de bombarda, que não acertaram; mas, por causa do estrondo, os atacantes fugiram para o monte, onde já as mulheres estavam. Estas faziam o cristão sacrificado em pedaços, assavam-no em um grande fogo, à vista de todos, e mostravam acintosamente porções do corpo do infeliz mancebo, comendo-as em seguida. Os homens faziam então sinais para dar a entender aos estrangeiros que também tinham morto e comido os outros dois cristãos.

Tais crueldades, cometidas com o morto, diz o italiano, pareceram a todos intolerável injúria. Mais de 40 homens da tripulação se aprestaram para saltar em terra e vingar a morte cruel e bestial dos companheiros, mas o capitão opôs-se a isso, terminantemente.

Vespúcio arremata a macabra narrativa dizendo que «êles [os índios] ficaram satisfeitos com tão grande injúria, e nós partimos com má vontade e vergonha por causa do capitão».

Êste episódio, contado de modo tão pitoresco pelo nauta florentino, é sob vários aspectos inverossímil, e não parece difícil demonstrá-lo. Foi rica e hàbilmente arquitectado sôbre interessantes elementos verdadeiros, para produzir fundas emoções nos leitores distantes, já maravilhados com fantásticas narrativas orais de marinheiros, que corriam céleres de bôca em bôca pela Europa ocidental.

O nosso nauta-cronista foi dos mais hábeis nesse gênero de literatura dos descobrimentos. Sabe-se que uma boa parte da fama e da feliz divulgação dos seus escritos é a isso devida. A LETTERA, o MUNDUS NOVUS e as QUATUOR NAVIGATIONES não teriam tido tantos leitores como lograram, se não fôra o romanesco episódio de canibalismo que o seu autor soube engendrar num encontro entre índios e

portuguêses que vinham reconhecer terras virgens e resgatar com ingênuos nativos.

* * *

A esquivança dos indígenas sòmente pode ser explicada pelos agravos recebidos, senão dos portuguêses, naquela mesma ocasião, mas seguramente dos expedicionários de Pinzón e Lepe, cêrca de um ano antes. (54)

Não era natural nos ameríncolas, que pela primeira vez se defrontavam com europeus, aquela invencível desconfiança de que nos fala Vespúcio, embora mesmo as profundas impressões que recebiam com as surprêsas de tantas consas novas de que era portadora a gente estranha.

A experiência, muitas vêzes repetida, demonstrou que em parte alguma se verificavam cenas de violência provocadas pelos nativos, nesses encontros, quando lhes vinham os conquistadores pacìficamente.

Podemos, pois, concluir que os índios do lugar CURUMICUARA ou foram maltratados pelos portuguêses de 1501 ou conheciam e ainda se lembravam dos acontecimentos e violências das expedições espanholas do comêço do ano precedente.

Nestas condições, não é de admirar que os três marinheiros da expedição de Gonçalves tenham sido sacrificados, mas é absolutamente certo que não o foram como descreve Vespúcio.

Os índios que naquele tempo habitavam as costas do Ceará, ao norte da foz do Jaguaribe, eram TAPUIAS, provàvelmente do grupo étnico-cultural TARAIRIÚ ou TREMEMBÉ. Nem uns nem os outros eram antropófagos, não matavam seres humanos para comer, nem mesmo os seus mais valentes inimigos vencidos em combate.

Mas, se eventualmente os portuguêses ali toparam com uma orda *tupi*, TABAJARA ou PETIGUARA, os fatos se teriam passado muito diversamente. Duas hipóteses são possíveis nesse caso.

1ª. — Os tupis teriam sido as vítimas dos espanhóis de 1500, o que não é provável. Então, os três mancebos brancos, se houvessem demonstrado suficiente valentia, teriam sido sacrificados e possìvelmente comidos, mas de modo muito diferente do que registou o florentino imaginoso. Nenhuma mulher armada de pau e à traição poderia ter sido o sacrificador. A morte do estrangéiro e o processo de levá-la a cabo e de tratar posteriormente o cadáver seriam muito diferentes

por isso que deviam obedecer rigorosamente ao complicado ritual usado, nestas circunstâncias, por êsse povo. Nada do que dêsse ritual que agora tão bem conhecemos, figura na narrativa de Vespúcio. Podemos adiantar com segurança que o episódio de decepar o corpo do moço português sacrificado, de assá-lo num grande fogo e de comer porções dêle, mostrando-as à gente dos navios, é inverídico.

2ª. — Os tupis não foram as vítimas dos espanhóis. Neste caso, as cousas ter-se-iam passado sensìvelmente como aconteceram com a expedição de Pedro Álvares Cabral, salvo se, como não afirma nem deixa supor o florentino, testemunha e comparsa, os portuguêses cometeram alguma violência, como aliás era habitual nesses encontros. A não ser assim, os nativos, curiosos, maravilhados e serviçais, não teriam demonstrado nenhuma desconfiança ao jeito do que descrevem as cartas de Vespúcio.

* * *

Acontecimento estranho é o da confusão dos valentes nautas portuguêses, quando atacados pelos índios que observavam, os quais, descendo do monte, acometeram os batéis sôbre fateixas na praia. Como teria sido possível isso, se os marinheiros, homens de guerra, vigiavam todos os movimentos dos selvagens, os seus gestos hostis, os seus preparativos de agressão, etc. ? Por que aquela confusão e tanta surprêsa, perplexidade e desânimo, a ponto de não conseguirem lançar mão das armas, ao seu alcance, para reagir ?

Tais considerações fazem despertar a suspeita de que os nativos, não se conformando com as normas mercantis dos estrangeiros, recusaram entrar em relações com êles. Por isso, os traficantes provocaram um conflito para justificar a apreensão de alguns cativos, por ventura a única mercadoria de certo valor com que se depararam. Êstes, porém, não puderam suportar a reação feroz dos índios, que atacaram com um número muito superior. (55)

* * *

De acordo com a LETTERA, o capitão da frota demorou-se na baía de CURUMICUARA 8 dias. E, ali, o seu primeiro cuidado foi tomar conta da terra para o rei de Portugal.

A frotilha, no dia 25 de agôsto, deixou o ancoradouro. André Gonçalves com Vespúcio, em dois navios, veleja-

ram para o sul; Gonçalves Coelho, no outro, seguiu para o norte, provàvelmente até a foz do rio Pará, percorrendo um trecho de costas cujo reconhecimento, conquanto útil, não devia ainda ser divulgado.

Notas do Capítulo Quarto

1) — Pedro Mártir d'Aghiera escreveu em latim, no decurso do primeiro semestre de 1501, os nove livros de sua primeira DÉCADA, em que narra os descobrimentos de Colombo (três primeiras viagens) e de outros nautas espanhóis, inclusive os de Vicente Yañez Pinzón. Êste trabalho foi traduzido para o italiano (dialeto veneziano) por Ângelo Trevisan; e em 1604, sob o título «Libretto di tutta la navegatione de Re de Spagna de isole et terreni novamente trovati», publicado em Veneza por Albatino Vercellese. Examinámos detidamente um *fac-simile* pertencente ao ilustre cônsul inglês no Ceará, o douto oficial do exército britânico Frank Reginaldo Hull.

2) — Ângelo Trevisan, secretário da embaixada da república de Veneza na Espanha traduziu no mesmo ano da sua composição os 9 primeiros livros da primeira «Década», no último dos quais o protonotário apostólico descreve a curiosa viagem de Pinzón. Mais tarde, Mártir compôs as outras «Décadas», que foram publicadas em edição príncipe em 1511. A segunda edição completa da obra é de 1516.

3) — Oviedo escreveu uma «Relación Summaria de la Historia Natural de las Indias».

4) — Êste célebre pleito, que durou de 1508 a 1527, é conhecido geralmente sob a denominação de «Probanzas del Fiscal e del Almirante» ou ainda, de modo mais abreviado, simplesmente PROBANZAS.

Nêle depuseram numerosos nautas que acompanharam Colombo, Bastide, Pinzón, Lepe e outros descobridores do Novo Mundo. O próprio Pinzón depôs em 1518, em São Domingos e em Sevilha; seu sobrinho Árias Peres, em 1515, depôs em Palos; e vários dos seus pilôtos e marinheiros, em diversos lugares.

5) — Pero Ramírez, que ia na expedição, declarou no seu depoimento, feito em Sevilha, nas «Probanzas» que «fueron deretamente a las yslas de antonio [Cabo Verde] que son del Rey de Portugal a fazer carnaje..... ».

6) — Já explicámos as razões por que, ao nosso ver, se não pede admitir a constância do rumo em derrotas como a de Pinzón, através da zona equatorial do Atlântico. Forçosamente, a pequena armada alcançou a região que as cartas marítimas designam por «região das chuvas equatoriais».

No mapa do almirantado inglês, fôlha correspondente aos mêses de janeiro e março, carta n. 2925, essa zona vai do meridiano de 20° às costas americanas. Uma linha interrompida marca os limites de tal região, assinalada ainda com os dizeres: «Region of Equatorial Rains, Approximate limit of 4 hours fall in the day».

De acôrdo com o ESMERALDO, do sábio cosmógrafo lusitano Duarte Pacheco, a navegação de Cabo Verde para diante exige grande aviso e vigia de dia e de noite «porque nelle [mar] ha muito grandes troboadas que trazem comsigo maravilhosa força de ventos; e cumpre que na hora em que virem algum relampago ou fuzil ou *bulcão* negro [grifamos], amainem suas velas até passar a força de tal vento». Aí está um valioso testemunho, para justificar a narrativa de Pinzón a Mártir, no trecho em que se refere à caligem vaporosa, expressão do cronista para definir com vigor o fenômeno observado pelos nautas no mar, quando deixaram atrás de si as ilhas do Cabo Verde, na época do ano em que viajavam.

7) — Sem dúvida, supondo, por hipótese, que a frota tivesse mantido o rumo constante de SE, com 300 léguas a partir de Santiago, como observa o professor Leite, estaria num ponto do oceano onde a Polar, na culminação inferior, apenas tangenciaria o horizonte e, na superior, não atingiria a 7°. Mas, segundo os cálculos do sábio historiador, Pinzón devia então estar a 1° 56' de lat. boreal, na qual a estrela fanal, a 20 de janeiro (quando se pode avaliar, conforme o descobridor, o desaparecimento do

astro), teria ao anoiteccr a altura de 4°. Considerando, porém, que o rumo que os nautas pretendiam levar, provàvelmente era o de SSO e não o de SO, as 300 léguas de Santiago, com as perturbações conseqüentes das correntes tariam levado os navios a menos de 1° de lat. sul. Ali a Polar se elevaria sôbre o horizonte, fazendo um ângulo pouco superior a 1°, que a tornaria pràticamente invisível, desde que fracas brumas toldassem a limpidez do céu na fímbria do mor.

Vê-se, desta arte, como seria possível que brumas baixas inteceptassem o astro, fazendo-o desaparecido aos nautas. Isto é tanto mais plausível, quanto se sabe que nos anos mais úmidos tais meteoros se tornam particularmente persistentes durante muitos dias e até por semanas.

8) — Informa Ramírez: «...de alli [Santiago] partieron la via del sudoeste para yr en busca de descubrir e pensaron de no fallar tierra dende en tres o quatro meses a acabo de catorze dias dieron en tierra firme...»

9) — A lembrança de Derby realmente não é original; hauriu-a de um compatriota, H. Harrisse (ver «The Diplomatic History of America), e adotou-a depois de examinar detidamente o que sôbre tal assunto escrevera o Barão do Rio-Branco. Êste ilustre estadista-historiador propendia, como resultado de suas investigações pessoais, para fixar o acontecimento nas proximidades de 1°. de fevereiro.

10) — Efetivamente, já a pouca distância de terra, o fundo do mar em frente ao cabo de Santo Agostinho é considerável. O outeiro que sobremonta o cabo é visível, como a ponta Grossa, a 22 milhas da costa; e perto da ponta já o mar tem de 8 a 10 metro d'água. (Gabaglia)

A frota, seguramente, começou a sondar o mar ao avistar a terra, quando estaria, num ou noutro cabo, a cêrca de 20 a 22 milhas. Nesta distância, o fundo do oceano em Santo Agostinho está, atualmente, com 26 a 30 braças d'água. Na ponta Grossa, porém, não terá mais de 12 ou 14 braças. Enquanto no cabo pernambucano o mar já atinge a

16 braças de fundo, a distância de apenas 9 milha, na ponta cearense, cumpre afastar-se dela, para achar igual profundidade, cêrca de 24 milhas.

11) — Descrevendo a PONTA GROSSA, na sua «Corografia da Costa Brasileira», o contra-almirante Raul Tavares„ diz: «Está rodeada de algumas pedras à flôr da agua».

12) — Las Casas, frade dominicano, bispo de Chiapa, célebre pelo seu saber jurídico e caridade, é nesta matéria, sem dúvida, autoridade digna de respeito. Contemporâneo dos acontecimentos que se referem aos descobrimentos do Novo Mundo, chegou a participar de algumas das primeiras expedições e tomou-se de especial zêlo pela liberdade dos índios e em geral pelas cousas americanas. Como bispo de Chiapa, estudou os problemas sociais mais palpitantes de então, fazendo-se notável pela maneira desassombrada como defendeu a miserável sorte dos índios sob o domínio espanhol.

18) — Esta capitulação, descoberta e divulgada por Varnhagem em 1857, na Espanha, reza assim: »El asiento que por nuestro mandado se tomó com vós Vicente Yañes Pinzon sobre las islas é tierra firme que vos haveis descubierto es lo seguiente:... descubristes ciertas islas é tierra firme, que posistes les nombres seguientes: Santa Maria de la Consolacion é Rostro Hermoso... vos el dicho Vicente Yañes quanto nuestra mercede é voluntad fuere seades nuestro Capitan e Gobernador de las dichas tierras de suso nombradas desde la dicha punta de Santa Maria de la Consolacion, seguiendo la costa fasta Rostro Hermoso, e de alli toda la costa que corre al Norueste hasta el dicho rio que vos posistes nombre de Santa Maria de la Mar-dulce com las islas questão a la boca del dicho rio que nombra marinatubulo al qual dicho oficio ó cargo de Capitan é Gobernador...» Foi êste precioso documento publicado na «Rev. do Inst. Hist. e Geog.» do Rio de Janeiro, tomo XXII, pg. 446.

14) — De certo, não pensou Pinzón na invocação a N. S. da Consolación, que a Igreja celebrava no fim de agôsto ou comêço de setembro. Bastou para lhe

despertar os sentimentos religiosos e de reconhecimento à divindade a festa da Candelária que em Espanha era objeto de antiqüíssima devoção. CONSOLACIÓN veio das próprias circunstâncias do acontecimento, que coincidiu ou se aproximou muito do dia da Senhora da Candelária.

15) — Os espanhóis não desistiram fàcilmente das suas pretensões de domínio sôbre tôdas as terras descobertas por Pinzón em 1500. Viram que o meridiano lindeiro cortava estas terras, mas não sabiam por onde. Queriam conservar o que estivesse ao ocidente dêle e de bom grado desistiam do que ficasse a leste. Mas onde estava o limite declarado em Tordesilhas ? Certo, porém, é que em 1515, e mesmo antes, em 1513, sabiam com segurança que o cabo de Santo Agostinho, que confundiam ainda com o de Consolación, estava na parte de Portugal.

16) — Vicente Pinzón, em 1509, com João Dias de Sólis, fez uma viagem pelas costas brasileiras, mas não passou pelo seu cabo de Consolación; fê-lo, entretanto, pelo cabo de Santo Agostinho, que, por ser elevado como aquêle, lhe trouxe o germe da dúvida sôbre a idenficação; daí, a confusão que fêz.

17) — Manuel de Valdovinos, em 1515, declara: «...e alli puso el dicho Vicente Yañes por nombre Rostro Hermoso, que agora se diz que se llama Santa Cruz e Sant Agostin».

No mesmo engano caem Pero Ramírez, Garcia Fernandes e Diogo Colmenero, que, como aquêle, fizeram parte da tripulação dos barcos de Pinzón, em 1500.

A divulgação que os marinheiros fizeram da expedição de 1501, e especialmente os relatórios de Vespúcio, incontestàvelmente, são em boa parte responsáveis pelas dúvidas que anotamos.

18) — Pedro Medina, *in* sua famosa «Arte de Navegar», que é de 1549, ensina que «lo q' mas puede correr (um navio) es en una hora quatro leguas e en una hora tres leguas es grande correr, y en una hora dos leguas es razonable». (*Apud* Duarte Leite)

19) — «e o peor de tudo [diz o Pe. Vieira] he que depois desta tão cançada porfia [navegação do Maranhão em direção para o Ceará], acontece muitas vezes tornarem as embarcações arribadas ao Maranhão, como tambem arribou nesta ocasião a sumaca em que ia o Padre e os soldados para Camocim, tendo gastado cincoenta dias em montar só até o rio das Preguiças, que é viagem que desfizeram em 12 horas».

Ora, diretamente, a distância percorrida pela sumaca sendo de 60 milhas ou 40 léguas, andou o barco em média 3 léguas por hora. Mas, se foi mais, chegado a terra, o percurso cresceu e aquela média subiu.

20 — De fato, a chegada deu-se à tarde do dia 4 de fevereiro; no dia 5 desembarcaram os homens armados e não conseguiram, até a tarde, aver-se com os nativos. Neste dia, certamente, não mais se podiam dar ao trabalho de armar e chantar uma cruz, empreendimento que deve ter ficado para o dia 6. Consumida a jornada neste afã, de certo só teriam partido a 7. Mas um marinheiro, nas PROBANZAS, refere que «alli [no Rostro Hermoso] estovieron ciertos dias». (Garcia Fernandes)

21) — Pois que, navegando dalí mais adiante, acharam *um outro rio* («Décadas», Mártir).

22) — A propósito da identificação dêste rio, ver Cap. Primeiro.

23) — Manuel de Valdovinos, marinheiro da armada, referiu no seu depoimento nas PROBANZAS, que Vicente Pinzón pôs ali «por nonbre ROSTRO HERMOSO.. y el dicho Vicente Yañes tomó la pososion por el Rey e de alli corrieron al norueste hallando en el camino muchos Rios e puertos...». Percebe-se que o marinheiro faz alguma confusão com o ponto onde primitivamente abicou a frota, ou que, pela insignificância dêste, considerou Rostro Hermoso como sendo realmente o lugar onde se apossaram os nautas da nova terra. Cousa semelhante ocorreu com outros marinheiros, depondo 15 anos depois dos acontecimentos, pelo que se há de contar também com a confusão conseqüente do esquecimento.

24) — O revoltante procedimento de Pinzón nas margens do rio Amazonas, aprisionando traiçoeiramente incautos nativos, que se mostravam amigos e confiantes, mesmo no seu tempo encontrou quem o reprovasse acremente. A respeito, escreveu Las Casas: «Nisto que por aquella tierra y rio de Marañon, y gente dellas, no habia oro ni perlas ni cosa de provecho, que era el fin que los traia, acuerda tomar captivos 36 personas, que tomar pudieron, de aquelles humildes y mansos innocentes, confessados por ellos, que á los navios seguramente se les venian... haberse movido estos a hacer estos descubrimentos mas por robar y hacerse ricos, com daños y escándalos captiverios y muertes destas gentes, que por convertilos.» (*in* «Hist. de las Indias», tomo II, cap. 173).

Em outro lugar da sua crônica, Las Casas, referindo-se à viagem de Lepe, diz ainda: «Entraron en el rio Marañon y allir obaron y saltearon la gente que pudieron, donde Vicente Yañes habia tomado don injusticia las 36 animas que se venian pacificas é confiantes a los navios y traindolos por escravos.»

25) — O maior grau de agressividade e desconfiança dos indígenas das costas nordestinas, comparado com tais qualidades dos da bôca do rio Amazonas, em parte se pode atribuir ao estado de lutas que mais freqeüntemente existia entre êles como conseqüência mais ou menos direta da pobreza da terra, onde minguavam os frutos e todos os produtos de uma aconomia coletora. Tais condições tornam o homem mais precavido e vigilante, mais expedito e mais agressivo. Êstes motivos concorreram para que os espanhóis não tivessem conseguido aprisionar índios nas costas do Ceará.

26) — Os ameríncolas, que pela primeira vez se defrontavam com estrangeiros brancos, não podiam saber que o ouro era por êles tão ambicionado, que constituía a vista dêle um eficaz chamariz. Ver *in* «Brasil», o que a respeito diz Zeferino Cândido; e Duarte Leite, *in* «Os Falsos Precursores de Álvares Cabral».

27) — Isto é atestado por várias passagens das PROBANZAS; depoimento das tertemunhas.

28) — O pilôto da expedição, Bartolomeu Roldan, diz que seguiu no rumo de SW ao partir de Cabo Verde; Alonso Rodríguez refere que levaram «la via del sudoeste quinientas leguas pouco mais o menos». O mesmo rumo é atestado por Cristobal Garcia: «que seguyendo el dicho viaje tomaron su derrota desde la ysla del fuego de cabo verde e fueron corriendo en el sudoeste». Êste rumo também é confirmado pelo tripulante Luís del Valle que assim se expressa: «corrieron al sudueste fasta que fallaron la tierra».

Parece, pois, que Lepe pretendeu conservar êste rumo para o SW; as correntes, os ventos e as tempestades não permitiam tal constância. Aliás, já fizemos observar que em travessias do oceano Atlântico, naquele tempo, não seria possível prever ou definir o ponto de arribada sòmente em função do rumo que os nautas desejavam manter. Os desvios, para a direita ou para a esquerda, deviam ser consideráveis. A resultante dos vários rumos e a precária estimativa das distâncias pecorridas não permitiam definir uma resultante geral.

A discussão em tôrno desta matéria não comporta rigor; dela apenas é permitido colher indicações grosseiramente aproximadas.

29) — Efetivamente, êstes dois marinheiros da expedição assim se exprimem: Alonso de la Calva diz «que llegaron a la tierra a una baya que este testigo e los otros que yban juntos le pusieron nonbre san julian, e en la dicha baya e tierra que dicho ha no hayaron lenguas ningunas»; Cristobal Garcia afirma: «dende el Rio de san julian». Por tanto, rio e baía; provàvelmente um amplo estuário de rio, que parece ajustar-se satisfatòriamente ao do rio das Piranhas ou Açu. Esta identificacão, entretanto, não satisfaz plenamente, pois colide com o que se depreende do mapa de Juan de la Cosa, onde êste rio traz a inscrição «r° de basyabariles», parecendo que o «san julian» de Lepe ficou no trecho em que o pergaminho apresenta um rasgão de que resulta certa solução de continuidade na nomenclatura, justamente do trecho em questão. Vê-se no mapa, interrompido pelo rasgão referido, o nome de um rio que devia desembocar a oeste e muito perto da

inflexão continental, pois nesse lugar está «r°» e mais uma letra, que tanto pode ser um **S** como um **F**. Caso seja um **S**, bem pode acontecer que o vocábulo desaparecido seja Julian. Ora, ali, o único rio que existe para identificar com o São Julião é o da Água Maré, que, realmente, apresenta um estuário muito entulhado pela areias movidiças das praias. É possível que em 1500 o estuário fôsse mais fundo e amplo, dando a impressão de uma baía.

Aliás, como vimos no texto, identificámos a enseada de Água Maré com a «Grã Baya» do mapa de Gaspar Viegas, e esta circunstância parece indicar que outrora a referida enseada apresentasse notável vulto. No mapa n. 2803 dos PORTULANOS de Eggerton (1510), está, imediatamente a oeste da inflexão continental, onde começam os arrecifes assinalados com cruzinhas, um largo estuário de rio.

30) — Outros tripulantes foram igualmente expressivos.

O pilôto da expedição, Juan Rodríguez, observa: «Diego de Lepe é su compañia descubrieron desde el cabo de Sant Agostin fasta Paria.» Note-se a confusão de Santo Agostinho com a ponta de Santa-Cruz ou a inflexão continental. Isto é sobremodo interessante neste depoimento de Pedro Sanchez del Castilla: «é llegaron á la punta que se dize de Santa Cruz, al Sur o al Mediodia». Porém, sob êste aspecto, é mais interessante o depoimento de Cristobal Garcia, onde diz: «fallaron tyerra e dieron en *la punta del este* e de ayí fueron descubrindo el dicho diego de lepe... por la costa de luengo fasta parya».

A inflexão continental, para os nautas, era *la punte de este*, o extremo oriental do continente sul-americano, isto é, cabo de Santa-Cruz de alguns mapas coevos.

31) — «La buelta del sur» era para os navegantes o contôrno inflexional da costa para o sul, na altura da ponta do Calcanhar, «la punta de este».

Lepe, sem dúvida alguma, de São Julião, onde abicou, foi a esta ponta, onde a costa começa a se voltar para o meio-dia. Reconheceu a nova dire-

ção e, possìvelmente, não penetrou muito pelo canal de São Roque por causa das dificuldades de navegação que encontrou. Retrocedeu a São Julião, que ficava bem perto, e continuou para oeste, ao longo da costa. A expressão para oeste ou *poniente*, que encontramos em alguns depoimentos neste caso, está correta, por que, de fato, a linha da costa num trecho apreciável alí corre para o ocidente, acompanhando muito de perto o paralelo sul de 5°. Sòmente depois de alcançar a ponta Redonda é que toma a direção de NW ou, mais precisamente, se mantém dentro do quadrante de NW.

32) — No Capítulo I e nas suas notas, mostrou-se o grau de precisão do traçado da costa, da inflexão continental até o rasgão do pergaminho que suprimiu trechos das costas do Piauí e Maranhão, isto é, ao longo de parte da costa rio-grandense e tôda a costa cearense. A facilidade das identificações feitas indica que a exatidão da nossa linha de costas nesse mapa é digna de admiração. Em certos trechos, a exatidão do contôrno torna-se interessantíssima, como naquele que tem por centro o Rostro Hermoso (Mucuripe).

Tudo leva a crer que, no trecho em questão, Cosa teve o esbôço de Lepe como guia; isto mostra o interêsse que o autor da figura ligou à confecção do trabalho cartográfico.

Não está fora de muito propósito aventar a hipótese de que o mapa publicado em 1511, atribuído a Pedro Mártir, seja uma cópia da carta de marear organizada por Lepe para o Bispo Fonseca, que o cronista conseguiu obter e, por ventura, fêz aperfeiçoar um pouco e reduziu, para a tornar cômodamente manuseável.

33) — A entrada de Diogo de Lepe no rio Maranhão, denominação que em Espanha se aplicava freqüentemente ao rio Amazonas, é fartamente testemunhada nas PROBANZAS. Garcia Cristobal relata: «e estuvieron en marañon e ally lebantaron al dicho diego de lepe descubrydor once onbres». Luís de Valle, por sua vez, diz: «e que fueron a dar al Rio grande que se llama marañon e de alli fueron á dar la paria».

34) — Parece que, no Rio-Grande ou Maranhão (Amazonas), houve sério conflito com os índios, escarmentados com as injúrias de Vicente Pinzón, quando por ali esteve cêrca de um mês antes. Os indígenas já não foram a bordo dos navios, queriam que o Capitão fôsse a terra.

35) — O célebre navegador fidalgo Alonso de Hojeda diz: «vyó este testigo [Pinzón] yr a descubrir e vyó la figura que a sus Altezas truxeron». O pilôto do rei, Pedro Ledesma, é mais explícito, diz: «é lo vido este testigo bolver é traer la figura de todo lo quel descubriu».

36) — Eis o que a respeito declara Árias Peres: «lo sabe por que tanbien le mostro la tierra que trya debuxada.» Árias, cumpre observar, na sua resposta à pergunta referente aos descobrimentos de Lepe, talvez propositalmente, faz esquesita confusão com a pretendida viagem de descobrimentos de Francisco Velez, que teria ido além de Lepe pela costa sul do Rio-Grande do Norte. Daí, ser conveniente ter certa reserva quanto à figura de Lepe, vista por Árias. Isto não põe em dúvida o célebre documento cartográfico, mas apenas o depoimento do sobrinho de Vicente Pinzón. Não consta que êste Francisco Velez haja confeccionado nenhum *croquis* das costas nordestinas do Brasil. Se realmente Árias viu algum debuxo destas costas, foi o de Lepe, pois, se fôra o de seu tio, ter-se-ia tornado mais claro ou preciso.

37) — Supõe-se que Américo Vespúcio serviu também na casa comercial de Juanoto, provàvelmente depois da morte de seu chefe, em dezembro de 1495. De qualquer maneira, as suas ligações com Berardi trouxeram-lhe amplos conhecimentos dos descobrimentos marítimos e das suas maravilhas, e despertaram no insofrido florentino o desejo de empenhar-se em aventurosas viagens.

38) — Vespúcio, nos seus relatos, não fêz propositalmente referências ao comandante da frota que, em 1501, veio ao Brasil. Do capitão da esquadra de 1503 apenas menciona o nome, para inculcar falta de pe-

rícia náutica e outras qualidades negativas. «O nosso capitão-mor [escreve] era homem presunçoso e obstinado.» (Da carta de 4-9-504 a Soderine).

39) — Não há dúvida sôbre o relativo valor histórico das cartas de Vespúcio. Quase que sòmente por elas temos a notícia e os detalhes da expedição portuguêsa de 1501 ao Brasil. A contribuição informativa referente à segunda expedição, em 1503, não é desprezível.

40) — Como cosmógrafo, deixa muito a desejar. Evidentemente, era inferior aos técnicos portuguêses coevos. O próprio Vignaud, sempre disposto a exaltar os seus méritos, reconhece a sua deficiência nesta matéria. Realmente, as suas informações a respeito das constelações do hemisfério sul são lastimàvelmente ingênuas. Não fêz êle descobrimentos pelas costas do Brasil. Percorreu longos trechos virgens, mas sempre a serviço de capitães portuguêses. Mesmo quando de Coelho se apartou (expedição de 1503) e diz ter ido a Bahia, a cujo gôlfo pôs o nome de BAHIA DE TODOS OS SANTOS, e dali seguido para o sul percorrendo mais de 260 léguas de costas, malgrado seu egocentrismo, sòmente fala no plural; de mais, essas costas já tinham sido visitadas pela expedição de 1501.

41) — Ver Cap. II.

42) — O historiador Duarte Leite acha possível que parte da expedição de 1503, cindida no dia de S. Lourenço, nas ilhas de Fernando de Noronha, tivesse aportado ao cantinente fronteiro daquelas ilhas e delas distante apenas 60 léguas, por ventura na costa cearense.

43) — Afora êstes documentos oriundos de Vespúcio, há que consultar outros que trazem positivas referências à viagem de 1501 ao Brasil, como o relatório do PILÔTO ANÔNIMO, a conhecida carta de La Faitada (Giovanni Francesco), etc.. Mas, cumpre especialmente referir o cronista Antônio Galvão, que assim resume o trecho que nos interessa: «neste mesmo anno de 1501, e mez de Mayo partirão tres navios da Cidade de Lisboa por mandado del

Rey D. Manoel a descobrir a costa do Brasil, e forão a ver vista das Canarias, e dahi o Cabo Verde, tomarão refresco em Beziguiche, passada a linha da parte do Sul, forão tomar terra no Brasil em cinco gráos daltura, e forão por ella até trinta e dous pouco mais ou menos, segundo sua conta, donde se tornarão no mez de Abril por haver já lá frio, e tormenta, pozerão neste descobrimento, e viagem quinze mezes, por tornarem a Lisboa na entrada de Setembro». A fonte, parece, foram as cartas de Vespúcio, mas não é evidente.

O MUNDUS NOVUS do nauta italiano, segundo as pacientes pesquisas de Vignaud, teve as seguintes edições e reproduções. O original perdeu-se. A tradução latina de Giocondo deu lugar às versões: a) alemã de Nurembergue (1505); b) alemã de Estrasburgo (1506/8); c) alemã de Lípsia (1515/16); d) italiana de Ferrara. Esta, por sua vez, originou as seguintes: a) latina de 1508; b) francesa de 1516; c) alemã de 1508; e as reproduções: a) de Varnhagem (1865), e b) da Reccolta Colombiana (1893).

Temos ainda: a varsão italiana dos PAESI (1507), e, finalmente, a versão italiana de Ramusio (1550/1613), que deu lugar às seguintes reproduções: a) de Bandini (1745); b) Canovai (1817); c) a tradução inglêsa de Leister (1853) e d) francesa de Charton (1855).

44) — E, provàvelmente, como devia ser natural, deixou sinais materiais de posse. Êstes sinais não foram encontrados; se existiram, bem possível é que tenham sido soterrados pelas dunas movediças, que sempre, como hoje, havia por ali.

45) — Ver Cap. II. Como nêste capítulo se observa, há dúvidas quanto ao capitão que conduziu a expedição. *In* LENDAS DA ÍNDIA, a propósito do emissário de Cabral, Gaspar Correia diz: ... E mandou [Cabral] ANDRE GONÇALVES que fosse correndo a costa sempre e quanto pudesse e trabalhasse por lhe ver o cabo.» Todavia, estudos modernos tendem a reivindicar o comando para Gaspar de Lemos, de acôrdo com alguns cronistas. O professor tedesco Hüemmerich é dos que concluem em favor

de Gasqar de Lemos. Não conhecemos o trabalho dêste americanista, mas os seus argumentos, parece, moveram a opinião de Capistrano de Abreu, como se vê nos «Prolegômenos» ao livro I da «História do Brasil» de Frei Vicente. Malgrado os ensinamentos do autor do «Vasco da Gama», continuamos a admitir, como está no texto, o comando de André Gonçalves, sem que, entretanto, ponhamos nisso absoluta convicção. Que a questão ainda está por ser definitivamente resolvida é prova a opinião do sábio professor Duarte Leite, em tais assuntos sempre abalizado, de que o capitão da expedição foi Fernão de Loronha, como se lê no seu belo trabalho O MAIS ANTIGO MAPA DO BRASIL.

46) — Duarte Leite prefere o dia 13 de maio, que também adotámos por ser o que regista a carta ricardiana, escrita pelo próprio Vespúcio, mesmo no decurso da viagem, sòmente poucos dias depois da partida.

Os argumentos com que o nosso historiador Varnhagem pretende demonstrar a inautenticidade desta carta não nos convenceram, por deficiência de lógica.

47) — Acha-se confirmação dêste encontro *in* «Relação do Pilôto Anônimo». O seu autor refere: «Chegamos no Cabo de Boa Esperança no dia da Paschoa Florida e aí achamos bom tempo, com o que proseguimos e viemos á primeira terra perto do Cabo Verde que se chama Bezeguiche, onde achamos tres navios...» O documento é interessante. Embora o original se tenha perdido, merece fé a tradução que dêle fêz para o italiano Giovanni Matteo Cretico, para Ângelo Trevisan, publicada pela primeira vez nos PAESI NUOVAMENTE RETROVATI, em 1507.

48) — Se realmente o número de dias que a frota passou no mar foi de 67, o percurso diário apenas atingiu a 10,5 léguas, média muito baixa. Deixa, entretanto, supor que as tempestades e desvios insólitos atrasaram a derrota. Vespúcio contava as léguas como se fôssem de 15 ao grau (Navarrete) quando ainda em Espanha, segundo Enciso, eram de 16 e 2/3.

49) — É natural que êste trecho de incerta jurisdição tendesse a um acentuado retraimento. Pode-se admitir que, antes da expedição de 1501, chegasse ao sul do local onde a respectiva frota abicou. Indubitàvelmente, os nautas de Coelho que se apartaram da esquadra na angra de S. Raque, na altura de 3° 24', seguindo para o norte, iam reconhecer êsse trecho, e o fizeram até o rio Amazonas. Êles não podiam, ou não deviam, publicar os seus esbôços cartográficos referentes a tais costas, e muito menos assinalar-lhes inscrições e topônimos que traíssem o reconhecimento clandestino. Daí, a falta de nomenclatura que se nota no mapa de Cantino, onde aliás, o contôrno costeiro oferece impressionante precisão, comparado com os de alguns outros mapas dos primeiros lustros do século, como os de Eggerton, Maiollo, etc..

50) — Ver os pontos assinalados na figura 2.

51) — Mesmo por que não seria possível algo assinalar mais ao norte, no trecho então considerado oficial ou tàcitamente como de incerto domínio. O marco de pedra encontrado na «Praia do Marco», no Rio-Grande do Norte, um pouco ao oeste da ponta do Calcanhar, entre esta e a dos Três Irmãos, em frente ao recife ou urca da Cotia, com as armas de D. Manuel, pode à primeira vista parecer uma prova concreta e irredutível de que a expedição de 1501 abicou ali, mais ou menos a 5° de latitude austral. Notemos, porém, que: 1°. — o cronista da expedição e todos quantos a ela se referiram não mencionam a implantação de marco de posse; e, mesmo quando Vespúcio fala no ato de posse, nenhuma alusão faz a qualquer marco que ali se houvesse então chantado; 2°. — é possível que êsse marco provenha da expedição que primeiramente visitou aquelas paragens. Sabe-se que João da Nova por ali andara meses antes, sendo o primeiro capitão que à costa nordestina abicara por ordem do rei para fazer reconhecimento; fôra mesmo o primeiro, depois do descobrimento, que trouxera esta missão. Devia, naturalmente, como fizera Cabral muito mais ao sul, tomar posse da terra, em nome do rei, e sem dúvida assinalar o feito materialmente com um marco

de pedra, adrede confeccionado em Lisboa. De que Nova aportou pelas imediações da inflexão continental e chegou a reconhecer êste acidente, temos positivo indício no topônimo que Cantino registou no seu mapa, para indicar o acidente — Cabo de São Jorge.

52) — A Angra de CURUMICUARA está a 3° 24' de latitude austral. Pacheco, como vimos, dá para a de São Roque 3° 30'. A diferença, para o tempo, é pràticamente inexistente.

53) — A identificação do Santo Agostinho de Vespúcio não é cousa líquida.

54) — Ver Caps. I e III.

55) — O Dr. Sophus Ruge, *in* «História da Época dos Descobrimentos Geográficos», dá a seguinte versão ao episódio: «O chefe da expedição mandou que a sua gente entrasse em relações com os indígenas para efeito do tráfego e câmbio de gêneros; porém imediatamente originou-se uma contenda e os expedicionários viram que um dos seus marinheiros foi morto, assado e comido na praia pelos selvagens.» Mostra êste pequeno trecho da grande obra do professor alemão, aliás pouco versado em etnologia americana, que, no seu conceito, a teatralidade de exposição de Vespúcio foi além do que parecia razoável.